

Semana

REVISTA DA

Nº 29 — 19 de julho 58 — Cr\$ 10,00



Bruxelas -
UMA BRASILEIRA VÊ A "EXPÔ"
MARIA ESTER TRAZ OUTRO TÍTULO
COMO COMEÇARAM OS CAMPEÕES





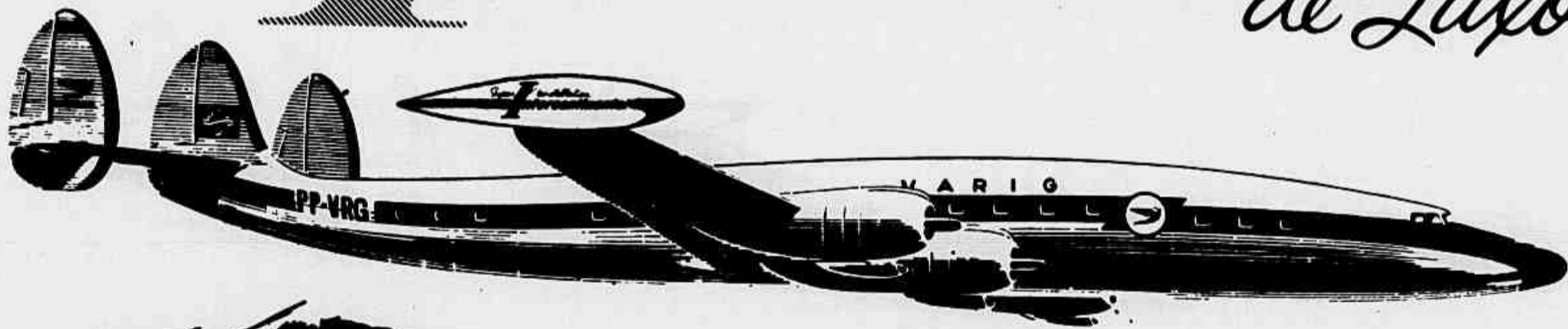
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas «sleeperettes» e um esmerado tratamento a bordo.

- Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

REPORTAGENS

Começaram bem os campeoníssimos	4
O maior nome do ballet russo	8
Também o tênis deu ao Brasil	11
O homem dos olhos frios	13
A bela adormecida de 60 milhões	20
A embaixatriz da poesia	31
A propósito de teatro, por exemplo	38
A verdade sobre a exposição de Bruxelas	44
O teatro Castro Alves pegou logo	57
A semana deixou estas lembranças	64

SECÇÕES

As verdades de Mariuzinha Maranguape	10
Literatura e Arte	18
Palavras cruzadas	42
Modas	51
Encontro com Chuck	54
Humor (Ambrósio)	58
Trapézio	59
A «Revista» há 50 anos	63

NOVELA POLICIAL

O Mistério do Arayado	26
-----------------------------	----

CONTO

O homem alto	34
--------------------	----

CRÔNICA

As Marias	66
-----------------	----

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Comercial: Joffre Amado. Diretor-Secretário: Aluizio Alves — Rua Visconde de Maranguape n° 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2822; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chinglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas n° 502 — 19° andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.

DE ONTEM E DE HOJE...

Crônica de GUIMA

DE São Paulo, Hélcio Carvalho de Castro envia um questionário marôto, desafiando o íntimo dêste seu amigo tímido, encabulado e meio pacato: "Você se considera plenamente realizado? A que atribui êsse resultado? Se lhe fôsse dado recomeçar, o que é que faria?..." E, para aumentar o meu embaraço, ordena indiscreto: "Diga (depressa) o nome de sua primeira namorada e qual a influência que ela pode ter tido em seu destino".

Confesso que, no capítulo, as minhas andanças foram modestas e seria fácil atender à primeira parte da resposta, ao menos. Prefiro calar-me, entretanto, considerando que a indicação não ofereceria maior interesse. E toco no assunto, nesta crônica da semana, porque os dias trouxeram um motivo: a volta de "O Ladrão de Bagdá", desenterrando a lembrança de Julane x Johnstone, que tanto abalçou as minhas preferências aos 13 anos!...

Foi bem apressado, quase sôfrego, que saltei ao auditório da ABI, logo na primeira sessão. Para ficar um tanto decepcionado, entretanto!

Aqui entre nós, depois de haver revisto a heroína de Douglas vai — que também foi minha, senhores — posso garantir que o meu bom gosto melhorou muito com o correr dos anos. Ora se!...

A PROPÓSITO, o festival do Museu de Arte Moderna do Rio, falando de sucessos antigos do cinema de Tio Sam, trouxe outra figura, que era aguardada com certa ansiedade: Rodolfo Valentino, o galã da cena muda, que morreu tão cedo (aos 31 anos) e no auge da carreira, só porque na época ainda não se conhecia a penicilina, por exemplo.

E muita balzaquiana (mais que isto, realmente) estêve nas poltronas, enxugando uma lágrima teimosa. Menos pelas saudades do moço da tela do que pelas próprias recordações que êle provocava, de uns tempos que já vão ficando longe...

E SEJA o telegrama da Túnis, participando a monogamia naquelas bandas: "De acôrdo com alteração feita, a 4 do corrente, no Estatuto Pessoal dos Tunisianos Muçulmanos, está proibida a êstes a poligamia, mesmo que o novo casamento não tenha sido contraído de conformidade com a lei sobre o matrimônio".

A comunicação esclarece que, até então, os tunisianos muçulmanos podiam casar-se com quatro mulheres, no máximo, mas tinham a obrigação de "ter o mesmo comportamento físico e moral com cada uma delas". O que ao mesmo tempo reconhece: "era muito difícil de fazer-se..."

E o Botafoguinho começou bem, apesar dos receios deixados pela presença e pela responsabilidade de tantos nomes de maiores. Não houve surpresas desagradáveis, ainda bem: a rapaziada da blusa alvi-negra fez valer o título de campeã e justificou os milhões e as faixas de Didi e Zagalo, Nilton Santos e Garrincha. Embora assustasse um pouco, na fase final, quando o Fluminense se atirou com apetite contra as balizas de Ernani.

E JULHO continuou caminhando. Na toada de sempre...

CONTATO

SUZANA Freire, a simpática intérprete de "Gigi", por nós entrevistada no n.º 21, prossegue na sua carreira vitoriosa à frente do elenco do Teatro Copacabana. É a bela argentina (que aparece na capa numa foto de George Reynaud Gafner) um dos principais responsáveis do êxito, entre nós, da peça de Colette, que acaba de atingir a sua centésima representação.

NO mesmo "Convair" da Varig que levou aos Estados Unidos a bela Miss Brasil de 1958 — Adalgisa Colombo, seguiu o responsável pelo nosso Departamento Especializado — Hélio Polito, que fará, em Long Beach, a cobertura completa, para a Revista, do concurso de Miss Universo.

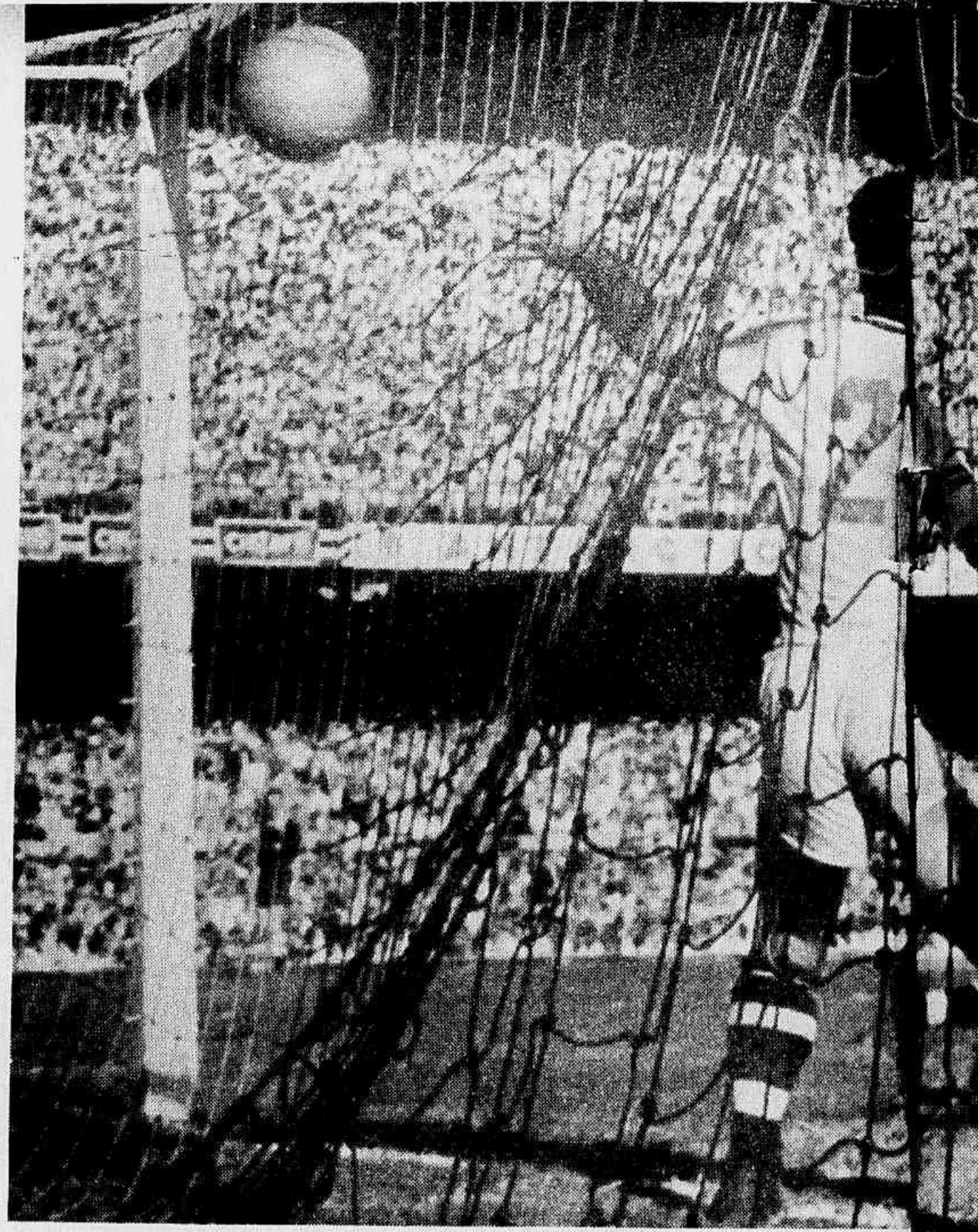
PROSSEGUE a publicação seriada de "O Homem Alto", novela inédita de Aníbal Machado, o grande contista de "Vila Feliz". A curiosa história dos complexos de um cavaleiro de 1m e 45 de altura toma, nesse segundo capítulo (também ilustrado por Poty), aspectos mirabolantes, curiosíssimos. E, na última página, prossegue o rodízio de cronistas, com a apresentação de "As Marias", delicioso trabalho de Eneida.

O futebol continua em manchetes, agora através da etapa inicial do Campeonato Carioca (reportagem à pág. 4). No último domingo, com as lembranças ainda frescas da memorável vitória na Suécia, a população do Rio acorre ao Maracanã para rever alguns dos heróis da "Copa do Mundo" no encontro entre Botafogo e Fluminense.

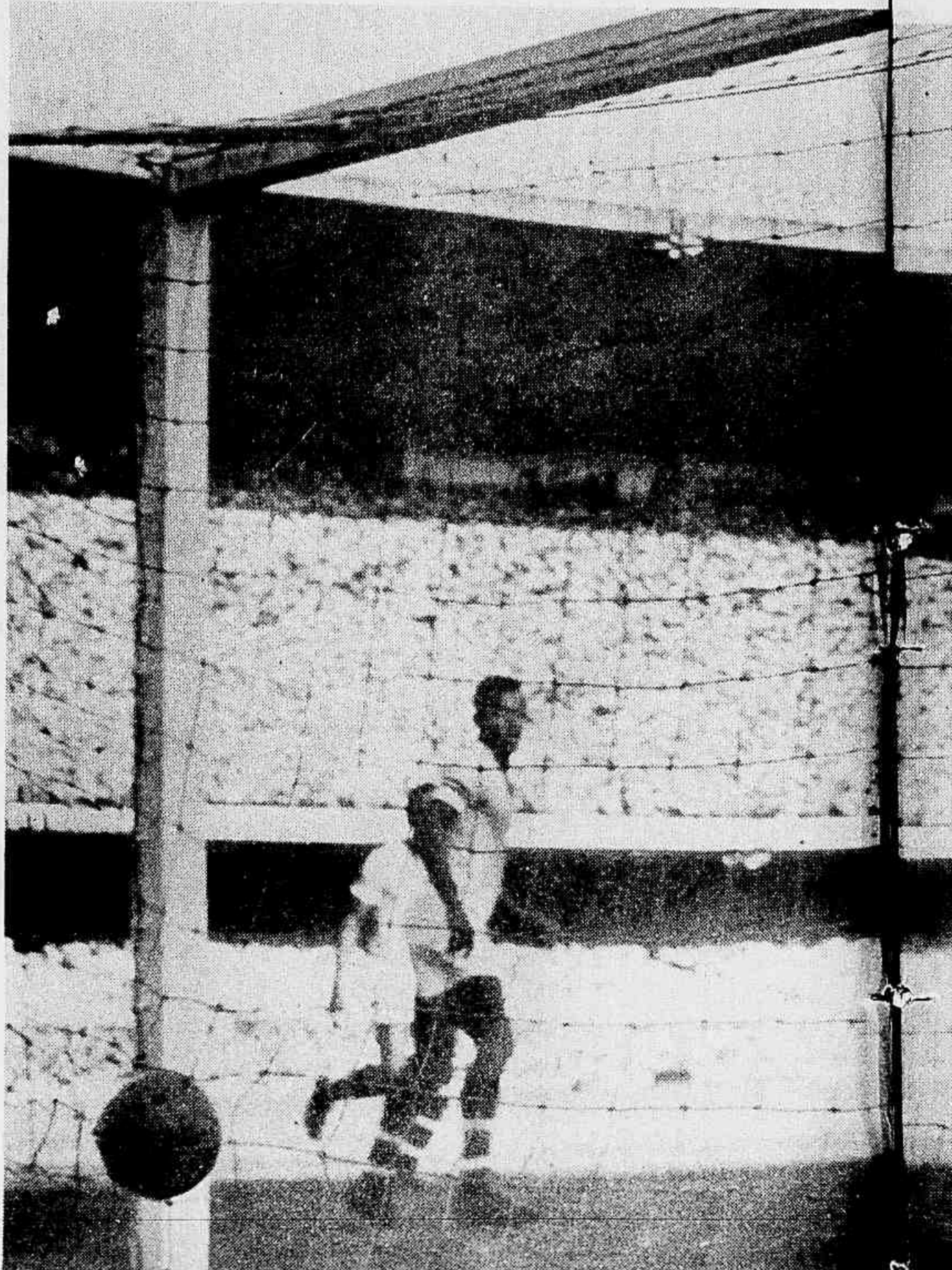
MAS nem só o futebol faz vibrar o brasileiro. Lá fora, desta vez na Inglaterra, alcança Maria Ester, no Campeonato Mundial de Tênis, novos louros para nós. (Reportagem na página 11).

UMA brasileira diz a verdade sobre a "Expô-58". Leila Marise, depois de dois meses em contato direto com a grande feira internacional de Bruxelas, conta-nos pormenorizadamente o que viu, revelando aspectos novos, inclusive sobre a participação do Brasil.

NO Rio, o teatro soviético — e com ele, o maior bailarino russo da atualidade — Chabukiani, que leva, na última segunda-feira, uma multidão elegante ao Teatro Municipal.



OS DOIS "GOALS" DO BOTAFOGO — Batido, Castilho olha abre os braços e estende a perna. Sem sucesso, também.





olha

Ivan esticar a mão. A-tôa. Da outra vez (em baixo), êle próprio



Começaram bem...

OS CAMPEONÍSSIMOS DO CAMPEÃO

O FUTEBOL CONTINUOU obrigatoriamente nas manchetes, através do início do campeonato carioca, com um clássico tradicional: Botafogo x Fluminense. Com a particularidade de marcar como que uma "revanche" do último jogo do torneio do ano passado, em que os alvinegros, vencedores, tornaram-se campeões; e, ainda, por trazer de volta ao Maracanã alguns dos mais famosos integrantes da seleção nacional, campeã do mundo: Newton Santos, Garrincha, Didi, Zagalo e Castilho — este, do Fluminense e os demais do Botafogo. O interesse despertado pode ser medido pela renda: Cr\$ 2.867.891,00 — sendo de observar que a partida não foi transmitida pela televisão.

A rigor, o jogo não correspondeu à expectativa, só sendo mais movimentado no primeiro tempo, quando o Botafogo fez os dois "goals": o primeiro, de Paulinho, aos 21 minutos; o segundo, aos 36 minutos, de Quarentinha, ao receber esplêndido passe de Garrincha, após um dos seus espetaculares "rushes" em que deixou para trás o seu marcador. No segundo tempo, talvez por um pouco de cansaço dos jogadores, ainda não afeitos aos rigores de uma partida, o encontro perdeu a vivacidade, embora o Fluminense se mostrasse bem melhor que o adversário. Foi então, aos 34 minutos do segundo tempo, que Mário, numa jogada pessoal,



Paulinho manda o pé, mas Castilho anda mais rápido, puxando a bola e escorando-a nos joelhos. Em baixo, o goleiro tricolor atira-se e é a vez de Ivan olhar, torcendo: valeu, porque a bola não entrou.



PRIMEIRO PASSO PARA O BI ?

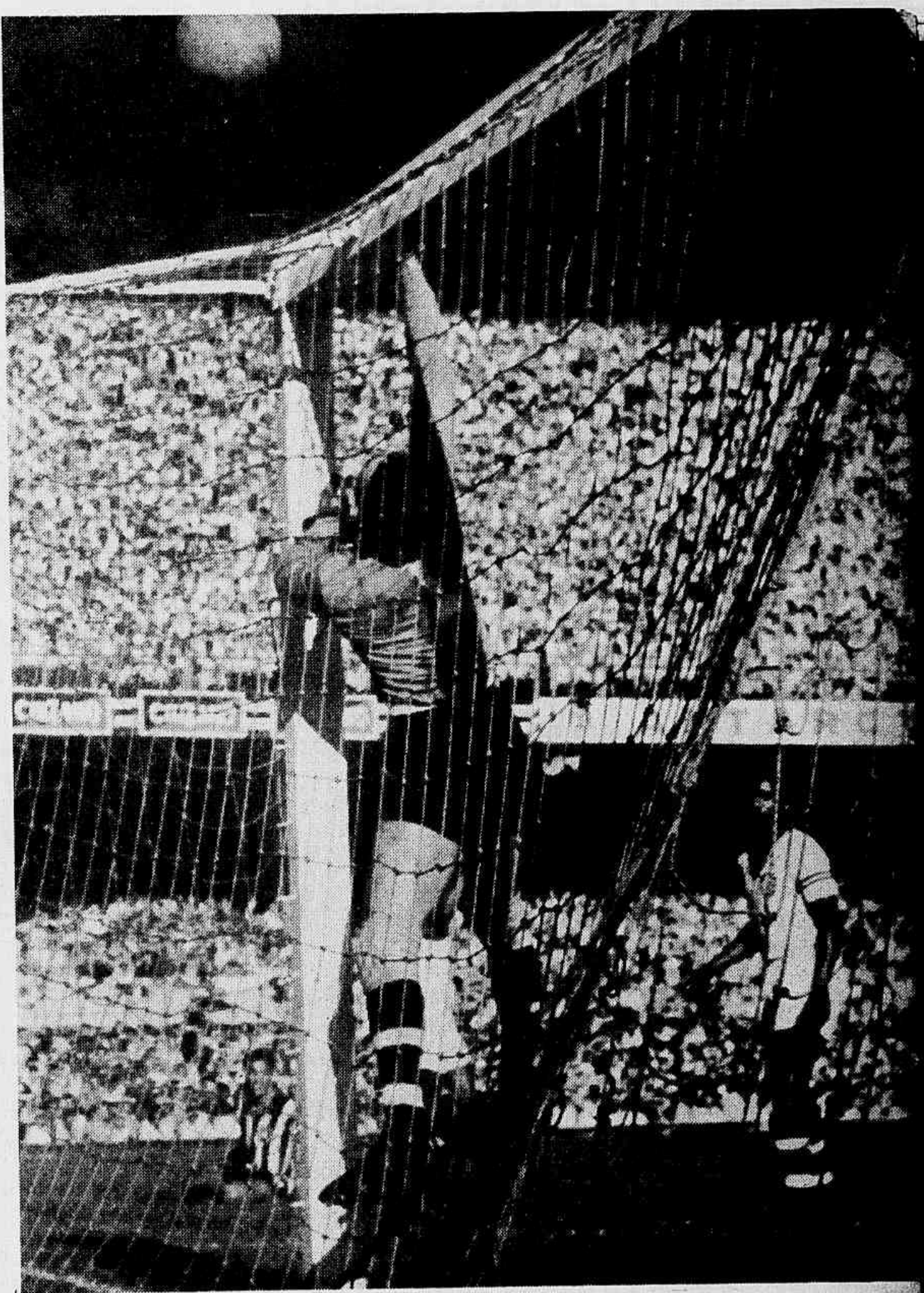
avançou decidido, driblou Tomé e atirou forte: a bola tomou efeito, enganou a Ernani e ganhou o fundo das rês.

As impressões deste primeiro encontro têm que sofrer as ressalvas quanto à falta de entrosamento de alguns jogadores (como o caso de Zagalo) e, principalmente, o período de inatividade de outros, em relação às partidas oficiais. Não obstante, ficou mesmo confirmado que o Botafogo será realmente um grande candidato, para o que, aliás, não está medindo esforços nem despesas.

Ernani não foi um goleiro cem por cento eficiente, já que em duas ocasiões, interveio mal — embora tivesse a sorte de não haver "goal" contrário. Cacá foi discreto, mantendo um padrão de regularidade e Tomé esteve dentro das suas possibilidades limitadas. Newton Santos, como de hábito, foi o grande nome da defesa. Beto mostrou-se bem, sendo um elemento de grande utilidade, ao contrário de Servillo, que constituiu um ponto fraco do "team". Na linha, brilhou Garrincha, com o seu jogo espetacular, agora mais produtivo para o conjunto. Didi esteve discreto, uma vez ou outra impondo a sua classe. Paulinho e Quarentinha esforçados, mas sem realce e Zagalo ainda bastante deslocado, sem o entrosamento na equipe, o que bem se compreende por não ter havido tempo para treinamento.

No Fluminense, Castilho foi um bom "keeper", sem ser culpado dos dois "goals" que deixou passar. Ivan, regular e Roberto discreto, melhorando na fase final. Enquanto Telê andou meio às tontas, Clóvis com altos e baixos e Dodô foi superado por Garrincha, nitidamente. Na linha, Mário em um ponto ligeiramente mais elevado, dentro de um padrão médio geral.

Assim, começaram bem os campeoníssimos do Botafogo. Neste primeiro passo para o bi...



Castilho salta, confirmando a sua presença, mas a bola já estava fora.



Nilton Santos, Garrincha, Didi, Zagalo. Faixas a tiracolo e milhões nas chuteiras. Depois de maiores do mundo, saem para o título de campeões cariocas.

CHABUKIANI NO RIO

QUANDO ESTA crônica sair publicada, já teremos verificado se a dança de Vakhtang Chabukiani corresponde na realidade à fama que precede este artista como o maior da Rússia de hoje. Difícil, sem dúvida, afirmar se o maior ou o melhor, quando há outros como Preobajensky, Yermolayev, Sergueev que não conhecemos. Mas certamente o mais importante é, pois nenhum tem o prestígio deste Chabukiani, de quem o mundo de ballet ocidental ouve falar há tantos anos, muito antes de ter sido levantada a "cortina de ferro" do ballet soviético. Mesmo depois de começado o intercâmbio, confesso que jamais imaginei ver aqui, tão cedo e em pessoa, o celeberrimo dançarino, que mais parecia uma figura de lenda dos livros de ballet e dos filmes de dança.

O cinema trouxe a primeira visão do ballet atual na Rússia por intermédio dos Festivais de Filme e Dança, tantas vezes realizados no Rio, que o "pas de deux" de "La Bayadère" revelou Chabukiani, ao lado de Dudinskaya, dançando com agilidade felina, elevação e técnica prodigiosas. Mas os filmes dão apenas uma idéia, a prova só pode ser dada pelos dançarinos do Bolshoi de Moscou, tivemos uma prova da qualidade da escola, do estilo de dança, desse ballet soviético tão discutido ultimamente.

Como será a prova dada por Chabukiani com seus bailarinos, vindos diretamente da Geórgia para esta "tourné" pela América Latina? Mais do que em qualquer outro país, o ballet na Rússia é a continuação direta do bailado clássico, tal como era praticado no século 19. É uma tradição de séculos que não sofre interrupção, uma escola conservada e cultivada cuidadosamente, apesar das transformações políticas. O curioso é que nem mesmo as novas diretrizes artísticas de Fokine, o movimento de vanguarda de Diaghileff, a modernização do ballet que aconteceu na Europa ocidental e depois na América, atingiram o ballet da Rússia. Isolado como ficou, do resto do mundo, nada recebeu dessas novas correntes de arte, das metamorfoses do nosso ballet. Talvez por isto, no ballet soviético, se a parte técnica aperfeiçoou-se de maneira incrível, a fim de transformar o corpo do dançarino num instrumento para a conquista do espaço e da gravidade — em matéria de gosto o estilo ficou na década dos 20, não evoluiu esteticamente. O que impressiona, em definitivo, é sentir na dança deles não um pretexto para satisfazer ambições, vaidades ou interesses pessoais — mas verdadeiro amor pelo ballet, devoção completa para com sua arte. Será um dos seus segredos?

Mas, voltando a Chabukiani, a sua importância se desdobra em três: o dançarino, o coreógrafo e o professor. Um menino pobre de Tiflis, na Geórgia, ao sul da Rússia, ele parecia destinado ao ballet. O recital de um bailarino famoso — Mordkin — e a presença na cidade de uma professora italiana, decidiram a sua vocação. Depois de dois anos de aulas com Mme. Perrini, seguiu para Leningrado, onde cursou primeiro as aulas noturnas de Semenov, destinadas àqueles que começam tarde a dança, para corrigir possíveis imperfeições. Outros dois anos e Chabukiani estava transferido para as classes diurnas com Ponomarev, na escola do Kirov Theatre. Seguiram-se mais cinco anos de estudo, graduando-se em 1929. Sua carreira desenvolve-se definitivamente na década dos 30, depois de uma viagem para concertos nos Estados Unidos. Ele dança todo o repertório tradicional no Kirov e nos livros de ballet encontramos o seu nome na criação de bai-

lados novos como "As Chamas de Paris", "A Fonte de Bakhchisaray" e "Tarass Boulba". Chabukiani destacou-se logo como um dançarino de força e personalidade para se tornar em breve o maior por sua elevação insuperável e seu "virtuosismo" excepcional. Um acidente com o joelho manteve Chabukiani afastado do ballet, por quase seis anos. As operações pouco ajudaram o tratamento, até que um dia, por sugestão casual de um médico, em Tiflis, o dançarino extraiu as amígdalas — e a inflamação no joelho desapareceu! Em 1948 voltou a dançar em Leningrado e o público teve a surpresa e a grande sensação de descobrir um artista amadurecido, além de ter recuperado a técnica prodigiosa, com os seus famosos "double tours en l'air", as dezenas de piruêtas, os "chainés" com os duplos "sauts de basque" terminando no joelho, especialmente as "grandes pirouettes à la seconde", que mal se podia contar, no seu giro vertiginoso.

Desde o início de sua carreira, Chabukiani revelou espírito de criação coreográfica, compondo variações especiais para o seu papel em "La Bayadère" ou renovando o seu "D. Quixote" e sempre as suas versões ficavam no repertório. O seu primeiro grande bailado foi "O Coração das Montanhas" (1938), onde combinou com perfeição as danças nacionais da Geórgia e do Cáucaso com o vocabulário acadêmico. "Laurência" (1939) de tema heróico, baseado em "Fuente Ovejuna", de Lope da Vega, foi um ballet neoclássico. "Sinatlé" (1948) de novo com música e tema de sua terra natal, foi outra fusão de passos clássicos e danças georgianas. "Górda" (1950) "Pela Paz" (1950) e finalmente "Othelo", um velho sonho que ele afinal realizou na Ópera de Tiflis, dando forma dançante à tragédia de Shakespeare num bailado em quatro atos, treze quadros e centenas de pessoas em cena. O seu "Othelo" foi também montado no Bolshoi de Moscou, onde Ulanova foi a Desdemona ao lado de Chabukiani.

Durante os anos de afastamento e convalescença que passou em Tiflis, Chabukiani dedicou-se à criação de um ballet para sua terra natal. Começou dando aulas, formando dançarinos, depois um "corpo de baile" e finalmente montando um repertório. Graças ao seu trabalho e sua atenção, Tiflis passou a ser outro grande centro de ballet, na Rússia. Chabukiani dança em ocasiões especiais com os ballets de Leningrado e Moscou, ao lado das célebres Ulanova e Dudinskaya, suas antigas companheiras. Mas volta sempre a Tiflis, onde continua dirigindo o seu ballet da Geórgia, para o qual montou todas as suas coreografias e do qual é o cérebro e a alma. Tanto a "ballerina" Vera Zignadze como as outras figuras do grupo que nos visita (Eteri Chabukiani, Eugenia Gelavani, Albina Antadze, Liliane Mitayschvili, Galina Rukhadze, Zurab Kikaleyschvili, Tengiz Sanadze e Bichiko Monavardiaschvili) foram alunos de Chabukiani — a quem, aliás, obedecem cegamente, numa disciplina impecável.

Nos programas que devemos ver, os "pas de deux" clássicos como "O Corsário", "Bayaderka", "Lago dos Cisnes", "D. Quixote" e "Quebra Nozes"; os "divertissements" como "Valsa" e "Pássaro", ou os fragmentos de grandes ballados como "Laurência", "Sinatlé" e "Othelo", são coreografados e remontados pelo mestre. Em resumo, tudo neste ballet da Geórgia — coreografias e dançarinos — é Chabukiani. Vejamos, pois, todas essas facetas de seu trabalho — para julgar.





AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



PARA A BOLA daquele nobre gostosão as coisas jamais estavam pretas. Tamanha ventura buliu com o desconfiômetro do velho golfista e quando chegou o dia de torneio as providências acauteladoras foram tomadas: um caddie para si, outro para vigiar o caddie do adversário e ainda um terceiro para acampanar o próprio adversário. E foi assim que se descobriu de como um bom crioulo, pata de elefante, carregava de mansinho a bola do patrão vivaldino, hábil e maravilhosamente encaixada entre o dedão grande do pé e seu vizinho. A históriazinha — absolutamente verdadeira — ocorreu há tempos atrás no Gávea e está dando volta aos links de todo o mundo, prestes a ingressar no anedotário clássico do golfe.

NUNCA SE VIU Chico Negrão tão irritado (nem mesmo nas piores crises de la-cerdismo durante seu calvário de prefeito) quanto após aquela notícia de que teria homenageado Vavá com uma beijoca sonora. O atual chanceler estrilou, de verdade. E tratou de convocar amigos e conhecidos da imprensa para desmentir o boato. Maria-zinha, pela alma dos Maranguapes que já se foram, pode garantir que Negrão não beijou: parou no abraço.

ESTA FELICÍSSIMO o sr. Lars Janer com o desfecho da Copa do Mundo, onde fêz ponta e dupla, serenamente. E não se cansa de repetir que o selecionado brasileiro foi a melhor promoção que o Brasil poderia fazer na Suécia, esportiva e socialmente falando.

E, POR FALAR em selecionado, registremos que a presença dos jogadores de futebol no Hipódromo da Gávea arrastou uma platéia feminina como o prado de há muito não pegava. Tudo de olho grande no Belini e no Pelé...

AMIGOS CERTOS do jornalista Darwin Brandão organizaram-se em frente única e presentearam esta recém-casada criatura com um livro de cheques. A conta foi aberta à razão de um cabral por ilustre cabeça, funcionando como entidade arrecadadora o garção Jorge, do Villariño.

DE NARIZ NOVO, a sra. Emílio Salgado. Realmente, um dos narizes mais simpáticos e elegantes da safra pré-fabricada de 58.

SETE HORAS de champanha Perriet-Jouet, 1952, para 2000 pessoas, foi quanto custou ao Banco da Bahia a recepção comemorativa do seu centenário, uma festa que se prolongou das 23 horas até às 6 da manhã nos salões do Hotel da Bahia. Na buate do hotel, transtornando a brotada, Djalma Ferreira e seu conjunto, contratados por cem mil cruzeiros, livres de qualquer despesa. E ao fim da festa, a confissão deliciosa de um diretor do banco: "A coisa que me deu mais trabalho nesse centenário foi

transportar até à Bahia o Djalma e sua gente".

DELICIOSAMENTE IRREVERENTE espera de um "bar-man" esperto que aprenda sua fórmula caseira e lance a beberagem no Rio, o "xixi de anjo" continua a encantar o paladar daqueles que se fazem à Bahia. Cachaça velha, mel de abelha, cravo e outros temperos gostosos entram em sua receita. Como seria lícito esperar, o "xixi de anjo" serve-se em pequeninos cálices, do tamanho de um dedal. Mesmo porque, apesar de angelical, êle sobe logo à cabeça do bebedor mais incauto...

O SR. FRANÇOIS DUPRÉ (rosa & bon cinza) deposita grandes esperanças no francês Polar, que se encontra apto a uma vitória espetacular no Grande Prêmio Brasil. François Dupré é um pseudônimo turfístico de Jango Goulart, ditado por exigências da lei de importação dos puro-sangues de corrida.

BÓCA DE SIRI é a nova lei do ministro da Fazenda e seu staff. Contrariando a boquirrotagem do predecessor, Lucas, o tranqüilo, acha que o maior ou menor sucesso de um titular da pasta da Fazenda no Brasil está na dependência direta da sua maior ou menor capacidade em se manter mudo.

O NOVO HOMEM de visão, Augusto de Azevedo Antunes, presidente da Icomi, andou de caixa baxíssima em Belo Horizonte há alguns anos atrás: bôlso vazio, barriga vazia e cabeça repleta de sonhos para o manganês do Amapá. Hoje, graças ao minério fabuloso da Serra do Navio, êle, que se valia do crédito de confiança de choferes de praça, tem \$\$\$ suficientes para colecionar cadilaques.

MARIAZINHA RECONHECEU no sábado, a bordo de um lotação, o chapéu parisiense de uma elegante e assídua cliente das colunas sociais. O chapéu viajava na cabeça de uma simpática portuguêsinha, a meio caminho de um casamento de subúrbio. Não sabemos se foi empréstimo para agradar à copeira eficiente ou simples ato de pirataria na chapelaria da patroa incauta...

O MELHOR NEGÓCIO do mundo está à espera dos homens de iniciativa, muito brevemente, em Brasília. Assim que as primeiras donas de casa se estabeleçam na Novacap, vender aspiradores de pó será coisa tão fácil como vender uísque falsificado em Copacabana. Lá e cá, poeira e garganta otária dão sopa.

OS COQUETÉIS de Conrad Rostan Wrzos ganharão outro colorido a partir de agosto próximo. É que no simpático apartamento da Urca teremos uma hostess, procedente de Washington: a sra. Katherine Sullivan Wrzos. O solteirão incorrigível foi a pique em Annapolis, em junho último.



**Nem só de futebol
vibra o brasileiro**

TAMBÉM O TÊNIS

**deu ao Brasil
um título mundial**

NA MESMA SEMANA em que o futebol brasileiro, pela primeira vez em sua história, conquistou o título de campeão mundial na Suécia, uma menina simples de S. Paulo, com apenas 18 anos de idade, sem técnicos, sem médicos, sem dentistas, sem psicotécnicos, sem concentrações em estâncias hidromineras e quase desconhecida do público esportivo nacional, lograva feito idêntico na Inglaterra, ao levantar o campeonato mundial de tênis em dupla feminina, tendo como parceira a norte-americana Althea Gibson. Isto, depois de uma jornada fabulosa em quadras das Américas e da Europa, onde enfrentou e derrotou as maiores figuras do tênis feminino internacional, com exceção apenas daquela que, também em Wimbledon, na Inglaterra, sagrar-se-ia bicampeã mundial do esporte da raquete.

Os festejos comemorativos pela conquista do título mundial de futebol ainda não cessaram e, certamente, durarão algum tempo mais. Nossos craques, sem dúvida autores de façanha homérica, merecem tôdas as homenagens que lhes estão sendo prestadas. Mas... E Maria Ester, que lhe estará reservado? O simples registro de seu feito, também sensacional e espetacular? O esquecimento em que hoje se encontra o nosso bicampeão olímpico e recordista mundial Ademar Ferreira da Silva, cujo prêmio pela glória dada ao Brasil foi a perda do emprêgo público que tinha em S. Paulo? É sempre difícil prever o futuro. Mas, o mais provável é que Maria Ester Bueno, apesar da importância do seu feito e das muitas páginas que a imprensa européia lhe tem dedicado, regresse ao Brasil quase que no anonimato e somente tenhamos notícias dela quando, novamente na Europa, ela estiver conquistando outros títulos mundiais...

RETROSPECTO DA CAMPEA

Foi em 1954 que Maria Ester Bueno, com apenas 14 anos de idade, infantil portanto, despontou para o estrelato do tênis brasileiro. Disputava-se, então, no Pacaembu, o Campeonato Brasileiro de Tênis e a previsão lógica era a de que o título feminino seria decidido entre a gaúcha Carmen Paz (campeã no ano anterior), a sampaulina Ingrid Metzner e a carioca Maria Helena de Amorim, esta também despontando naquela época como autêntica promessa. Por coincidência, Maria Ester teve de se defrontar com tôdas as três favoritas. E, para surpresa geral, superou-as categórica e insofismavelmente, proporcionando, ainda, ao numeroso público presente a seus encontros um espetáculo quase inédito no tênis nacional. É que, fugindo à norma comum, Esterzinha (como é chamada pelos sampaulinos) fugia do fundo da quadra, para vir decidir os "games", com uma fibra inquebrantável, junto à rede. Esta tática, corajosa e por demais eficiente, valeu-lhe o título e a consagração.

NO MÉXICO

No ano seguinte, graças a uma vitoriosa campanha do "Correio da Manhã" e à compreensão do Comitê Olímpico Brasileiro, o tênis foi incluído entre os esportes que representariam o Brasil nos II Jogos Pan-Americanos, realizados no México. Para Maria Ester, foi a primeira experiência no cenário internacional. Não trouxe títulos, é verdade, mas logrou dois honrosos terceiros lugares, em "singles" e duplas (com Ingrid Metzner). Conseguiu, entretanto, uma outra vitória importante: apesar da sua condição de estreante em certames no exterior e de ter de lutar também contra a influência desastrosa da altitude de 2.400 metros da capital asteca, Maria Ester impressionou aos dirigentes e às adversárias. Uma delas — a argentina Maria Terán Weiss, hoje jogando na Europa, sob a bandeira espanhola —, ao ser amplamente derrotada por Maria Ester, declarou publicamente: "Perdi e não estou triste; pois acabo de perder para uma futura campeã pan-americana e, até mesmo, futura campeã mundial".

LIÇÃO DE DESPORTIVIDADE

Em 1956, já sob a égide da novel Confederação Brasileira de Tênis, realizou-se na Bahia o Campeonato Brasileiro de Tênis. As vésperas do certame, Maria Ester contundiu-se, quando disputava

o Torneio Alberto do Pinheiros, em S. Paulo. Sentindo-se impossibilitada de ir à Salvador, dirigiu-se imediatamente ao Arbitro Geral do certame para justificar sua ausência. Junto à carta, enviou um atestado médico que comprovava o seu precário estado físico. Gesto de verdadeira desportista e até hoje inédito na história do tênis nacional...

PRIMEIROS TITULOS INTERNACIONAIS

Ainda em 1956, quase no começo de 57, Maria Ester deu início à sua primeira grande "tourné" pelo estrangeiro. Com Carlos Fernandes (outro paulista de futuro) e o veterano Armando Vieira (hoje profissional nos Estados Unidos), Maria Ester seguiu para a América do Norte, em busca da necessária e indispensável experiência internacional.

Durante alguns meses, a tenista brasileira esteve competindo, diariamente, em quadras de várias cidades e países das Américas, conquistando, então, os seus primeiros títulos internacionais, assim resumidos: 1 campeonato (em Fort Lauderdale, Flórida) e 2 vices (Orange Bowl, Miami e Coral Gables, Flórida) na prova de "singles"; 7 campeonatos (Orange Bowl, com Sue Hodman; Coral Gables, com Karol Fageros; Fort Lauderdale, com Martha Hernandez; Barranquilla, com Darlene Hard; Jamaica, Kingston, com Darlene Hard; Jamaica, Montego Bay, com Darlene Hard e Pôrto Rico, com Darlene Hard) e 2 vices (Tampa, Flórida, com Karol Fageros e St. Petersburg, com Karol Fageros) na prova de duplas femininas e, finalmente, 1 campeonato (Jamaica, Kingston, com Carlos Fernandes) e 1 vice (Barranquilla, com Armando Vieira) na prova de duplas mistas.

58 — ANO DE GLÓRIAS

A experiência adquirida na "tourné" de 1956/57 foi de imensa valia para Maria Ester Bueno, não só pelo desenvolvimento técnico que adquiriu, como também pelo prestígio alcançado no cenário internacional. Tanto assim que, em dezembro do ano passado, atendendo aos inúmeros convites que recebera, Maria Ester iniciava uma nova temporada em quadras das Américas, onde, finalmente, consagrou-se definitivamente, a ponto de se transformar em atração máxima dos mais importantes certames europeus, inclusive o tradicional Campeonato de Wimbledon — o verdadeiro campeonato mundial de tênis.

Nos Estados Unidos, por onde iniciou sua jornada gloriosa, Maria Ester conquistou nada menos de 14 títulos de "singles" e 15 de duplas, incluídos os da Colômbia, Jamaica, etc. Posteriormente, levantou dois outros títulos no Canadá e mais outro no México, antes de seguir para a Europa, onde encerraria esta fase de sua "tourné" com a conquista do título mundial de duplas femininas, em Wimbledon, conjuntamente com Althea Gibson. Antes, porém, Maria Ester havia participado dos Campeonatos de Palermo (eliminada na quarta-de-final), Nápoles (eliminada na terceira rodada) e de Roma (primeiro título de campeã na Europa, vencendo, na final, a campeã australiana Lorraine Coghlan), na Itália.

Céticos, até então, com respeito à categoria de Maria Ester, os críticos europeus passaram a glorificar a tenista brasileira, dedicando-lhe páginas e mais páginas nas revistas e jornais de Londres, Paris, Roma, Berlim, etc. E outras vitórias vieram. Inicialmente na Alemanha (Wiesbaden), onde Maria Ester logrou os três títulos: "singles", vencendo a francesa René Schumann; duplas femininas, com Erika Volmer e mista, com o alemão Jack Frost. Da Alemanha, Maria Ester seguiu para a França, sendo eliminada na semifinal de "singles" pela campeã inglesa Shirley Bloomer. Passou, em seguida, para a Inglaterra, onde chegou à final do Campeonato de Manchester, perdendo o título para a atual bicampeã mundial Althea Gibson, num jogo memorável. Desde Roma, Maria Ester vinha se queixando de dores no ombro, uma das razões de sua derrota na França. Contra Gibson, em Manchester, as dores se acentuaram, o que não impediu, entretanto, que Maria Ester, com sua fibra, empreendesse uma reação espetacular no segundo "set". Perdia por 4x0 e chegou a empatar por 4x4; passou à frente (5x4), mas Gibson empatou; Maria Ester insistiu (6x5); o esforço, porém, fôra demasiado. Althea Gibson, que não desconhecia o seu mal, sacrificou-lhe a "direita" e Maria Ester teve de ceder por 8x6.

Em Bristol, entretanto, Maria Ester se recuperava totalmente, levantando o Torneio e vencendo, na final, a inglesa Angela Mortimer, justamente a atual vice-campeã do mundo. Finalmente, antes de Wimbledon, Maria Ester levantou ainda o título de duplas femininas do Campeonato de Londres, jogando, mais uma vez, de parceria com Althea Gibson.

O TÍTULO MUNDIAL

Depois de ter sido parceira de Maria Ester nos Torneios de Caribe (Pôrto Rico) e de Barranquilla (Colômbia), Althea Gibson convenceu-se de que, para conquistar o tricampeonato mundial na dupla feminina, teria de se inscrever no Campeonato de Wimbledon com a tenista brasileira. Incontinenti fêz-lhe o convite e após a aceitação por parte de Maria Ester, a própria Althea comunicou aos dirigentes de Wimbledon a formação da dupla.

O resultado foi o que se viu: vitórias seguidas e a conquista do cetro. Para Althea, o terceiro em sua carreira já famosa e para Maria Ester o primeiro, no seu ano de estréia no Campeonato Mundial, contando apenas 18 anos de idade.

"CHAVES DE ENCOMENDA"

Foi a própria Maria Ester quem, falando a um jornalista brasileiro presente ao Campeonato de Wimbledon, fêz a insinuação: as "chaves" da prova de "singles" (o título mais importante) foram feitas de encomenda para que pelo menos um vice-campeonato mundial sobrasse para a Inglaterra. A "escolhida" era Shirley Bloomer; esta, contudo, fôra surpreendentemente eliminada no início do certame. Coube a "chance", então, à inglesa Angela Mortimer, que absolutamente não está à altura do vice-campeonato conquistado, sendo que de Maria Ester perdera fragorosamente em Bristol.

O fato é que Maria Ester foi designada como "cabeça de chave" n. 4, enquanto a campeã mundial Althea Gibson, como de direito, figurava como n. 1. Com isso, tivesse Maria Ester superado todas as concorrentes (foi eliminada na quarta-de-final por Ann Haydon, numa tarde de pouca inspiração), assim mesmo estaria em difícil situação para chegar ao vice-campeonato, pois na semifinal enfrentaria a campeã mundial...

Logo na sua primeira excursão pelos Estados Unidos, Maria Ester impressionou, pela sua maneira audaciosa de jogar, aos críticos ianques. Um deles — Bill Beck, do "The St. Petersburg Times" — apontou-a como "a mais provável sucessora de Althea Gibson, daqui há quatro ou cinco anos".

Maria Ester, no entanto, não quis esperar tanto tempo. E no ano seguinte à previsão do crítico norte-americano já conseguia para o Brasil o primeiro título mundial.

NO CAMPEONATO DOS ESTADOS UNIDOS

Encerrada agora a sua temporada na Europa, muito embora não lhe faltem convites de toda a parte do mundo, Maria Ester viajará para os Estados Unidos, a fim de disputar, individualmente e em duplas com Althea Gibson, o Campeonato Nacional Americano, um dos mais importantes do cenário internacional.

Deve-se ressaltar, todavia, que somente por amizade à sua companheira, Maria Ester jogará nos Estados Unidos. É que, além de estar naturalmente esgotada, pois vem jogando, quase que diariamente, há sete meses seguidos, viajando de um lado para outro, a tenista brasileira necessita tratar do seu ombro, a fim de que no próximo ano, sem qualquer problema, possa consagrar-se definitivamente como a maior tenista do mundo...

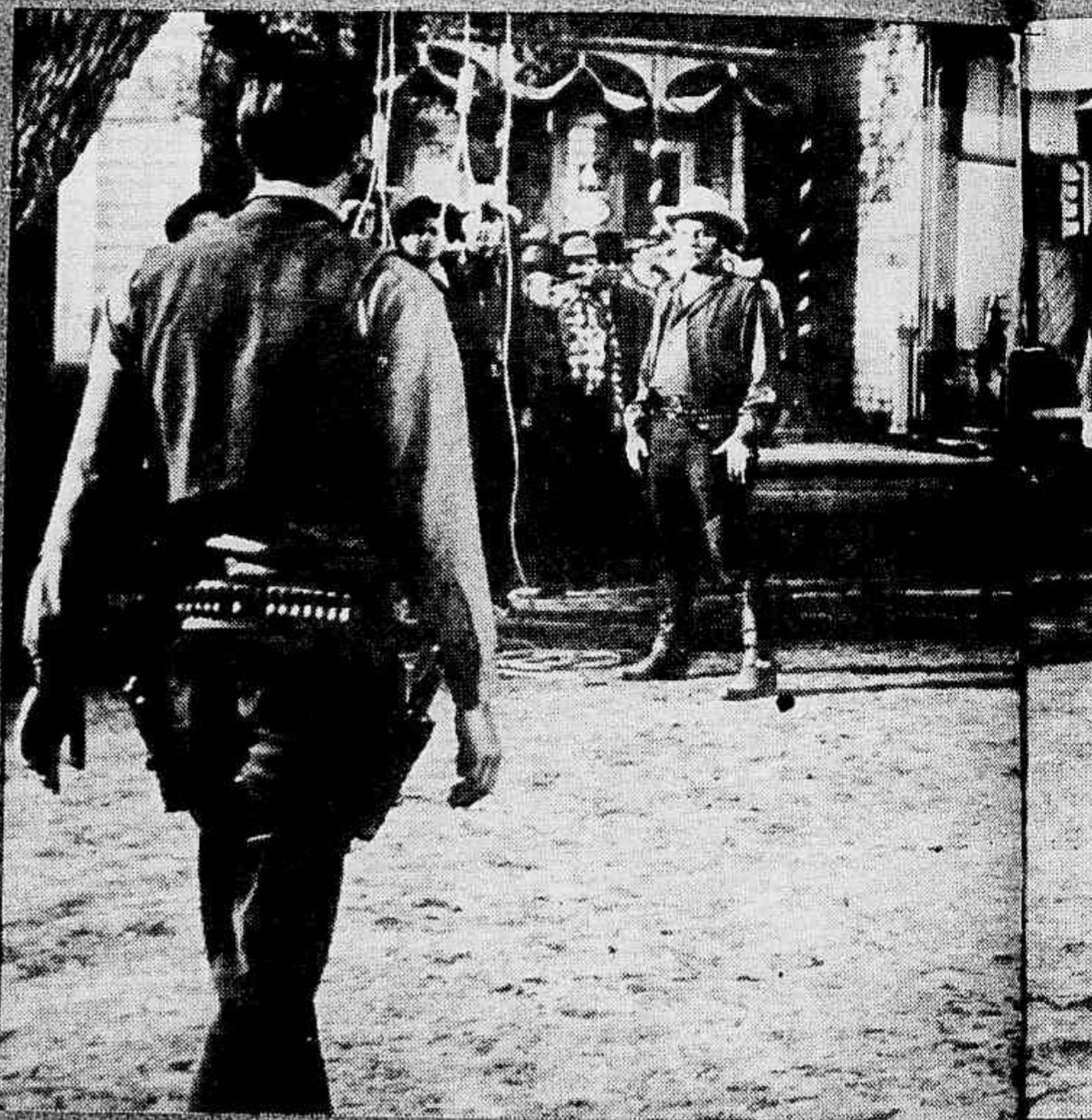
CONVITE DA AUSTRÁLIA

Para o fim do presente ano Maria Ester Bueno já recebeu um honroso convite: disputar o Campeonato da Austrália, a verdadeira capital mundial do tênis, já marcado para o mês de dezembro.

O homem dos olhos frios



Henry Fonda volta ao Oeste para ensinar a Anthony Perkins com quantos tiros se faz um "sheriff" — De Ford, o mestre, a Mann (Anthony), o discípulo — a trilha do "western" legítimo.



No Oeste era assim: o "sheriff" tinha (às vezes) de impedir

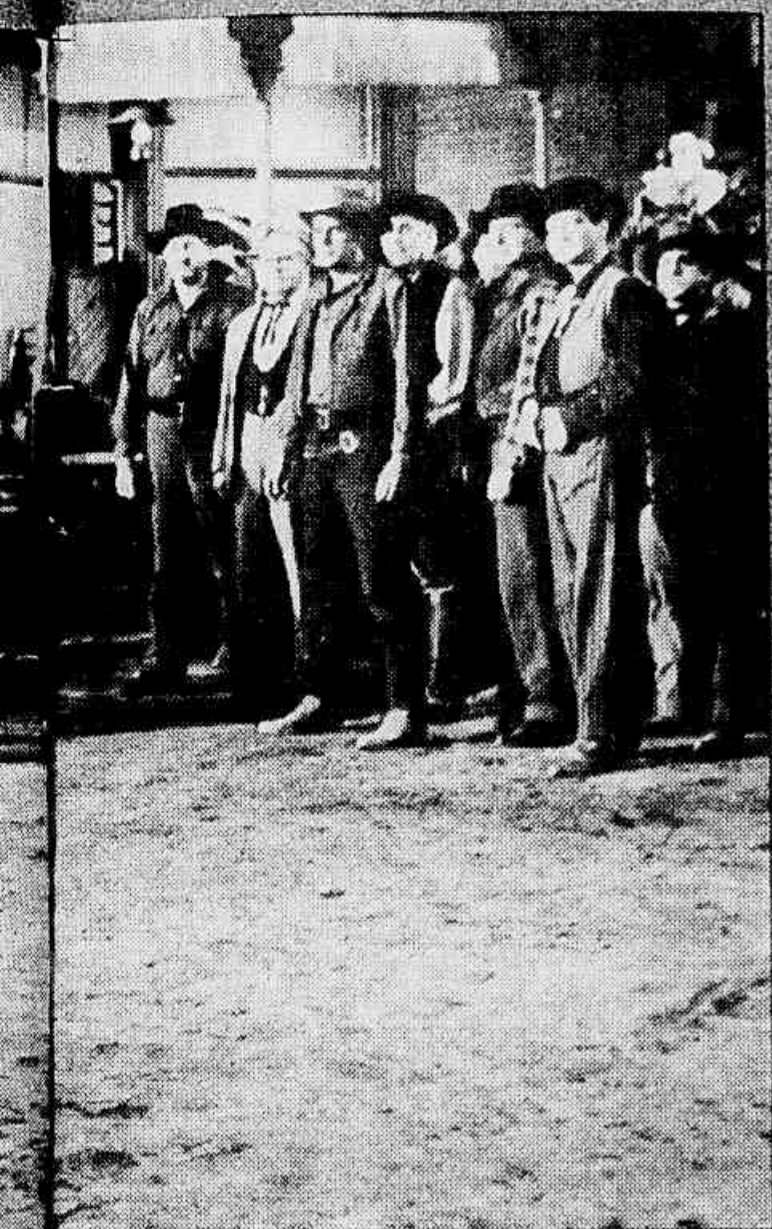
VOLTAM AO OESTE, com **O Homem dos Olhos Frios** (The Tin Star), o ator Henry Fonda e o diretor Anthony Mann. O primeiro, há muito tempo longe do saloon e das planícies sem fim, foi o protagonista de um dos mais famosos westerns de John Ford, **Paixão dos Fortes** (My Darling Clementine), entre os muitos filmes que fez com o cineasta de **Vinhas da Ira**. E Anthony Mann — que forma entre os diretores mais inteligentes de Hollywood — também é um dos que melhor têm explorado o Oeste: em sua carreira figuram obras da classe de **Winchester 73**, **O Preço de um Homem** (The Naked Spur) e **Um Certo Capitão Lockart** (The Man from Laramie). Assim como Fonda durante muitos anos dividiu com John Wayne o favoritismo de Ford, Anthony Mann não se cansa de dizer que Ford é seu mestre e que se sente recompensado quando alguém aponta a influência do grande artista em alguma passagem de seus filmes.

Em **O Homem dos Olhos Frios**, o mestre é Henry Fonda — pelo menos é o que a platéia pode ver no desenrolar da narrativa. E Anthony Perkins, o aprendiz, precisa realmente que o herói lhe ensine com quantos tiros se faz um sheriff.

SHERIFF (inepto) e EX-SHERIFF

A história (de Barney Slater e Joel Kane) foi adaptada à tela pelo veterano Dudley Nichols, outro (como Fonda e Mann) cujo nome está ligado à legenda cinematográfica de John Ford. O seu centro dramático é a insistência de um jovem e inepto **sheriff** (Anthony Perkins) em conservar o cargo, embora a noiva (Mary Webster) procure dissuadi-lo e ele próprio reconheça sua incapacidade para enfrentar as provocações (e coibir as violências) do chefe dos desordeiros (Neville Brand) da pequena western town — isso por volta de 1870.

Henry Fonda é um **ex-sheriff**, convertido em captor de criminosos, que ele mata para cobrar a recompensa. A fim de receber o dinheiro por uma dessas ações, o herói entra no escritório de Perkins, mas este, preocupado com as arruaças causadas por Brand, não pode atender logo o forasteiro. Enquanto espera o momento de receber o prêmio a que tem direito, Fonda descobre que a população da cidade é hostil à sua presença: **bounty-hunters** nunca



que um inocente fosse linchado...

foram bem vistos, especialmente por pessoas que poderão ser abatidas por eles, a qualquer instante. Assim, só a muito custo encontra lugar para dormir — e fora do centro da cidade, na casa de uma moça (Betsy Palmer) que está sendo tratada como pária em virtude de haver sido mulher de um índio. Betsy, agora viúva, tem um filho de dez anos (Michel Ray), do qual o forasteiro logo se torna amigo.

Ao mesmo tempo, o jovem *sheriff*, vindo a saber do passado de Fonda como *lawman*, pede-lhe ajuda, oferecendo-lhe o cargo de seu assistente. Mais do que assistente, o herói dentro de pouco tempo é o mestre de Perkins, a quem faz ver a responsabilidade do cargo, a maneira certa de usar a “estrela de prata” no peito. Ensina-lhe, até, como usar a pistola e como reagir às ameaças dos desordeiros, às vezes sem puxar a arma, porém não hesitando em dispará-la se a ocasião assim o exige. Antes, todavia, Fonda aconselha o jovem a se desembaraçar da insígnia para ter chance de continuar vivo. E é a obstinação do *sheriff* incompetente que o leva a bancar o professor, constituindo-se, de forma indireta, no “limpador” da cidade, em que, no fim de tudo, a lei e a ordem predominam.

OUTRO MESTRE, OUTRO DISCIPULO

O assunto de *O Homem dos Olhos Frios* tem relações com o de inúmeros clássicos do gênero — de *Paixão dos Fortes*, de Ford, a *Matar ou Morrer* (High Noon) e *Os Brutos Também Amam* (Shane). Dêste último, sobretudo, “herda” a situação em que Henry Fonda auxilia Betsy Palmer e por ela talvez até se esteja apaixonando (como Alan Ladd por Jean Arthur no filme de George Stevens) enquanto vai crescendo sua amizade pelo pequeno filho da heroína. Betsy, por sua vez, parece estar repetindo, de certa forma, o drama experimentado por Claire Trevor em outro filme de Ford e o mais admirável de todos os westerns, *No Tempo das Diligências* (Stagecoach), isso no desprezo que lhe vota a população minada pelo preconceito e pela hipocrisia — aqui o racismo entrando em lugar (e obrigando a jovem a procurar residência fora da cidade) do horror que, no filme de Ford, a *saloon girl* inspirava às senhoras decentes, que nela viam apenas uma prostituta.

A influência de Ford sobre Mann — e com Dudley Nichols fazendo uma espécie de *passé-partout* — é, aliás, inteiramente lí-

cita. Todos os que sabem recebê-la, com modéstia e respeito, arriam-se para os maiores triunfos. Anthony Mann, porque admira Ford e se considera (e é) seu discípulo (n.º 1) — e porque não lhe falta talento, naturalmente — hoje tem a responsabilidade do melhor nível de western que se alcança no cinema. Só a classe veterana de um Howard Hawks e um William A. Wellman podem, eventualmente, igualar Mann nessa linha.

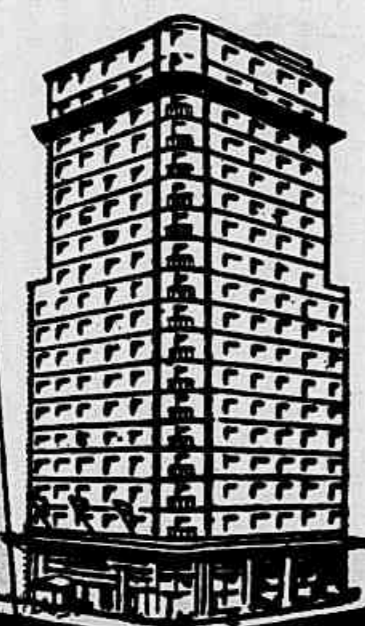
FONDA, O PROTAGONISTA

Produzido por William Perlberg e George Seaton — a dupla que fez *Amar é Sofrer* (The Country Girl), com Seaton na direção, e *As Pontes de Toko-Ri*, com direção de Mark Robson — *O Homem dos Olhos Frios* foi fotografado em preto-e-branco e Vista-Vision por Loyal Griggs (o cameraman de *Shane*) e faz parte da boa safra lançada pela Paramount em 1957 nos Estados Unidos. No elenco, o grande vulto é o de Henry Fonda, sem dúvida um dos atores mais completos do cinema, com experiência em todos os gêneros, do drama social (*Vinhas da Ira*) à *screwball comedy* (*As Três Noites de Eva*), e, no western, o Wyatt Earp mais perfeito até hoje (*Paixão dos Fortes*) e, ainda, um Custer irresponsável como só Ford tinha coragem de apresentar (*Sangue de Heróis*).

Depois de Fonda, o papel mais importante é o de Anthony Perkins, muito jovem e ainda muito confuso, com várias indecisões em sua curta carreira, mas que, nesse filme, deve estar (graças à direção de Mann) melhor do que de costume. Betsy Palmer, loura de Chicago treinada na TV, surgiu na tela sob a proteção de John Ford, que a incluiu no elenco de *Mister Roberts* e *A Paixão de Uma Vida*. E Michel Ray, o menino inglês que vimos às voltas com um touro, no México, em *The Brave One*, faz com mais desenvoltura (e menos sardas) um papel até certo ponto parecido com o de Brandon de Wilde em *Os Brutos Também Amam*. São vários, por fim, os bons atores que atravessam o *supporting-cast* — como Neville Brand, Lee Van Cleef, Howard Petrie, Russell Simpson e, principalmente, John McIntire, um dos participantes mais freqüentes dos westerns do diretor de *O Homem dos Olhos Frios*. McIntire, no papel do velho e bondoso médico da cidade, provoca, ao ser assassinado, o climax violento da narrativa.

HOTEL COMODORO

Supremo na arte de hospedar



Enderêço permanente dos mais ilustres visitantes

Restaurante com ar condicionado. Bar com atrações tôdas as noites. Jantar dançante aos domingos.

Serviço de restaurante dia e noite.

HOTEL COMODORO

AV. DUQUE DE CAXIAS, 525 - FONE 51-9181
SÃO PAULO

LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES

Cr\$ 15.00



CRESCER
Processo patenteado. Êxito garantido. Aumenta vários centímetros de estatura. **DÁ FÔRÇA e SAUDE** aos homens. **ELEGÂNCIA e BELEZA** às mulheres. Informações gratuitas. Pedí-las por via aérea a **INVENTIONS PRATIQUES N.º 12 ANNEMASSE (Haute-Savoie), FRANÇA**

'Mil' lhe oferece:

TRAVA PEDAL EMBREAGEM



CHAVE SECRETA-BATERIA

CADEADO Direção



Aparelhos de **SEGURANÇA** Contra Roubo Todos os carros

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

Só na **Mil**



Flagrante da solenidade, quando discursava o ministro do Trabalho, vendo-se, à sua esquerda, o diretor-geral do SAPS, cel. Benedito Gama. Ao fundo, a placa comemorativa.

INAUGURADO NOVO RESTAURANTE DO SAPS

NO ÚLTIMO sábado de junho foi festivamente inaugurada a mais nova unidade alimentar do Serviço de Alimentação da Previdência Social, instalada no palácio do Ministério do Trabalho, e destinada a fornecer refeição farta e sadia, a preço módico, aos funcionários daquela secretaria de Estado e aos previdenciários em geral. Primorosamente construído, obedecendo a sua instalação aos modernos preceitos da técnica e da higiene, o novo restaurante soma-se às realizações da atual administração do SAPS, que vem dando aos serviços essenciais da autarquia um acentuado impulso.

A cerimônia inaugural foi presidida pelo então ministro do Trabalho, sr. Parsifal Barroso, que compareceu acompanhado de sua esposa. Falaram diversos oradores, sendo a todos servido um impecável lunch confeccionado pelas nutricionistas do SAPS, findo o que fez-se ouvir um animado «show» desempenhado por artistas da Rádio Mauá, sendo ainda a festa, que contou com elevado número de convidados e funcionários do SAPS, abrihantada por uma banda de música da nossa Polícia Militar.



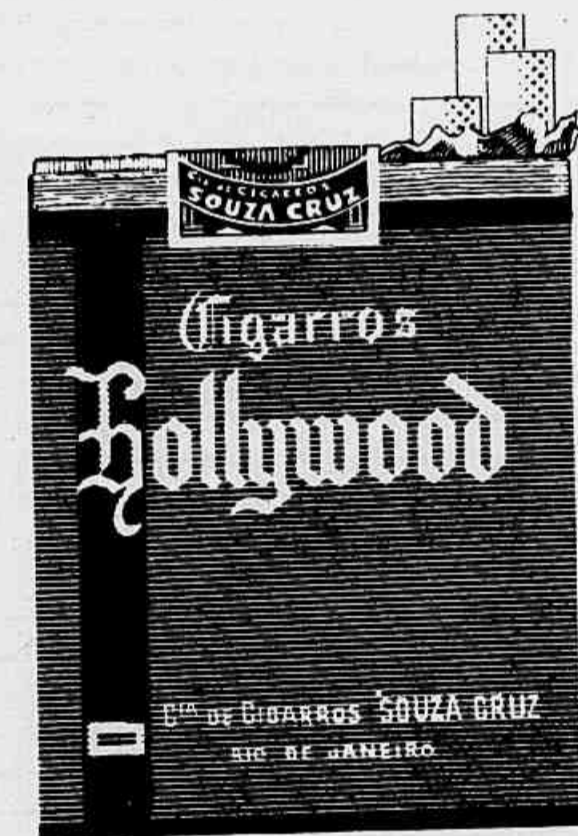
Abraçam-se o ministro Parsifal Barroso e o cel. Benedito Gama, ao término do discurso do diretor-geral do SAPS.



partilham do mesmo encantamento...

do mesmo querer bem... e, naturalmente,

do mesmo maço de Hollywood.



uma tradição
de bom gosto

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

COMO SE FÔSSE UM BODE

"BRASIL DE CHAPEU DE COURO", que a Civilização Brasileira agora edita com carinhos especiais (1), não é o primeiro livro de Luiz Cristóvão dos Santos; promete, porém, ultrapassar o êxito da obra anterior desse escritor pernambucano, "Caminhos do Pajeú", para se transformar num dos bons lançamentos do ano. Até ao momento, pelo menos, terminado o primeiro semestre de 1958, não lemos livro algum dotado de mais vivacidade do que esse. Justifica-se, assim, plenamente, a frase de Ênio Silveira, seu editor, citada por José Condé na Apresentação do volume: "O diabo do livro pulava em minhas mãos como se fôsse um bode".

De que trata, afinal, "Brasil de Chapéu de Couro"? O autor, nascido e criado no interior de Pernambuco, vem de há muito fazendo o levantamento do folclore de sua região — a zona do Pajeú, de que é sem dúvida o maior conhecedor. Sendo, além do mais, escritor saboroso, conseguiu fazer um livro que, catalogado embora no capítulo geral de Folclore, roça por véses na prosa de ficção, embarafusta pela poesia, quando não apela para a geografia. Quando descreve o rio Pajeú faz obra de geógrafo — um geógrafo bastante lírico, sem dúvida, porque evocando o rio a cujas margens nasceu; surpreendemos o contista Luiz Cristóvão dos Santos em trechos como "O Cavalo Estrêla de Prata" (página 85) ou "As Lágrimas do Prêso" (página 81); enfim, o poeta está presente em vários momentos, mas principalmente em "Flor de Jurema" (página 109), poema em prosa de alguma beleza.

Um dos encantos de "Brasil de Chapéu de Couro" é a análise nele feita de três vultos hoje lendários que habitaram o Nordeste — de que são, cada qual a seu modo, sob determinado prisma, a encarnação ideal: Lampião, Padre Cicero, Inácio da

Catingueira, ou: Cangaço, Misticismo e Cantoria. Mas o livro não trata apenas dessas figuras: o que nele se descreve é o Nordeste inteiro, com seus rios e danças típicas, lavadeiras e coronéis da Guarda Nacional, feiras e cantadores. E, embora pouco mencionada, onipresente e todo-poderosa, a Sêca, a determinar todo o conjunto.

Sempre que leio algo sobre o Nordeste brasileiro, lembro-me do que escreveu Jan Huizinga, em seu "Outono da Idade Média". Há, com efeito, mais de um ponto de relação entre aquela época da história humana e a região nordestina do Brasil. E já nem nos referimos à existência, ali, de servos da gleba e senhores feudais — que uns e outros ainda existem, realmente; mas à maneira de encarar a vida, ao modo de reagir às dores e às alegrias, ao elevado grau de misticismo de que sofre o povo, e assim por diante. Escreve, por exemplo, Luiz Cristóvão dos Santos, à página 142 do seu livro: "Tomava-se parte na vida, em tudo: nas suas grandes amarguras e nas suas humildes alegrias". E era essa também a atitude do homem medieval em fins do século XV, a darmos crédito a Huizinga: "Quando o mundo era um milênio mais moço, todos os acontecimentos tinham formas exteriores bem mais pronunciadas do que agora. Entre a dor e a alegria, entre a desgraça e a fortuna, parecia maior a distância do que a nós nos parece. Todas as experiências da vida conservavam esse grau de espontaneidade e esse caráter absoluto que a alegria e a dor ainda hoje possuem no espírito infantil" (2) — eis como começa a obra-prima do historiador holandês.

Quando fala de Frei Damião, pregador famoso a descrever para os fiéis aterrorizados os suplicios infernais ("E no meio da fonalha, o suplicio do fumaceiro de en-

xófre sufocando tudo" — página 112), Luiz Cristóvão dos Santos parece estar narrando um dos lúgubres e terríveis sermões de um Dionísio o Cartusiano, por exemplo; e não haverá afinidades entre os cantadores nordestinos, que vão de vila em vila a cantar, como de Côte em Côte iam, outrora, jograis e trovadores? Depois, essa mistura de piedade e ódio, de devoção e danação, encontrada por exemplo na figura espantosa de Lampião ("enlaçando no seu mosquetão o rosário da Virgem Mãe" — página 107), é também encontrada na alta Idade Média, se bem que muito raramente.

Mas não estamos aqui para estabelecer um paralelo para o qual nos faltam talvez forças; desejamos, isso sim, é falar algo sobre "Brasil de Chapéu de Couro". É um livro que, além de interessante e vivo, está bem escrito, num estilo que Ênio Silveira já comparou — com rara felicidade — aos corcovos de um bode. Porque há livros idênticos a animais: esse lerdo, pesado, caminhando lentamente, tal como um paquiderme; aquele ali sóbrio e contido como um camelo; outro (o presente) saltitante e agilimo como um bode... Um livro como se fôsse um bode, eis o que escreveu Luiz Cristóvão dos Santos. A ele, ao Nordeste que diretamente o inspirou, ficamos a dever mais essa dádiva.

—:—

(1) — Luiz Cristóvão dos Santos — "Brasil de Chapéu de Couro". Editora Civilização Brasileira S/A. Rio de Janeiro, 1958. Capa e Ilustrações de Poty. Prefácio de José Condé. 176 páginas.

(2) — J. Huizinga — "El Otoño de la Edad Media". Cuarta Edición. Revista de Occidente. Madrid, 1952. Página 11.

GENTE

Osório Borba, que é candidato, aliás, a vereador, terá reeditado, muito em breve, seu livro "A Comédia Literária". *** O novelista Campos de Carvalho termina seu novo livro: "Vaca de Nariz Sutil", cujo título é o de um quadro de Dubuffet. *** Alguns dos "Cantos", de Pound, e dos "Poemas", de Cummings, serão editados brevemente pelo

Serviço de Documentação do Ministério da Educação. A tradução é de Décio Pignatari e dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos. Essa será a primeira edição oficial de uma obra de Ezra Pound. *** Continua intenso o movimento literário em Campos. Houve agora uma luta interna, no Clube de Poesia local. Em setembro, a cidade será

cenário de um Encontro Internacional de Poetas. *** Houve, há tempos, em Natal (e pela primeira vez na vida intelectual da cidade) uma tarde de autógrafos, durante a qual autografou Eneida grande número de seu "Aruanda". A conhecida escritora voltou encantada com o povo e a terra do Rio Grande do Norte. Foi Walter Pereira,

dono da "Livraria Ismael Peireira", quem patrocinou a tarde de autógrafos. *** Positivamente, Rachel de Queiroz é o nome do dia: após ter sido contemplada com o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, foi sorteada para concorrer a uma viagem à Europa, segundo um plano publicitário de conhecida ótica...

O CASO DOS CERTIFICADOS DE ISENÇÃO

O JÚRI DE SELEÇÃO E PREMIAÇÃO do presente Salão Moderno, se não conseguiu apresentar aos cariocas um salão mais homogêneo e portanto mais belo, de nível artístico mais elevado, deve-o unicamente — ousamos dizê-lo — ao fato de terem, alguns artistas possuidores de certificados de isenção, enviado para a grande exposição de arte moderna do Brasil, obras aquém de seu próprio prestígio. Como sabem os leitores, os possuidores de certificados de isenção independem do Júri de Seleção, e podem expor o que bem entendam, sem que ninguém os vá molestar.

Isso é absurdo e é injusto, pois em arte, como em tudo o mais, não se compreende o privilégio, nem se ascende, como no funcionalismo público, por antiguidade — só por merecimento. E exige-se, em arte, aquela eterna vigilância tão apregoadada em nosso tempo, pois ninguém duvida de que um artista de renome e talento possa vir, amanhã, a realizar uma obra ruim, inferior às suas qualidades.

O Júri de Seleção, escrevo-o com toda a consciência, repudiou, como indignas do Salão de 1958, obras que são, sem dúvida, superiores a muitas que ali se encontram expostas, de autoria dos intocáveis isentos. Como encarará um jovem artista que teve um quadro ou uma escultura recusada, tal fato que foge à razão? Decerto, revoltar-

se-á, e se não fôr bastante artista, talvez venha a desanimar, deixando de enviar para um Salão em que as injustiças estão assim tão à mostra.

O problema seria, pois, acabar com as isenções. Mas como, se o direito adquirido é também intocável? De resto, seria justo deixar de conceder isenções, passando assim os expositores mais moços a competir em inferioridade de condições com os mais velhos? Dar-se-á ao júri o poder de cassar isenções — isso sem levar em conta o severo aspecto jurídico da questão? Conceder-se-iam os prêmios do Salão Moderno independentemente das isenções, contrariando assim o regulamento estabelecido na lei 1.512?

Eis aí uma série de questões que os artistas devem examinar com carinho e cuidado. Porque sabe-se que, nesse mesmo momento, precede-se a uma revisão da lei 1.512, eivada de erros como é notório. E se não se manifestam agora os artistas — que são, no fim de contas, os interessados diretos no problema —, perderão depois todo o direito de reclamarem, e de proclamarem prejudicial a seus direitos uma lei que, elaborada meio às escondidas, terminará por subordinar, além de tudo, os artistas modernos, dignos de seu tempo e filhos dele, aos rançosos acadêmicos de antanho.

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

Roberto De Lamônica (*Maison de France*; gravuras e desenhos; desde 24 de junho). — Esse jovem artista, duplamente premiado em 1957 (no *Salão Para Todos* e no *Petit Salon*), exhibe-se agora aos cariocas — e pela primeira vez. Estudou com Poty, Darel, Oliani, Renina Katz; reside em São Paulo; viajou pela China, União Soviética, Rumânia, Suíça; já expôs em São Paulo, Pequim, Moscou, Bucarest, Berlim. A exposição da *Maison de France* compõe-se de 15 gravuras de diferentes técnicas (há até uma, realizada segundo antiga técnica chinesa: a impressão a água), e de 16 desenhos: todas as peças traindo elevado conhecimento do *métier*, aguda sensibilidade poética e vasta imaginação. Contudo, é nas gravuras que reside, a nosso ver, o melhor da arte de De Lamônica, de vez que nos desenhos por vezes descamba ele para o virtuosismo puro, para um maneirismo estéril, baseado em composições exóticas e em temas pouco usuais. Há em De Lamônica (como em Marques de Sá — cuja exposição há tempos aqui comentamos) uma preocupação pela originalidade que muito lhe prejudica o estilo. De modo que, no artista, por vezes essa preocupação chega a lhe sufocar os meios originais de expressão. Sua luta, portanto, é contra essa preocupação: seu *eu individual* deve sobrepujar seu *eu social*, o que

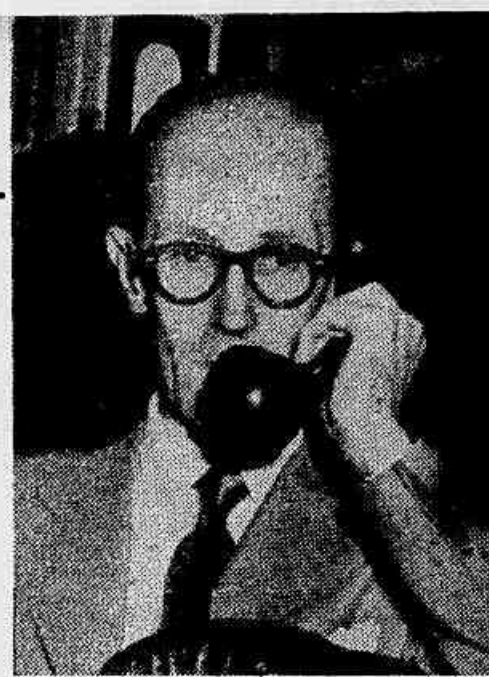
equivale a dizer: Roberto De Lamônica deve impor sua visão particular aos sentimentos peculiares à sua época e ao seu meio. Se o conseguir, decerto há de conquistar, e muito brevemente, um lugar no panorama contemporâneo da gravura e no desenho brasileiros.

PRÓXIMAS EXPOSIÇÕES

Djanira (Museu de Arte Moderna; pinturas; a partir de 31 de julho). — Essa conhecida artista realizará, no museu da Beira-mar, uma exposição que, não sendo uma retrospectiva, possuirá caráter rememorativo, evocador.

Cleoo (Associação Atlética Banco do Brasil; desenhos; a partir de 12 de julho). — A jovem desenhista inaugurará, na Tijuca, sua exposição de 1958.

Goeldi (Galeria Gea; gravuras e desenhos; breve). — Sem indicação de datas, sabemos que a Galeria Gea promoverá, em agosto, uma sua exposição de gravuras e desenhos.



Do poeta Carlos Drummond de Andrade, recebemos a seguinte carta:

Rio de Janeiro, 1 de abril de 1958.

Sr. Diretor da "Revista da Semana":

Em sua edição de 28 de junho, divulga esse semanário uma nota na qual se informa que eu fiz publicar no almanaque "Nossa Sociedade", com a minha assinatura, um poema-anúncio, de louvor a determinada marca de café, e se condena o fato.

O que se passou foi o seguinte:

Em 1955, um grupo de senhoras da sociedade, residentes em Copacabana, promoveu no Clube dos Marimbás uma peixada em benefício das obras da Igreja do Posto 6. Com o mesmo objetivo, solicitou donativos a firmas industriais e comerciais, e pediu ao poeta Manuel Bandeira e ao signatário desta a feitura de versos de circunstância, alusivos aos produtos dessas firmas, como agradecimento à cooperação por elas prestada; os autógrafos seriam postos em leilão, no decorrer da festa.

Atendemos ambos ao pedido, e as composições de Bandeira foram publicadas pelo "Diário Carioca" em 1 de abril daquele ano, na seção de Jacinto de Thormes, sob o título "Poetas vão levantando a igreja". As minhas, anunciadas na mesma ocasião, por um motivo qualquer deixaram de sair naquele jornal. Uma, porém — a referida na "Revista da Semana" — está reproduzida no "Rio-Magazine", de julho de 1955, com uma nota em que explica a razão por que foi escrita.

Da existência do almanaque, onde foi reeditada sem essa explicação, só agora tomo conhecimento.

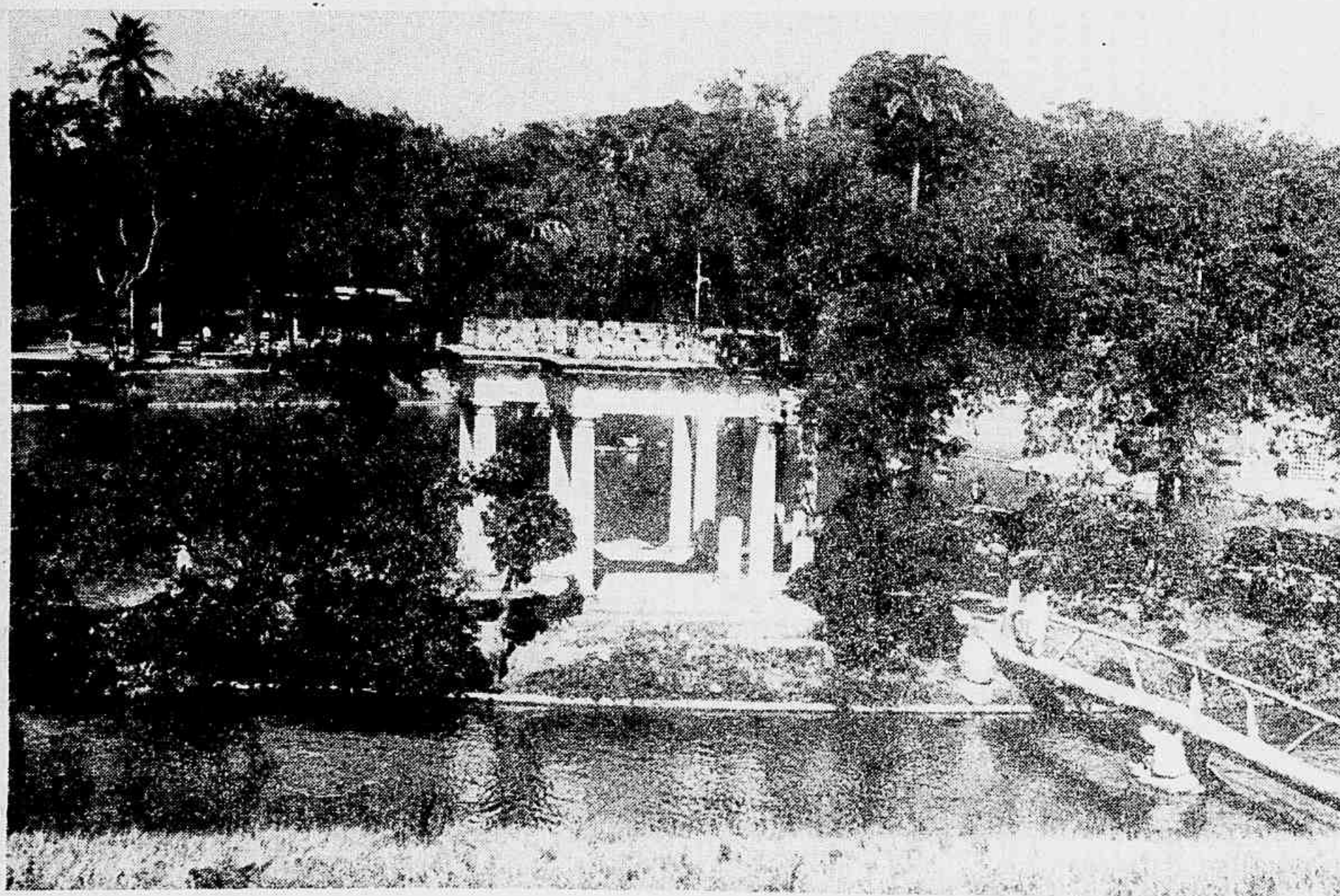
Pela execução, não de uma, porém de cinco poesias-anúncio, recebi palavras de agradecimento da distinta senhora ministro Jayme Chermont, uma das promotoras do movimento, em carta que conservo. Nada me foi pago pelas firmas, nada pleiteei delas, nem sei quem as dirige. Posso afirmar, pois, que se alguém percebe direitos autorais por essas poesias, ou faz jus a eles, esse alguém deve ser Nossa Senhora de Copacabana.

Solicitando-lhe a publicação destas linhas, subscrevo-me, atenciosamente,

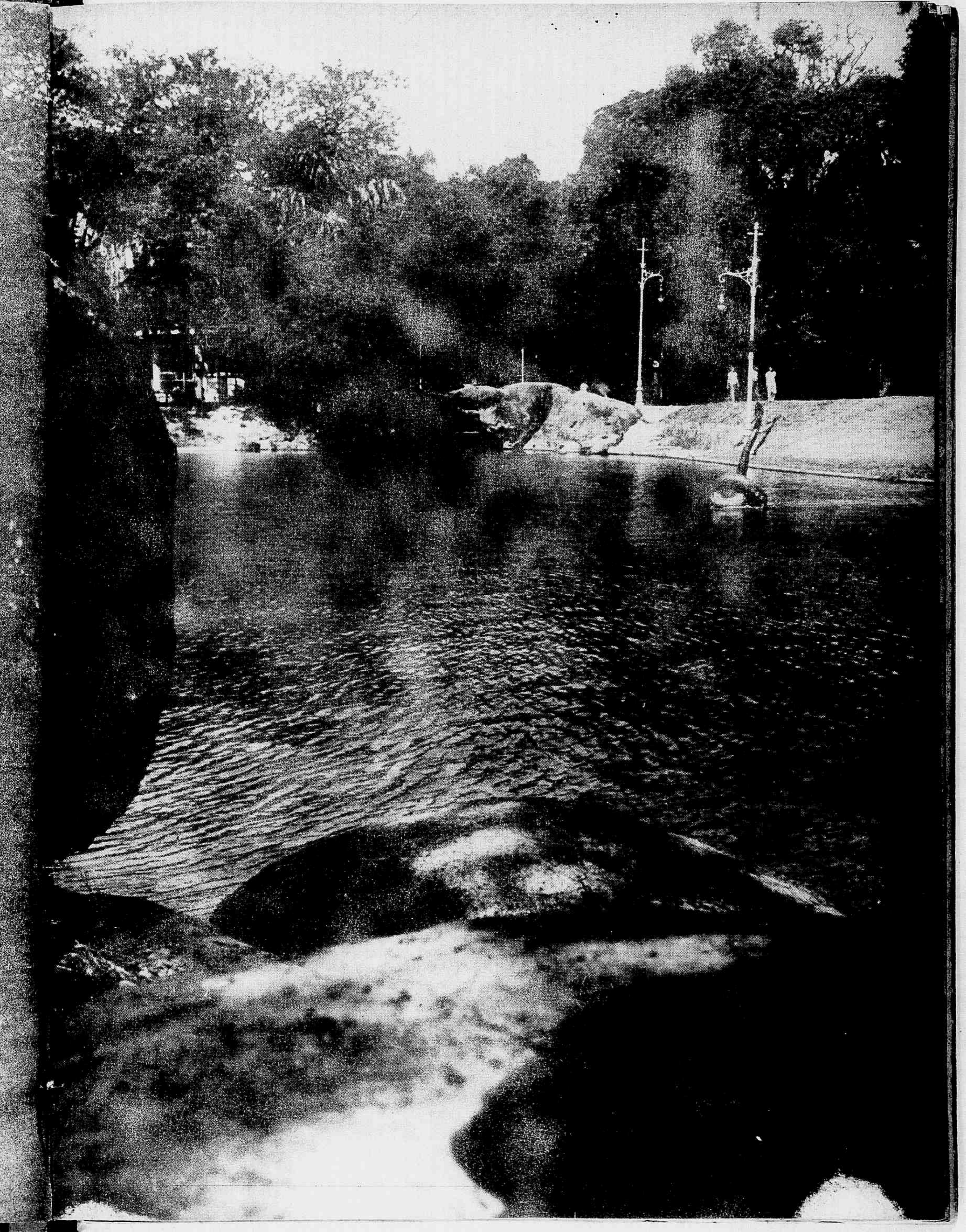
Carlos Drummond de Andrade

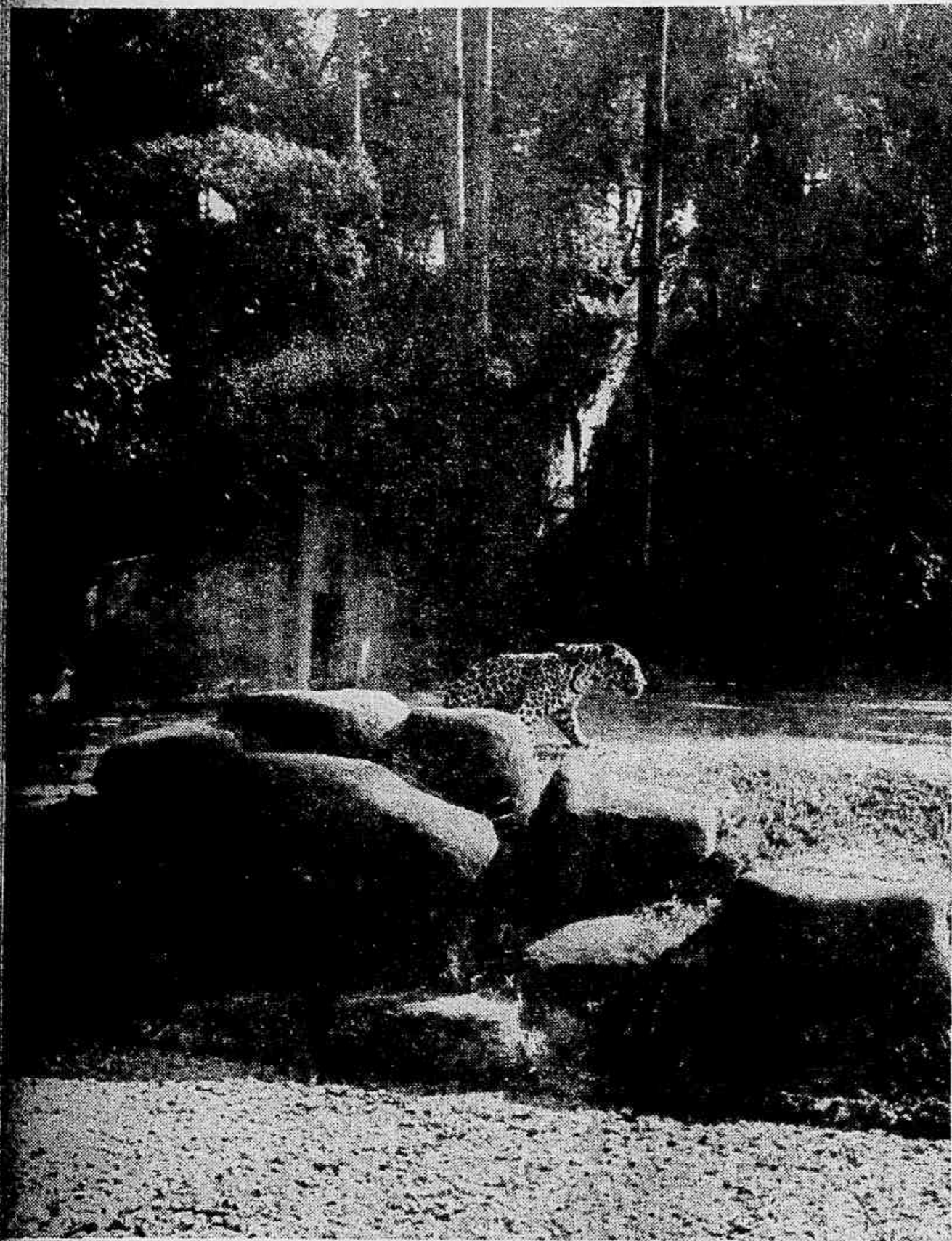
A BELA ADORMECIDA, QUE ACORDA COM 60 MILHÕES

MANTER AS CARACTERÍSTICAS originais da Quinta da Boa Vista como logradouro público e respeitar a dignidade do Museu Nacional foram as duas cláusulas mais importantes do decreto (1912) que entregava aos cuidados da Prefeitura o parque florístico (de então). Uma dessas cláusulas foi atendida: a que se referia ao Museu. A outra, ficou esquecida e somente lembrada, apenas lembrada, nos muitos momentos das promessas municipais. A Quinta — assim a chamam carinhosamente —, ultrajada, não pôde mais oferecer aos seus amantes a pujança da sua beleza, porque dorme anestesiada sob o negro véu que a incúria administrativa tão hábilmente teceu.



O carioca poderá, breve, readquirir o hábito que há tanto abandonara: esquecer-se na atitude contemplativa da bela natureza da Quinta.





Enriquecido nas últimas administrações, o Zoo dá ao belo parque, um aspecto ainda mais pitoresco. É algo que deve ser preservado.



Passados 46 anos, eis que surge, afinal, um herói disposto a despertar a bela, vítima da perversa bruxaria. O herói aparece com tôdas as características de um príncipe, mas, ao invés da espada cintilante, traz às mãos um punhado de dinheiro. O nosso herói não cavalga o feroso corcel, um vistoso automóvel serve-lhe à locomoção. E éle tem uma bancada que muito lhe nega, mas que agora se presta a auxiliá-lo na missão de despertar a bela adormecida. Sessenta milhões de cruzeiros foi-lhe concedido, e com essa verba o herói, interpretado pelo prefeito Negrão de Lima, promete ao carioca devolver à vida a bela, com tôda a beleza latente das suas formas. O carioca poderá, então, readquirir o hábito que há tanto abandonara. A sombra das frondosas e centenárias árvores se arregalará na atitude contemplativa da natureza, pródiga de favores para com a sua amante.

VIS

A
brev
diret
nead
às r
prof
râmi
em
suas
vem
vem
que



O Zoo:
um pedaço da selva
no coração
do Rio de Janeiro.



VISÕES DE UM SONHADOR

A antiga residência imperial começará a receber, dentro em breve, os primeiros toques rejuvenescedores. O sr. Mauro Viegas, diretor do Departamento de Parques da PDF, já tem planos delineados e propõe-se a executá-los tão logo a verba lhe chegue às mãos. Enquanto isso, da sacada do Museu, o seu diretor, o professor José Cândido de Mello Carvalho, tem uma visão panorâmica do que é atualmente o parque florístico, ao mesmo tempo em que pode antever o que será dentro em breve a Quinta, com suas belezas de outrora. Há três anos, o professor José Cândido vem dirigindo aquele centro de cultura e há três anos também vem lutando desesperadamente para extirpar do parque as chagas que tanto o enfeiam. A administração municipal nada tem a ver

com o Museu, e na mesma posição está o Museu em relação à PDF. Mas o diretor José Cândido foi forçado a abandonar a atitude pacífica e entrar em ação, quando o estado precário do parque começou a prejudicar a sua casa.

"SHANGAI" DESVIRTUA O SENTIDO

Para o professor José Cândido, um parque florístico não pode abrigar em seu seio um parque de diversões. E, objetivando a remoção do "Shangai", foi que se empenhou na luta pela conquista de uma melhor sorte para a Quinta. Um dos argumentos de que se vale para recrutar adeptos da sua idéia é o de que o parque de diversões desvirtua o sentido cultural que deve ter a Quinta.

Quando as atenções dos visitantes (hoje escassos) se deveriam voltar para as belezas naturais e acolhedoras do parque florístico, ou para o Jardim Zoológico, ou para o rico acervo do Museu, convergem-se para o parque de diversões. O "Shangai" instalou-se na Quinta em caráter provisório, e há mais de 10 anos vem funcionando, ininterruptamente, contrariando as posturas municipais. A remodelação do parque implicará, agora, na remoção do "Shangai", que deverá ser instalado nas imediações, passando, assim, a constituir um outro centro de atrações sem prejuízo da Quinta.

UM SÔPRO NO OUVIDO PRESIDENCIAL

Um sôpro ao pé do ouvido do presidente Juscelino Kubitschek, quando ali esteve participando dos festejos comemorativos do 140.º aniversário do Museu, reforçou a posição do soprador, o diretor José Cândido. Constatou o presidente a precariedade do parque e prometeu apoio ao movimento que então chegava ao fim. Agora o professor José Cândido está tranqüilo e já preliba o seu sonho. E é transbordante de contentamento que nos diz: "As instituições educativas, como o Museu e o Zoológico, poderão, finalmente, situar-se em ambiente condigno e, ao mesmo tempo, preencher melhor as suas finalidades precípua". No curso da palestra com o professor José Cândido ficamos sabendo (e depois vimos) que o acervo do Museu em contraste com o ambiente exterior, se enriquece dia a dia. A Divisão de Zoologia já conta com 350 mil exemplares; a Botânica alcançou 380 mil exsiccatas; a Antropologia a Etnografia têm 37 591 peças e 12 506 rochas e minerais constituem o acervo da Geologia, estando a Mineralogia com 7 614 fósseis. Uma das finalidades do Museu é a de coligir e conservar o material de interesse ao estudo das ciências naturais e antropológicas, especialmente do Brasil, organizando coleções em série e exposições públicas.

BUSTOS FOGEM DOS PORCOS

O desleixo da Quinta é flagrante e assustador. Em consequência já foram dali roubados dois bustos de bronze e nenhuma medida tomou a Prefeitura. Uma das peças era a homenagem ao professor Alípio de Miranda Ribeiro e estava bem próxima ao Zoológico. A outra nem os administradores sabem de quem é, "um ilustre desconhecido" — nos disseram. Uma apreciável contribuição à destruição da Quinta é dada pelo Exército, que ali realiza seus treinos diários, chegando ao exágono das manobras. Mas não é só com essa parcela que o Exército contribui. Instalou ali, bem perto do Zoo, um "stand" para a criação de porcos. O odor exalado pelos suínos constituiu um desespero para os administradores, um suplício para os visitantes, mas a alegria dos oficiais, que assim podem ter à mesa um delicioso repasto. O diretor do Zoo, sr. Mello Barreto, de tão irritado não gosta de pensar no assunto, o odor já lhe basta para transformar a fisionomia. Ele já tomou todas as providências cabíveis e nenhuma surtiu o menor resultado, ao contrário, cada vez mais a criação de porcos aumenta, atendendo ao reclamo gastronômico da oficialidade.

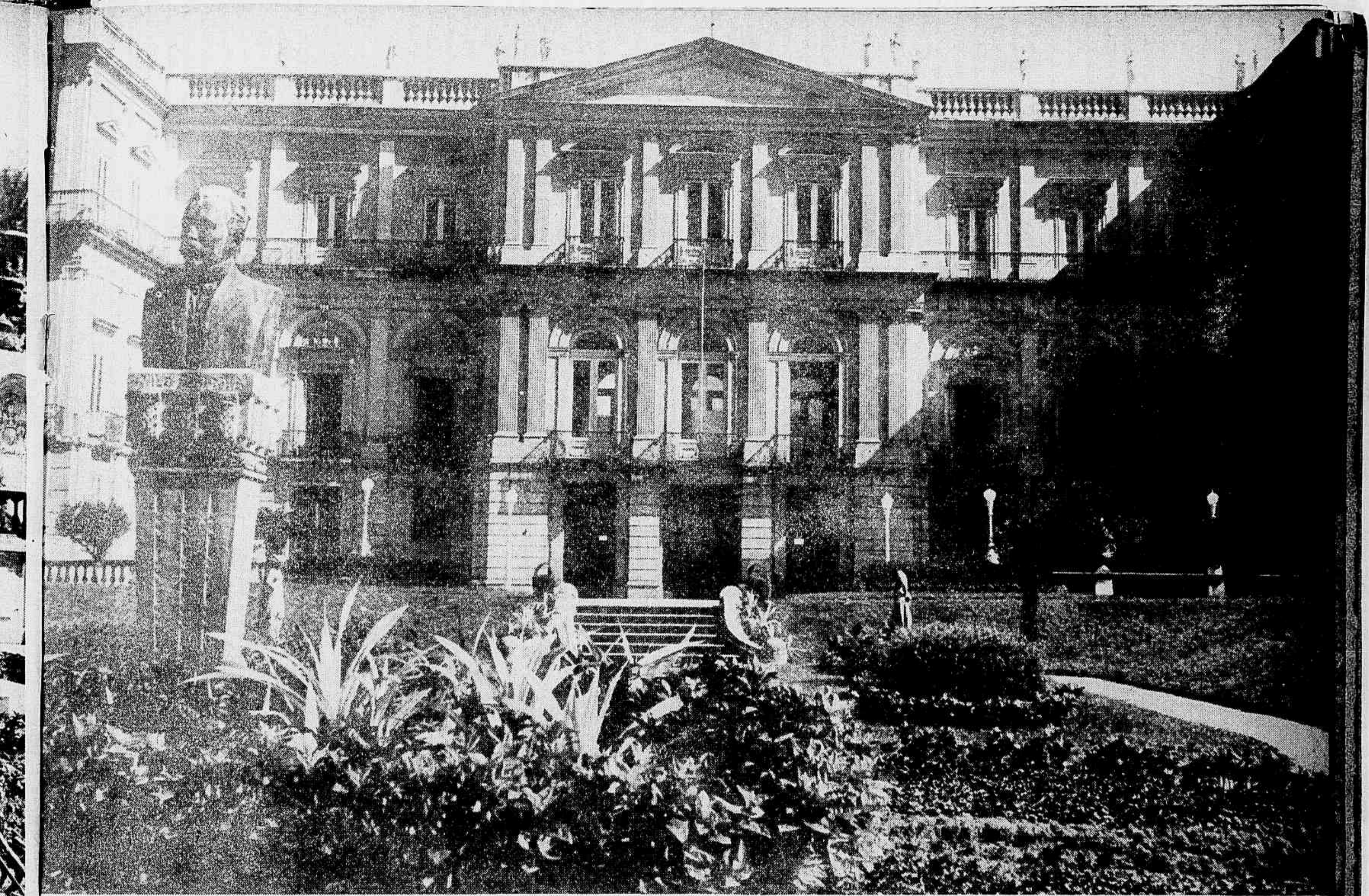
BÓLIDES DESTOAM NA QUINTA

A Quinta, que já reuniu em sua casa, a primeira Constituinte Republicana, que foi a primeira sede do Congresso Nacional, residência de três governantes imperiais (D. João VI, Pedro I e Pedro II) e que viu nascer onze príncipes, serve hoje de palanque para os apreciadores do automobilismo. Periódicamente ali são realizadas provas desse esporte emocionante e os prejuízos são inúmeros, desde a danificação das estátuas e bustos que se espalham pelos jardins até a destruição da flora. Os visitantes do Museu e do Zoo, nesses dias, ficam frustrados em seu objetivo. Para ingressar no parque têm que dispendir de 20 a 50 cruzeiros, dependendo da importância da corrida. O prefeito, sempre convidado para presidir as provas, dispõe-se agora a dar um fim às atividades desportivas naquele logradouro público. A remodelação da Quinta não mais poderá — que tais espetáculos sejam ali realizados, para tranqüilidade do público.



O desleixo da Prefeitura tem sido responsável pelo desaparecimento de bustos e pelo estado lamentável de várias estátuas.





Sessenta milhões de cruzeiros darão novamente, à Quinta, a beleza e o esplendor que teve no passado, e salvarão o seu cenário histórico.



Parque de
Diversões:
um entrave
à beleza
da Quinta.

O MISTÉRIO DO ARAYADO

M. B. ENDREBE

RESUMO : Numa noite de tempestade aparece assassinado, no pavilhão do Arayado, o escritor Georges Meller. Com essa inesperada morte do proprietário da mansão, o cineasta Brémond — um de seus hóspedes mais recentes — assume, de repente e para surpresa de todos, nova identidade: ele é, nada mais nada menos, do que o comissário Bréval, amigo de infância do escritor, e que toma, a si, a iniciativa das investigações do crime.

EU? POR QUE EU? esganiçou a governanta.

A moça não voltou a cabeça e contentou-se em dizer, com o mesmo tom calmo:

— Penso que o quarto onde a senhorita dorme, deve, de tempos em tempos, lhe proporcionar pesadelos.

— Por que? repetiu Lydia agressiva.

— O contrário seria de causar surpresa, retorquiu Nane. Dorme-se sempre mal quando não se está em sua própria casa.

Beaumont calculou que não se tinha tempo de afastar-se da situação, e conduziu todos ao fato, perguntando a Claire com sorriso insinuante:

— Senhorita Brémond, é a nossa derradeira oportunidade. A senhorita irá, talvez, ser capaz de nos esclarecer a respeito desse famoso grito? A senhorita o soltou ou ouviu?

Beaumont não chegou a definir a expressão de Claire enquanto esta monopolizava o olhar num misto de desafio e de temor.

— Não, disse ela afinal, parecendo resignar-se a sofrer um risco. Eu não gritei e não escutei grito nenhum... *Mas eu vi.*

Beaumont levantou as sobrancelhas:

— Realmente? Eis que é, ainda, muito mais interessante: num processo, as testemunhas oculares constituem, sempre, as primícias. A senhorita viu alguém, senhorita Brémond?

Claire inclinou a cabeça e deu um sorriso ambíguo:

— Sim, disse ela. *O senhor.*

Como eco a essa última palavra, um murmúrio percorreu o vestibulo. Apenas Beaumont não manifestou nenhuma emoção.

— Eu? contentou-se em dizer, parecendo querer dar à moça a possibilidade de se recuperar.

Claire sorria sempre:

— Sim, o senhor. E tenho a certeza de não ter tido possibilidade de haver cometido erro: um relâmpago me mostrou, com muita distinção, o seu rosto.

O cineasta não deixou de pestanejar:



— Ah? E o que eu estava fazendo, então? Estava fazendo o papel de alma do outro mundo dentro do seu quarto? Mas, quem sabe, a senhorita não estava em seu quarto? Talvez a senhorita me avistou no andar térreo e a minha vista lhe terá causado um tal choque que a senhorita terá soltado um grito?

— Não, não, disse Claire em nada perturbada por essa saída. Eu me encontrava em meu quarto e foi da janela que eu o avistei...

— A senhorita gosta de contemplar o espetáculo dos elementos desencadeados?

— Não, eu estava fechando, muito simplesmente, a minha janela. O senhor estava do lado de fora e regressava, aparentemente, do pavilhão... Lembro-me de haver olhado para o meu relógio, ao me deitar: eram onze horas e meia.

De novo, essas palavras despertaram um eco naqueles que escutavam, e Claire apressou-se a acrescentar:

— O seu casaco do "smoking" estava encharcado de chuva... Não deve, com toda a certeza, estar, ainda, seco no momento atual e isso poderá verificar-se.

Isabelle nem pôde mais ficar quieta. Agora que se acabava de descobrir uma falta na armadura do cineasta, ela não mais experimentava nenhum temor e fez-lhe ver bem:

— Então, senhor Beaumont, o que tem a responder? Há um momento o senhor nos fez sofrer, com sua própria autoridade, um verdadeiro interrogatório ao qual nós nos submetemos de boa vontade, como pessoas que não têm o que censurar e que procuram tornar-se úteis à polícia, mas estou com a nítida impressão de que o senhor quis, por si-mesmo, a claridade dos projetores, com o único intuito de ficar, melhor, na sombra! Explique-nos, portanto, um pouco, o que o senhor estava fazendo no parque, na hora em que o meu sogro era assassinado?

— Sim, perfeitamente, explique-se! encareceu, inútilmente, o marido de Isabelle.

" - É evidente que o assassino está nesta casa e qu

Beaumont lançou uma olhadela irônica em direção de Delancy e não pareceu, de forma alguma, desconcertado por essa transposição de situação. Pausadamente, êle falou:

— E' com muito boa vontade que me explicarei, mas antes, eu penso preferível avisar-lhes que não sou produtor de filmes, nem André, nem mesmo Beaumont.

O meu nome é Arsène Bréval, e a minha profissão — comissário da Polícia Judiciária.

Foi um levante geral. Exclamações cruzaram-se em tom indignado:

— Ora esta!

— O que significa tudo isto?

Aquêle que tão bruscamente retomara a sua verdadeira personalidade fez um gesto para reclamar a palavra e todos se calaram, ansiosos por saber mais.

— Um ponto permanece exato, disse êle. Meller e eu fizemos juntos os nossos estudos. Faz oito dias, recebi dêle uma carta, convidando-me para uma pequena estada em Arayado, a fim de retomarmos contato — pois não nos víamos desde que êle deixara Paris. Estando em vésperas de férias, aceitei com prazer. Meller foi buscar-me em Pau e, não prevendo evidentemente os acontecimentos que o levaram à morte, pediu-me que me prestasse a essa... farça, pois que minha demora seria curta. Disse-me, rindo: "mencionar a polícia produz sempre mal-estar, mesmo nas casas mais honradas. Ora, estou para me casar outra vez e, nesta ocasião, não quero a menor sombra no quadro!"

Isabelle teve uma exclamação de censura e seu rosto corou vivamente. Acabava de perceber que, desde a véspera, vivia sôbre ilusões: o pseudo-cineasta sempre soubera que ela não era a verdadeira dona da casa, senão em título!

No entanto, o comissário prosseguia, como que adivinhando os pensamentos de Isabelle:

— Meller não me disse o nome de sua futura espôsa, mas devem conhecê-la e creio que seria justo avisá-la com cautela...

— Não é preciso, comissário, disse Lydia Moreau com voz neutra. Sou eu.

A surpresa de Bréval pareceu sincera e êle inclinou-se levemente para exprimir suas condolências, que a governanta aceitou com um sinal de cabeça, digno e triste.

— Minha personalidade de empréstimo colocou-me, esta manhã, numa situação bem delicada — prosseguiu o comissário com um sorriso de desculpa em direção à Isabelle.

— Podia ter pôsto termo a isto um pouco mais cedo, fêz notar Nicolas, parecendo tomar bruscamente consciência de sua nova posição de chefe de família.

Bréval concordou:

— De certo, mas a explicação não seria menos embaraçosa do que agora. Por isto, preferi ficar nas minhas posições até a chegada da polícia local. Ignorava, bem entendido, que Mlle. Brémond me tinha visto voltar do pavilhão e pensei que, nesta situação delicada, vocês confiariam mais facilmente num amigo do que num policial.

Mme. Delancy amarranhava o lenço entre os dedos, o olhar brilhante de cólera:

— É um verdadeiro abuso de confiança!

Bréval voltou-se para ela, com ar de perfeita candura:

— Por que? Não desejava ver descoberto o assassino? Ora, para chegar a isto, todos os meios são bons.

— Desculpe-me, tornou Isabelle com agressiva ironia. Até agora já nos víamos... Suas maneiras podem, pois, nos surpreender.

A frase de Mme. Delancy nem mesmo fêz pestanejar Bréval:

— Em todo caso, disse êle, graças à intervenção de Mlle. Brémond, a situação tornou-se agora perfeitamente nítida. Vamos, pois, continuar êste interrogatório — é melhor nominá-lo com os devidos termos — de maneira mais oficial.

A frase era de mau augúrio e o silêncio que a acolheu deu impressionante relêvo à voz de Claire, erguendo-se súbitamente:

— Há uma coisa que me intriga — falou, os olhos sempre fixos no cabide que se achava atrás de Bréval. Como pôde ter o impermeável deixado pelo senhor no pavilhão — e pergunto a mim mesma por que! — voltado de novo ao "hall"? Evidentemente, não foi tio Georges quem o trouxe...

A moça tornou-se, imediatamente, centro da atenção geral e o comissário traduziu o sentimento unânime, indagando:

— Mas o que quer dizer, senhorita?

Claire debruçou-se um pouco para a frente:

— É simples. Só identifiquei o senhor quando voltou, porque só então tinha o rosto do meu lado; mas nem assim deixei de ver quando deixava a casa um momento antes.

O olhar de Bréval pousou sôbre ela.

— Meu quarto está situado junto acima dêste hall — continuou a jovem, enfrentando aquêle olhar. Procurava manter minha janela entreaberta, quando ouvi a porta de entrada fechar-se bruscamente. Olhei mais do que naturalmente e vi alguém vestido com o capote de meu tio — o mesmo capote que está habitualmente pendurado no cabide atrás do senhor — sair correndo rumo ao pavilhão. No momento, não dei importância e foi só à sua volta que o identifiquei. No entanto, minha memória havia inconscientemente registrado a imagem de seu smoking encharcado pela chuva... Por isto, desde há pouco faço-me duas perguntas: por que, se chovia torrencialmente, deixou o impermeável no pavilhão, com risco de estragar o smoking, e quem o trouxe de novo para cá?

Bréval, depois de lançar um olhar ao agasalho em questão, considerou Claire com atento interesse.

— Antes de responder às suas duas perguntas, senhorita — porque julgo poder respondê-las — gostaria de obter uma pequena confirmação, se ma quer dar?

Claire anuiu com um gesto de cabeça:

— Qual?

Bréval considerou-a, por cima dos dedos justapostos:

— Poderia saber quanto tempo, aproximadamente, decorreu entre o momento em que ouviu a porta fechar-se e o em que me viu voltar?

— Dez a quinze minutos, talvez; não mais de um quarto de hora, em todo o caso.

— Procura assegurar-se um álibi, comissário? Indagou Isabelle num tom ácido, afeita que era à leitura de romances policiais. Não é preciso mais de um quarto de hora para matar-se um homem!

Bréval interrompeu com um gesto:

— Adivinho o que vai dizer e é onde eu queria chegar: não fui eu quem Mlle. Brémond viu sair no início do temporal, com o capote. Nesse momento, eu conversava com Meller. Isto responde à sua pergunta, senhorita, pois peço que me creia que, se eu tivesse alguma coisa para me proteger, não iria de smoking para a chuva.

— Então, disse Claire, olhando em volta, quem foi que eu vi?

Bréval seguiu-lhe o olhar e abanou a cabeça, constatando que ninguém se movia:

— Tenho idéia de que nos vai ser difícil descobrir que o autor do grito... Vejamos, sr. Vernon, por acaso saiu naquele momento?

Nicolas estremeceu como se o tivessem acusado do crime e disse com precipitação:

— Não, não... não era eu... Estava em meu quarto...

O policial não insistiu:

— O senhor então, sr. Delancy?

Jacques abanou a cabeça:

— Eu estava com minha mulher, lembrou.

— Por que não seria simplesmente meu padasto? fêz Isabelle dando de ombros. O casaco era dêle.

— Pela mesma razão de que não podia ser eu — tornou Bréval. Fazia perto de meia hora que estávamos juntos na biblioteca do pavilhão.

e que tem, aqui, uma cumplicidade qualquer..."

— É o senhor quem o diz — murmurou Isabelle entre dentes; mas o comissário fingiu não escutar.

— Como Meller foi morto pouco depois da minha partida, disse, creio poder afirmar que Mlle. Brémond viu o assassino.

Sem dar tempo a que tal declaração produzisse todo o seu efeito, o comissário prosseguiu:

— E já que todos podemos verificar que o impermeável voltou ao seu lugar habitual, é evidente que o assassino está nesta casa e que aqui tem uma cumplicidade qualquer.

Lydia Moreau teve uma exclamação amedrontada e olhou em tórno, parecendo aguardar que alguém lhe saltasse ao pescoço, pois todos os olhares convergiram para o inocente agasalho pendurado junto à porta e com o qual o criminoso se cobrira.

O próprio Bréval não deixou de sentir um certo mal-estar, considerando o capote: o criminoso, uma vez praticada a agressão, despojara-se da pele que o teria identificado, e agora o adivinhavam, invisível, à espreita... Nos olhos de toda aquela gente, o comissário lia um desconforto mesclado de medo, como se cada um se sentisse vagamente cúmplice:

— Um de vocês é ou sabe quem é o assassino. Meu dever é descobri-lo e o de vocês, se estão inocentes, ajudar-me na tarefa com absoluta franqueza. Enquanto eu era Beaumont, o cineasta, não tinha pretexto para interrogar cada um em particular. Por isto sugeri a presente reunião à Mme. Delancy e propus que pusessemos nossas informações em comum, a fim de poder apresentar aos investigadores oficiais um terreno aclarado.

— Deu-nos mesmo a entender que devíamos combinar, entre nós, respostas para a polícia! Lembrou-lhe Isabelle.

— Tendo chegado aos meus fins — continuou Bréval — nada mais se opõe, agora, a que dê mais intimidade às nossas conversas e proponho recebê-los um depois do outro, reservadamente.

— O que temos a ocultar? Protestou Delancy.

— Talvez nada, mas a experiência ensinou-me que a gente se sente mais em confiança durante um interrogatório privado. Não esqueçam que só o assassino tem interesse em mascarar a verdade e, por meu lado, prometo utilizar, apenas na medida do necessário, as revelações que me fizeram.

Isabelle não podia resignar-se muito tempo ao silêncio:

— Com seu sistemazinho de portas fechadas, estaremos na impossibilidade, no caso, de nos opormos um desmentido. É assim que pensa chegar à verdade? ironizou.

— Com efeito, será impossível que imponham desmentidos uns aos outros. Mas haverá, em compensação, contradições, à revelia dos contraditores. Ainda uma vez é a verdade que eu quero e a mim compete escolher o melhor meio para obtê-la.

Bréval acentuou a última frase com vigor e ninguém falou mais.

— Vou começar pela senhorita Vernon, anunciou o comissário com um sorriso destinado a tranquilizá-la. Quer ter a gentileza de acompanhar-me?... Os outros podem ficar aqui ou em seus aposentos, mas, por enquanto, ninguém deve sair de casa.

Ao chamado, Nane levantara-se. A conversa a sós, que ela havia procurado obter na véspera, do cineasta, amedrontava-a agora que se tratava de um policial. Durante todo o tempo em que permanecera no saguão, tinha a moça tido a sensação reconfortante de ser amparada por essa compreensão tácita entre ela, Nick e sobretudo Isabelle, sempre tão segura de si mesma e a cuja opinião sua mãe constantemente recorria. Nane procurou com os olhos a irmã e recuperou um pouco a coragem.

O comissário apoiou levemente a mão sobre o ombro de Anne e esta seguiu-o no corredor que conduzia ao seu quarto. Nane achou que a peça estava um pouco diferente do que era no tempo de Estelle Vernon, assim como o quarto deserto que lhe apareceu

num relance. O cenário, outrora tão familiar, agora parecia estranho.

Com um gesto, Bréval convidou sua interlocutora a sentar-se na poltrona, aproximando para ele uma cadeira que estava em frente à mesa de escrever. Sentou-se de costas para a janela.

Desde o seu primeiro contato com Nane, Bréval sentira-se intrigado pela personalidade da moça, talvez devido a êsse ar de maturidade que contrastava tão curiosamente com o seu rosto, de relêvo ainda infantil. As estranhas palavras por ela pronunciadas na véspera, na penumbra do terraço, haviam acentuado mais essa impressão.

— Ficou penosamente impressionada ao saber do assassinato de seu padrasto... Esta morte horrível...

Anne cruzou as mãos sobre a saia:

— Horrível? repetiu, parecendo pesar o valor da palavra. Sim, talvez... mas sobretudo surpreendente.

Bréval confirmou com a cabeça:

— Sim, os crimes sempre nos espantam. Eu mesmo, que conto por dezenas aqueles com os quais tive de me ocupar, não estou ainda habituado...

Mlle. Vernon interrompeu-o com doçura:

— Não queria dizer isto, mas apenas que não esperava fôsse ele a vítima.

Bréval considerou a jovem com espanto:

— Realmente? O crime em si não lhe causou surpresa?

Nane abanou a cabeça:

— Não.

— E por que?

A pergunta partida tal qual uma bola arremessada. O comissário, de súbito interessado, recorria aos seus métodos habituais. Anne ergueu para ele dois grandes olhos inocentes:

— Eu o sentia... não me ouviu dizer?

— Ah, sim... Ontem à noite... no terraço? — fingiu recordar-se o policial. Falou de um incêndio que ia irromper... sensação de estrangulamento que sentia?...

A jovem abanou docemente a cabeça e pareceu volver à noite anterior:

— Sim, era um pressentimento confuso e indefinível de uma coisa certamente terrível... O mal estava em tórno de nós, na sombra... Era como uma presença que eu receasse que me tocasse...

— E foi por isto que não se espantou ao saber que um crime fôra cometido?

Nane tinha agora um olhar de alucinada:

— Sim. Isto devia suceder, porque o crime chama o crime.

— Parece fugida de uma página de Emily Brontë, pensou o comissário, ao prosseguir com doçura: mas não imaginou que Meller fôsse a vítima?

— Não.

— Quem esperava então ver morrer? lançou, brusco, Bréval.

Nane nem pestanejou e seus lábios murmuraram:

— Lydia Moreau.

A calma segurança com a qual aquela mocinha, aquela criança, falava de crime e de morte, possuía algo de irreal que não deixava de desconcertar a autoridade:

— Mlle. Moreau? e por que isto?

Nane ergueu as sobrancelhas:

— Não é evidente?

— Cheguei ontem, senhorita Vernon, não esqueça. Faz vinte e quatro horas ainda, ignorava as existências e os nomes dos que aqui moram... Não posso estar a par dos segredos de família.

A moça teve um sorriso sem alegria:

— Sim, é justo... Estou tão habituada a viver com a idéia do mal feito por essa mulher, que não penso que os outros possam ignorá-lo. Oh! isto resume-se em poucas palavras: Lydia Moreau era a amante de meu padrasto, mesmo no tempo de minha mãe, e

Em qualquer
setor de negócio

a **segurança**
é **lucrativa**

Há um fator que influi na expansão e no aumento de produção e eficiência dos negócios, no ritmo atual de progresso, podendo ainda afetar a economia doméstica: a segurança. E o seguro é segurança! Previna, para não ter que remediar — faça um seguro. Veja, entre estas modalidades, quais as que lhe proporcionam cobertura adequada, no caso de ocorrer o sinistro:

INCÊNDIO

LUCROS CESSANTES

TRANSPORTES

Outros ramos em que opera

Responsabilidade civil

Acidentes de Trabalho

Acidentes Pessoais

SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

RIO DE JANEIRO

Rua da Assembléia, 72 - 5.º and. - Tel. 32-6868



IA-952-A

mal fechou-se a sepultura desta, essa criada instalou-se aqui, como soberana, até no próprio quarto de mamãe! E ele ia desposá-la, dar-lhe um nome que fôra o de mamãe... compreende? Não, não pode compreender! É preciso ter sido testemunha da hipocrisia dessa mulher, tê-la visto ganhar pouco a pouco terreno, implantar-se cada dia mais sólidamente. É preciso ter vivido todo este tempo com ela para odiá-la como eu a odeio!

A jovem falara numa voz surda mas onde, de vez em quando, vibrava uma nota ardente. Bréval tinha a impressão de ter visto Nane transformar-se sob seus olhos; a menina de estranha placidez dera lugar, quase insensivelmente, a uma dessas corças implacáveis na vingança.

— Para resumir — disse o policial abandonando o cachimbo que se tinha pôsto a limpar maquinalmente — não se espantaria ao saber esta manhã da morte de Mlle. Moreau em vez da de Meller?

Anne susteve o olhar:

— Não, acharia isto justo. Por causa dessa mulher — Isabelle poderá dizer-lhe — nossa mãe morreu tão seguramente como se houvesse sido assassinada.

— Sim, sim, compreendo, disse Bréval num tom conciliador. Mas todo assassinato supõe um assassino... Quem, ao seu ver, teria motivo para matar Mlle. Moreau?

O olhar de Nane nada perdeu de sua segurança:

— Todo mundo e ninguém... Não esperava que um ou outro matasse essa mulher, mas sabia que ela devia ser castigada, porque Deus não permite que os maus triunfem indefinidamente... A vingança me pertence, disse o Senhor...

— No entanto, a vítima não foi Mlle. Moreau, objetou o comissário, impressionado, sem querer, por essa confiança mística que lembrava a inabalável fé que tinham os mártires.

Anne, porém, colocava muito alto sua certeza para que algo pudesse atingi-la:

— Seu dia chegará, disse. Meller tinha sua parte nas culpas, mas foi Lydia quem o seduziu... Tem tanta confiança em sua beleza, tanto autodomínio... Ele não podia resistir muito tempo...

é tão fraco, um homem! Não, não era ele o mais culpado e, se foi castigado, chegará também a vez de Lydia.

Sempre a mesma segurança tranqüila, essa crença obstinada numa justiça imanente. Embora profundamente perturbado por uma atitude cujo precedente não encontrara em sua carreira, Bréval não perdia de vista seu objetivo:

— Ouviu êsse grito de mulher do qual nos falou sua irmã? Nane umedeceu os lábios:

— Não.

— Seu quarto, se me recordo, insistiu Bréval, não fica, no entanto, mais perto do vestibulo do que o de Mme. Delancy?

Pela primeira vez desde o início do interrogatório, Anne desviou seu olhar:

— Sim, mas nada ouvi... Era tão violenta a tempestade!...

Houve um silêncio. Mlle Vernon conservava agora os olhos obstinadamente fixos sobre suas mãos sempre cruzadas na saia.

Pensativo, Bréval tamborilou na borda da mesa:

— Pois bem, senhorita, disse por fim, de momento, não vejo mais nada a perguntar-lhe. Agradeço por me haver falado com tanta franqueza... Não o teria talvez feito perante os outros, heim?

Nane corou um pouco:

— Penso que sim... mas teria sido menos fácil.

Bréval abanou a cabeça:

— Sim. Portas fechadas são boas.

O comissário levantou-se e reconduziu a moça até o hall. Este agora se encontrava deserto, com exceção de Lydia Moreau, sentada numa extremidade do sofá e fumando um cigarro.

— Os outros subiram? indagou o policial.

A governanta debruçou-se sobre o cinzeiro no qual esmagou o cigarro:

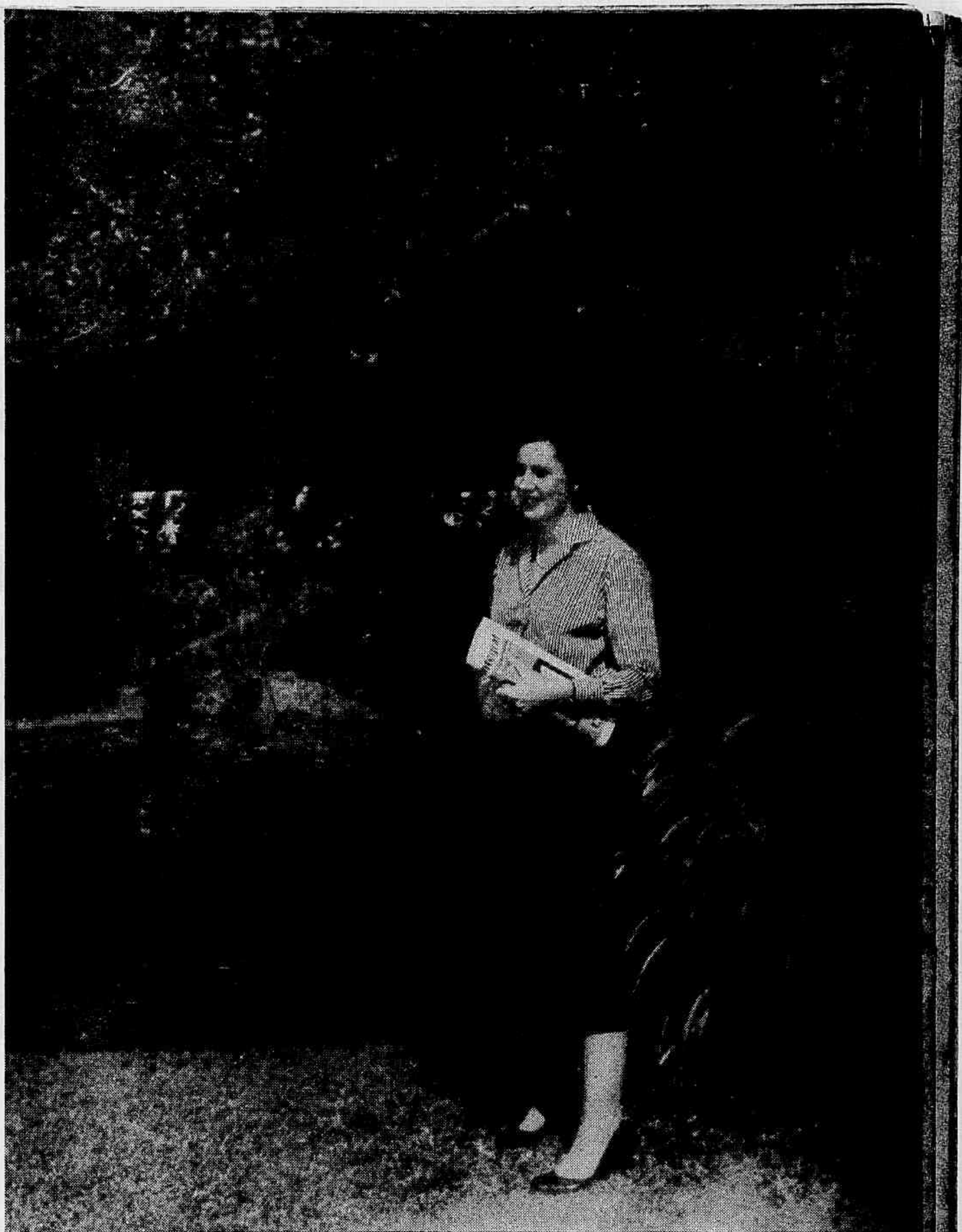
— Sim, todos. Sem dúvida não apreciam a minha companhia. Poderia tê-los imitado, mas certos fatos que julgo poderem interessá-lo, voltaram-me ao espírito. Eis porque preferi esperar aqui que tivesse terminado com Na... com a senhorita Vernon, concluiu. Anne, sem lançar-lhe um único olhar, pôs-se a subir a escada.

(Continua)

Na antiga mansão da Gávea

A
EMBAIXATRIZ
FAZ
POESIA

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA



PATRICIA PAGE — A paisagem é a solidão

SÃO SURPREENDENTEMENTE límpidos os dois olhos que se despregam da coleção de livros em fila indiana nas estantes da biblioteca e se fixam em mim pela primeira vez; tão claros e límpidos que embora a quase penumbra da sala posso ver minha própria imagem crescendo dentro deles como num espelho ou, ao menos, como acontece quando alguém se vai debruçando sobre a placidez de um lago para espiar-lhe o fundo. Noto que o esmeralda-pálido desses olhos calha muito bem com o ambiente que os cerca, seja quando contrasta com as tonalidades mais fortes do salão de leitura, seja quando cintila como turmalinas pelos meandros daquele casarão, outrora propriedade particular, hoje residência privativa da Embaixada do Canadá, plantado entre cedros, cássias, roseiras, *filamboyants*, ipês e quaresmas em flor, nódoa de alvenaria côr-de-rosa sobre o tapête de grama que parece ter entrado em ebulição na manhã de sol a plena fôrça. Por uma associação de idéias, logo que o automóvel cruza o portão de ferro onde se posta em sentinela o jardineiro baixote a zelar pelo sossego da grande família vegetal, acode-me à memória o colorido Goodridge:

*In a green place lanced through
With amber and gold and blue,
A place of water and weeds
And roses pinker than dawn
And ranks of lush young reeds...*

Ora, é justamente para tratar de poesia que acabo de invadir (no 1º de julho, data nacional do Canadá) aquela mansão no alto da estrada da Gávea. E é justamente de poesia (de poesia canadense, natural) que me fala a dona das aprazíveis retinas. Quem é? — uma das consagradas e mais originais poetisas do seu país. Seu nome: Patrícia Kathleen Page ou, se preferirem, Mrs. W. A. Irwin, senhora do embaixador do Canadá no Brasil.

CONHEÇAM PATRÍCIA

Patrícia Page é, de resto, criatura bem fora do comum: — não gosta de ver-se transformada em notícia. Mas é um assunto e tanto; figura entre as primeiras que, em sua geração, encontraram meio de manusear uma forma diferente — e bela — de dizer e, de sua inspiração, extraíram não uma algazarra de rebelião porém o estímulo para o desenvolvimento literário e poético com que marcam a cultura da América do Norte britânica. Os poemas de Patrícia Page (dizia não faz muito o crítico A. J. M. Smith no prefácio da antologia que organizou sobre o que há de melhor na poesia do Canadá) são modernos, autênticos, atuais; e mesmo quando dão a impressão de que descambam para o tradicionalismo, são modernos ainda assim. A maior parte está impregnada de um novo tipo de filosofia. “No fundo”, confessa-me Patrícia Page, “desconfio que sou mesmo romântica e que de modo ne-

nhum me pareço a um filósofo". Claro que não parece! Contudo, feitas as contas, é pura filosofia o que a caracteriza, como no seu *História da Neve* ou no esplêndido *As Estenógrafas*.

Essa inglesa que, pelo coração, ficou sendo tão canadense, nasceu no Dorset. Na região meridional da Inglaterra, que escorrega para o oceano a tradição britânica de liberdade e de ousadia (e ainda de teimosia, vá lá), a pequena Patrícia cedo teria de sentir o irresistível chamamento do sem-fim, da imensidão líquida que cerca a sua Ilha. O panorama largo, o mar, as penedias da costa apontando a amplidão do céu, tudo enfim sugere ali a presença de uma ambição de vira-mundo, dos que não param. Não terá sido à-toa que a mesma Grã-Bretanha semelha em seus contornos ilhéus uma Lady andarilha recortada no mapa, a arrastar a bainha da saia e a experiência itinerante pelo *English Channel* e mais longe até onde se estende a *Commonwealth*. A jovem inglesa não poderia, pois, fugir ela mesma à predeterminação. Além do mais, o pai de P. K. Page (ela mantém nos livros o nome solteiro e abreviado) era oficial do Exército inglês, sempre em viagem, à mover-se daqui para ali; e o marido acabou sendo um diplomata a quem, por força igualmente da profissão e das circunstâncias, não se permite esquentar lugar. Patrícia, em tenra idade, veio com o pai para o Domínio, para a América; e aqui ei-la a mergulhar de corpo e alma no continente novo, na cultura nova, numa também nova concepção de vida, a qual mais tarde teria oportunidade de confrontar com a de seu país de origem e com a adolescente Austrália, onde esteve durante uma das comissões de Mr. Irwin.

Esse o pano de fundo, ou melhor, a base em que desabrocharia a semente do inédito, do ainda-não-feito, do agora e do hoje, e

não do pretérito e do ontem, constante nos versos pageanos, saudados pela crítica como "algo de muito importante ocorrido no Canadá na década iniciada em 1940."

"PREVIEW" OU PRÉ-ESTREIA

Na conversa, recorda-se tudo isso. Uma das primeiras perguntas diz respeito à ocasião em que Patrícia começou a escrever. A resposta é quase tão desconcertante quanto o brilho que lhe flutua no olhar: "Ora, eu creio que sempre escrevi. Agora se o senhor indaga quando tentei escrever a sério, respondo-lhe: foi aos vinte anos de idade. "Bons tempos aqueles em que, em Montreal, ela conheceu o grupo de poetas de *Preview*. "Era (conta) uma revistinha literária, a *little magazine*, dessas onde há muito ideal, muito entusiasmo, muita vontade de fazer mas... pouco dinheiro. Durou cinco anos". Curioso: *Preview* significa pré-estréia...

Era a guerra quando os de *Preview* se juntaram naquele mesmo país onde, por sua vez, dois povos e duas culturas marcaram encontro. Época de sonhos e de esperanças. Patrícia Page escreve a essa altura o que intitula de *Geração*:

*Agora, quando roçamos continentes
com as pontas dos dedos mínimos,
quando sulcamos mares distantes
e andamos em calçadas alheias
vestindo os pesados capacetes
de proteção e de fé..."*

Passou a guerra. A humanidade enxuga do solo o sangue derramado e tenta desesperadamente fechar as suas cicatrizes. Miss Page, já agora Mrs. Irwin, oferece satisfação diferente; dá-nos versos ora satíricos ora emotivos e todavia dotados de tanto vigor que se os tomaria por nervos esticados a vibrar à guisa de cordas em sua lira. Os poetas de *Preview*, ela inclusive, têm sagacidade e agudeza bastante para refletir as virtudes e acossar os vícios de sua geração. Em verdade, lideraram a corrente dos que descobriram na realidade social do homem assunto muito mais sedutor, muito mais grandioso, do que a contemplação embevecida da Natureza ou as diatribes indignadas contra Deus. E Kathleen, em seus dois livros — *As Ten, as Twenty* e *The Metal and the Flower* — consegue que o leitor adivinhe a presença da angustiante solidão e compreenda que "quem está retratado nessa poesia é ele mesmo o homem comum". Agora, já não é guerra a palavra dominante em seus poemas, mas — *inocência*. Uma inocência sem a pureza e a invulnerabilidade que o consenso geral lhe empresta: "A criança inocente cresce, modifica e acaba por descobrir-se só, numa solidão que apavora". Novamente Patrícia Page desvenda um tema moderníssimo embora de conteúdo bem antigo. E se para Thomas Wolfe a eterna procura é a do caminho de regresso ao lar, para a canadense-inglesa a busca "persiste sendo, para a eternidade, a do retôrno possível à inocência".

O GIGANTE KLEIN

"Abraham Klein constitui bom exemplo de poeta vigoroso e influente na moderna poesia canadense. Refiro apenas a poesia de língua inglesa. Infelizmente, e isso há de soar estranho, não sei francês e pouco poderia dizer do movimento cultural do Canadá nesse idioma". É o que Patrícia Page, sentada à minha frente e metida no seu vestido meio branco meio lilás, vai comentando. E entre duas xícaras de café passamos a um golpe de vista à poesia atual do Domínio.

Quem é afinal esse Abraham Moses Klein? Ela explica: "Cidadão de Montreal, advogado, lente de hebraico, profundo conhecedor de história judaica e, por sua vez, judeu de talento e imaginação. Herdeiro de uma tradição milenar, reflete-a em cada linha do que escreve. As vezes, seus versos têm a força das falas dos profetas bíblicas e, como estes, é arrezoa amiúde, não porque seja advogado porém porque o dom de arrazoar e argumentar está no Talmud. Ironíssimo, finíssimo, é ademais um rebelde que, quando quer, consegue, por milagrosa contradição, resignar-se". Exato. Seus poemas são, aqui generosos, ali preches de condescendência e simpatia; acolá endurecem como uma porção de água a que se fizesse repentinamente congelar e são lanças afiadas na sátira e na crueldade que é arrezoa ao peito das incoerências humanas. Um grande poema seu: *Autobiográfico*:



A ESCADA RECORDA A VIDA — E a luz ao fundo recorda Lorca

sau-
no

gun-
r. A
flu-
se-
aos
real,
uma
deal,
piro.
nes-
ram
es-

der-
liss
nos
gor
or-
aci-
os
que
ais
eci-
E
tal
da
ssa
a a
no-
ral
oor
cia
em
ni-
er-
".

in-
de
sei
dá
e e
o.
à

da-
ce-
gi-
ha
os
ue
ar
uc,
".
es-
ua
na
as



SAUDAÇÃO AO 1º DE JULHO — Mas, em lugar de champanha, café

ARTE CANADENSE — As vezes, o surrealismo é bom?

*Nas ruas isoladas do ghetto
caminhava sonhando um garoto judeu.*

Temo-lo sob outro ângulo em seus mais recentes versos, nos quais — novidade — casa-se a um tempo o inglês e o francês; ou no *Bestiary*, no *Political Meeting* e, ainda, no *Monsieur Gaston*, aquele senhor a quem sempre se predisse um fim desastroso e que hoje, graças à política, tem chofér particular, honrarias, respeito público e até "um harém que se despe e se veste quando êle comanda."

E não me passa despercebido, num livro que a embaixatriz empunha, o excelente verso da moça Livesay sôbre o moço Lorca:

*While you
You hold the light
Unbroken.*

ÊLES E ELAS

Outro notável: Scott, que formava em *Preview* com Klein e com Patrick Anderson, todos advogados, lentes ou professores e nenhum vivendo (Deus! como isso lembra o Brasil) exclusivamente da veia poética. Ainda; a penetrante sátira de L. A. Mackay, a ironia e a preocupação social do mesmo Scott, o lirismo lúgubre de Kennedy, a apaixonada tendência metropolitana de Raymond Souster. E mais Gustafson, Charles Bruce, Kay Schmidt, Miriam Waddington, Dorothy Livesay, Jay MacPherson. Informação de Patrícia: "Há grande número de mulheres na poesia canadense de nossos dias; e trabalhando muito." Se são moças ou não? Bem, a mulher é sempre moça, em última análise pelo espírito. "De 45 anos para menos é a idade em que elas predominam mais no Canadá".

UMA FRASE E UM ADEUS

Um — *ainda não!* — de advertência em português à empregadinha que intempestivamente ia bolindo na bandeja do café, e algumas frases, de espírito pingam ponto final na palestra. As frases são estas: "Como vivi? O que gosto de fazer? Se eu fugia de casa quando era menina? Quais os meus sonhos e desilusões? Vejo que o senhor está pretendendo que eu, para responder, comece todo um poema... E olhe que talvez não seja má idéia."

Fico sabendo enfim que o poeta Theodore Goodridge tem um poema chamado *Pernambuco em Maio*, que Patrícia Page, sem ser surrealista, gosta do surrealismo para ler e que provavelmente ficará no Brasil dois anos e meio, tempo em que durará a comissão do marido. "O prazo é curto. Não dará para conhecer todo êste imenso País", ela frisa.

Tenho uma vontade danada de dizer-lhe que o tempo será ainda mais curto para entender-nos.

O homem alto .

ANÍBAL MACHADO

O EPISÓDIO da "boite" deixou-nos abatidos por muito tempo. Acirrou o nosso ódio contra os altos.

Dirigindo-se ao Fagundes, disse Josias :

— Fagundes, não está certo. Afinal de contas, eles não têm culpa de serem grandes. E nós, se nascemos desse jeito, não podemos esbofetear os nossos pais. Esta guerra é absurda.

E virando-se para o Espadim :

— Você mesmo já disse uma vez que era preciso ser alto por dentro.

— É invenção sua, nunca disse tal ! Você está traindo os nossos compromissos.

— Esse negócio de ser alto por dentro, eu não entendo — disse Gorgulho.

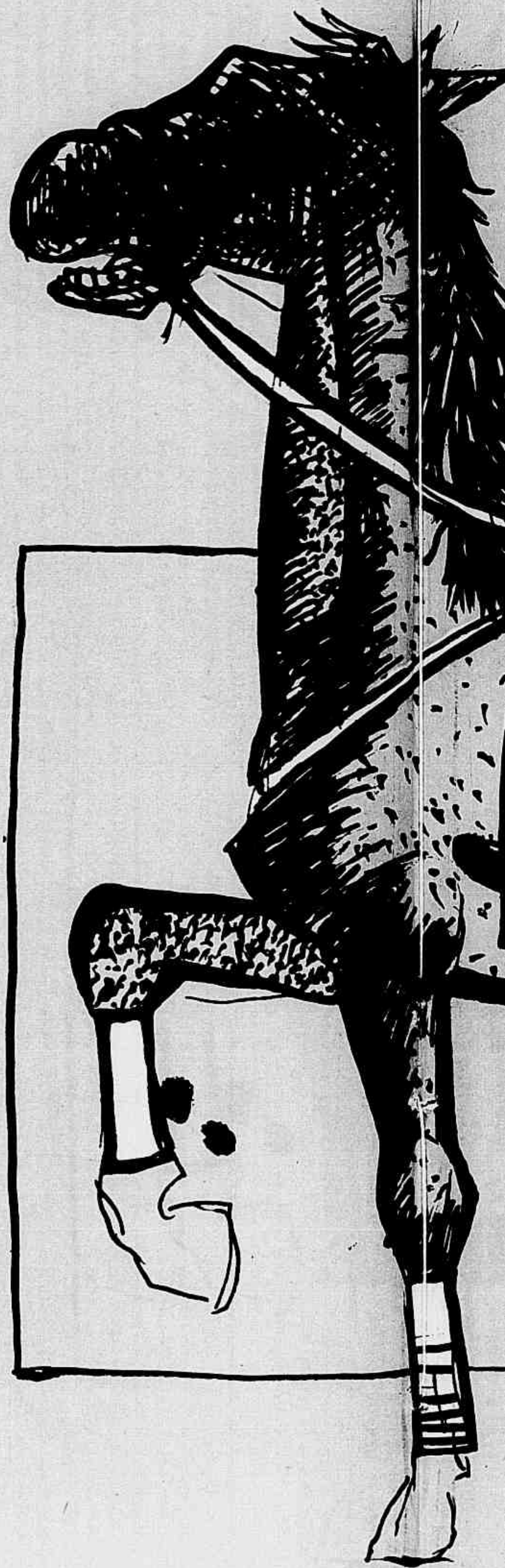
— Somos pequenos, mas não fugimos à luta ! — exclamou o Vítor.

— Que luta ? Luta contra quem ? — perguntou Josias.

— Contra os nossos inimigos.

— Que inimigos ?

— Os altos ! — disse Espadim, quase soluçando.





30°

Pom.

Retiraram-se aos poucos. Não os vi quando desapareceram. Nós, os baixinhos, desaparecemos depressa na multidão. Pus-me a refletir. Josias tinha alguma razão. Fagundes não queria compreender. Nem êle, nem Gorgulho, nem Vítor; nem o terrível Espadim, de olhos fuzilantes, o mais intransigente.

Nas reuniões do Bar da Nicete discutimos diversas medidas e tomamos várias decisões. Era preciso traçar novos planos, fixar comportamentos que atenuassem o nosso drama. Vi com alegria que as ponderações de Josias amainaram a intransigência do grupo. Descemos então a detalhes.

Nada de esticar o pescoço, de falar alto demais, de equilibrar-se na ponta dos pés para ver o que se passa longe. Também não gesticular demasiado. Se o nosso chapéu estiver muito em cima, no cabide, nunca utilizarmos a cadeira para apanhá-lo. Calçar discretamente; o salto exagerado só serve para tornar mais risível a nossa condição. E nunca discutir com sujeitos altos, uma vez que falam sempre de cima.

Providência importante seria deixar o Rio de Janeiro. O Rio é cidade ingrata para pessoas de pouca estatura. Suas montanhas só fazem acentuar a nossa pequenez. Criam em relação a nós uma escala de medida que nos reduz quase ao tamanho de formigas, como homens na praia vistos de avião. Assim concluimos, depois dessas considerações um tanto aberrantes.

Mas largar o Rio seria difícil; mais difícil ainda encetar vida nova noutro lugar.

Não devíamos também sair em grupo; sentados, ninguém notava; andando juntos, daríamos a impressão de uma família de anões de circo. Ao lado de tipos médios, vá lá; mas êstes, que formavam o grosso inexpressivo da multidão, não nos interessavam.

Aplicando nossas conclusões a casos isolados, achamos que o Espadim devia ser advertido para que não insistisse em dançar com mulheres grandes, como era de seu hábito.

Nunca me saiu da memória o corpinho dêle a esvoaçar por cima das mesas, aquela noite na "boite"...

Já não nos inquietava mais a procura de uma base física maior. Inventamos compensações. E relativa tranquilidade desceu sobre o grupo. Dispersamo-nos por algum tempo. Cada qual procurava seu rumo na vida. Soube, mais tarde, que Gorgulho, sonhando sempre com a carreira das armas, arranjara com certo deputado do Norte uma lei que alterava os regulamentos no tocante às exigências mínimas de estatura. Fagundes empregara-se numa fábrica de biscoitos onde o apelidaram de Fininho; Josias, com quem me encontrei dois anos depois, preparava-se para um concurso de radiotelegrafista da Panair. Desejava viver nas alturas... Espadim, com o pseudônimo de Atlas, escrevia num vespertino crônicas agressivas contra todo mundo; aprendia violino e jiu-jitsu. Vitinho embarcava para o Sul, sem dar notícias. Eu me deixei ficar por aí mesmo sem rumo certo. Sonhava...

Sonhava naturalmente que era um gigante. Noites sucessivas acordei com razoável estatura. E durante horas a sensação se prolongava. Vingava-me nos sonhos. Depois, o estado de vigília ia-me reconduzindo às proporções primitivas, e o meu sofrimento aumentava na razão da delícia anterior.

Mas os sonhos voltavam. A força de se repetirem, fui-me sentindo grande, mesmo fora do sonho. Por fim, comecei a vencer-me.

Mudei de maneiras. Soube que de raro em raro alguns dos antigos companheiros ainda apareciam no bar, onde se estranhava a minha ausência.

Na verdade, não podia freqüentá-los. Já me sentia maior do que êles, embora não muito seguro de meu crescimento.

Êstes fatos extraordinários tornavam-me inapto a qualquer espécie de convívio.

Procurava lugares ermos. Estranha metamorfose estava se operando dentro de mim. Que ninguém me perturbasse. Dentro, só? Não. Fora também. Conto isso, sabendo embora que ninguém

acredita. Alucinação ou o que fôsse, eu estava crescendo... Tal como uma árvore ou chama subindo. Um prodígio. Os pés cresciam; os braços e o tronco, também. O coração batia-me forte.

Era porém nas pernas que se passava o principal. Ossos e tendões se estiravam por um impulso que vinha de baixo para cima. Minhas fibras pareciam estalar. Os quadros de parede chegavam-me à altura do nariz. Dentro em pouco, eu deixaria o patamar da janela ao nível dos joelhos; e chegaria a avistar um trecho de baía, coisa que dantes só conseguia trepando na cadeira.

O corpo atendera à minha vontade. Será que ninguém percebia?

Veio-me a vontade de estrear publicamente a minha altura. Precisava sair. Vesti-me. Mas a roupa era a mesma que usava antes!

Decepcionado, dirigi-me ao espelho. E o espelho me tranqüilizou, devolvendo-me o tipo alto em que acabara de me tornar...

Eis-me finalmente instalado num corpo grande.

Ninguém pode imaginar o que seja a delícia de sair pela primeira vez à rua exibindo a estatura sonhada!... Adeus, figurinha enfezada. Vou começar vida nova.

Meu gabarito, naquele momento, devia ter atingido mais de metro e oitenta. Era esta pelo menos a altura com que me sentia...

Atravessei a multidão. Quedei-me diante das vitrinas. Como não havia ainda articulado qualquer palavra, receei pela minha voz. E se saísse fina? Prendi-a por algum tempo, depois fui pronunciando "houm! houm!", com certa cautela. Vi que o tom se ajustava ao corpo. Fiquei satisfeito.

Meu primeiro pensamento foi passar em frente à janela das antigas namoradas.

Era a nova versão corporal que estava inaugurando. Caminhava em estado de levitação. De surpresa em surpresa. Devolvi com ligeiro aceno de cabeça a saudação de um homem imponente. Nunca o vira. Pouco importava: era alguém da mesma seita. Entrei numa loja, as caixeirinhas acorreram sorrindo. Disputavam o privilégio de servir-me.

— O senhor deseja uma camisa de pescoço... trinta e quatro, não é assim?

— Não, senhorita. Quarenta e um! (Minha voz falseou um pouco).

Uma delas sussurrou ao ouvido da outra, envolvendo-me com o olhar: — "Como êle se parece com..." Mas não peguei o nome, parecia ser o de algum ator famoso do cinema norte-americano.

Puxa, como é bom ser alto!... pensei, embevecido. Agora sim, compreendo o orgulho com que "êles" singram a multidão. Vitoriosos, serenos!... Como cisnes de lago. E eu pertencendo a essa casta de privilegiados!

O vento desmanchava-me a cabeleira, enquanto eu estremecia em longa vertical. Prossegui. Mostrei-me em ruas de mais movimento. Estava deliciado. Abria-se-me uma visão risonha do mundo.

Foi quando dei com Fagundes. Fagundes me aparecera na hora mais imprópria. Sua presença fêz-me subitamente descer à estatura odiada. A estatura que Deus me deu. Queixou-se da vida, contou-me que estava mal satisfeito na fábrica de biscoitos.

Era preciso evitar Fagundes. Despedi-me depressa.

Apenas recomeçava a tomar o tamanho ideal, divisei uma figurinha conhecida, rente ao solo, quase ninguém entre os transeuntes. Era o Espadim. Ia com certeza encontrar-se com Fagundes. Óculos de aro grosso, cabeleira despenteada. Assumia propositadamente um ar feroz. Com isso, buscava certa compensação: apagava-se menos no meio dos outros.

Quebrei a esquina antes que me visse.

Da Praça Tiradentes até à minha casa, caminhei com dificuldade, indeciso, e sem altura definida...

Minhas idéias baralhavam-se.

Descobri então que o meu tamanho não era fixo: aumentava ou diminuía segundo as circunstâncias, e a maior ou menor intensidade de meu desejo.

gigante. Noites sucessivas acordei com razoável estatura...

Aos olhos de meus companheiros, por exemplo, não conseguia sequer um centímetro a mais.

Passei a dispor de duas atmosferas, conforme me fazia alto ou baixo. Manter-me na primeira, onde preferia ficar, exigia esforço, às vezes me cansava.

No encontro com Olívia, cheguei mesmo a descobrir que nem sempre a muita altura favorece — conclusão de que eu queria dar ciência, a título de consolo, aos antigos companheiros do bar.

O caso foi o seguinte: achava-se Olívia desgostosa deste mundo, junto à muralha do cais, no Flamengo, quando a abordei. Ninguém na praia. Eu usava o meu tamanho habitual, tão distraído me achava. Olívia era grande, com algo de maternal nas maneiras e na voz. Conversamos até o cair da noite. Seguimos por uma rua escura. Depois, abraçamo-nos demoradamente. E prometi voltar. Pareceu-me que naquele encontro eu demonstrara mais ardor do que ela.

“No próxima vez vou me apresentar com a minha nova estatura”, pensei comigo. “E ela vai ficar completamente caída: terei, assim, assegurado por mais tempo a fidelidade de Olívia”...

Recebeu-me num sábado de chuva. Eu lhe surgira outro homem. Mais calmo, mais decidido. E grande, oh! grande, que é como todo amoroso deve apresentar-se à mulher amada.

— Outro dia te achei mais interessante, disse-me ela. Por que agora esse ar grave, essa cara de homem cruel? Está até me lembrando o Isaías. Ih! nem quero me lembrar... Aquilo só tem tamanho...

Assim se frustrou o meu romance com Olívia — inesperado desfecho para a primeira aventura amorosa de um homem alto.

Os anos passavam e no bar da Nicete já não se contava mais com a minha presença. Eu era o desertor, o renegado. Um dia recebi um bilhete de Espadim: “Que é que anda fazendo? Será que ficou também importante? Virou por acaso homem alto? Sujo!”

Não podia ensinar-lhe a minha fórmula. Nem a êle nem aos companheiros. Rir-se-iam de mim. Além do mais, receava que, perto deles, se repetisse o fenômeno verificado no largo da Carioca, quando de meu encontro com Fagundes.

Eu vivia de vender às farmácias pomada para a pele e vermífugos, e de entregar amostras aos médicos. Mofava horas nos consultórios. Aos primeiros sinais de meu novo físico, a coisa mudou. Não esperava o intervalo das consultas; entrava de cara, abria a pasta, e ninguém saberia dizer quem era o vendedor, quem o doutor.

Foi com a nova altura que entrei nos escritórios da firma Richard & Cia. disposto a obter, e certo de que obteria, o lugar de vendedor de seus produtos. O gerente olhou para mim e disse:

— Não precisa apresentar documentos. Venha amanhã cedo. A sua mesa é aquela — e apontou para uma mesa de aço com arquivo ao lado e telefone em cima.

Nesse aparelho conversei com as pessoas mais importantes e as mais belas mulheres da cidade. Pelo tom de minha voz e maneira de conduzir o assunto percebiam logo os interlocutores o meu peso e autoridade.

Tal o poder que me conferiam os quarenta e mais centímetros complementares que me acrescentava quando queria.

Fui logo promovido a chefe de vendas.

Pensei em deixar o Rio de Janeiro. Fixara-se em mim a idéia de que se fica menor quando se tem perto alguma colina ou montanha. Como se não tivéssemos também contra nós os arranha-céus.

Poderia agora parecer desnecessária tal providência, mas estaria obrigado a fazer uso constante de meus novos poderes. As pessoas que no Rio me conheciam não acreditariam. Perto delas, a metamorfose não se produzia. E eu teria que voltar ao homúnculo de metro e quarenta e cinco. Apenas isso... E já não podia mais suportar o humilhante retrocesso.

Mudei-me para S. Paulo.

Ali cheguei em pleno gôzo de minha nova estatura. Pela manhã, exibia-me nos parques e jardins; à tarde, nas artérias principais. Sempre calado, como convém aos altos.

Nunca, até então, conseguira atravessar as ruas de qualquer cidade com tão deliciosa sensação de calma e imponência. Muito mais seguro de mim que no Rio. Era como se caminhasse nas nuvens. Eufórico, predisposto a qualquer ato de grandeza e decidido a correr em auxílio do mais fraco, onde houvesse injustiça e brutalidade. Era o meu momento d. Quixote. A imagem desse herói galvanizava-me. Não iria mais acovardar-me ao ponto de não intervir, como aquela vez, na praia de Copacabana, quando vi dois atletas massacrando um pobre homem caído e desarmado que me pedira socorro e eu nada mais pude fazer que xingá-los de longe.

Farejei as ruas apinhadas, a ver se havia alguma injustiça a reparar. Nada. Foi quando descobri, numa praça, uma multidão de crianças fazendo fila à porta de um parque de diversões. Era um sábado, à tarde. Um homenzarrão, de uniforme, retardava a abertura do portão. As crianças gritavam. A visão da roda gigante girando iluminada, exarcebava-lhes a impaciência até ao choro. Dirigi-me ao porteiro e ordenei:

— Deixe que entrem tôdas!

Não sei o que deu no porteiro; tocou respeitosamente no boné, e franqueou a entrada a toda a turma.

Explico: estava na plenitude dos meus cento e oitenta e tantos centímetros!

Minutos depois, dentro do mesmo parque, minha proeza com uma das máquinas de experimentar força deixou todo mundo estarelecido. Consistia o brinquedo em empurrar pelos trilhos de metal uma pesada peça parecida com ferro de engomar, até que alcançando a extrema altura, fizesse explodir uma espoleta lá em cima. Pois duas vezes impeli a peça até o ponto final, façanha que não fôra conseguida por nenhum dos tipos enormes que a haviam tentado. Ao retirar-me, ouvi alguém dizer: — Como pode um homenzinho dêsses fazer explodir a espoleta?

O comentário me deixou perplexo. Não era a primeira vez que se levantava dúvida sobre a visibilidade de meu físico. Mas a espoleta explodiu!

Será que meu corpo não chegava a exteriorizar-se? Se eu tinha a certeza que sim! E que só por isso, a vida me corria fácil!

A prova é que se sucediam convites para festas e comemorações; a prova é que insistiam para que eu dirigisse empresas, para que jantasse com Fulano e Sicrano, para que fizesse parte da diretoria deste e daquele clube!...

Eu não sobrava para nada. Escandalosa a opção da sociedade pelos tipos altos.

Mas não podia estar usando sempre o meu físico de gigante: forçava-me demais a natureza. Meus hábitos de sujeito miúdo eram enraizados, datavam de mais tempo. Tinha, porém, a certeza de que, na proeza do Parque de Diversões, eu não podia deixar de estar no gôzo de minha nova força e estatura. Sim, a espoleta explodiu!...

Tantos eram ultimamente os convites e honrarias, que me vi obrigado a recusá-los. Às vezes me fechava no quarto, estirava-me na poltrona, esquecido de mim, reduzido a quase ninguém. Só quando tinha de sair é que, no corredor, retomava o novo físico, reassumia a minha importância. E descia imponente para o “hall” do Hotel, em condições de ser admirado.

Na verdade, o esforço me cansava. Já não me sentia tão feliz no figurino. A princípio eu me enchera de orgulho; agora, não me entusiasmava tanto. Sentia-me no novo corpo como num destêro.

E tive impulsos de revogar a estatura atual, conformar-me definitivamente com a antiga. Mas era tarde demais. E viriam as complicações. Talvez a firma Richard me dispensasse do serviço...

(Continua)



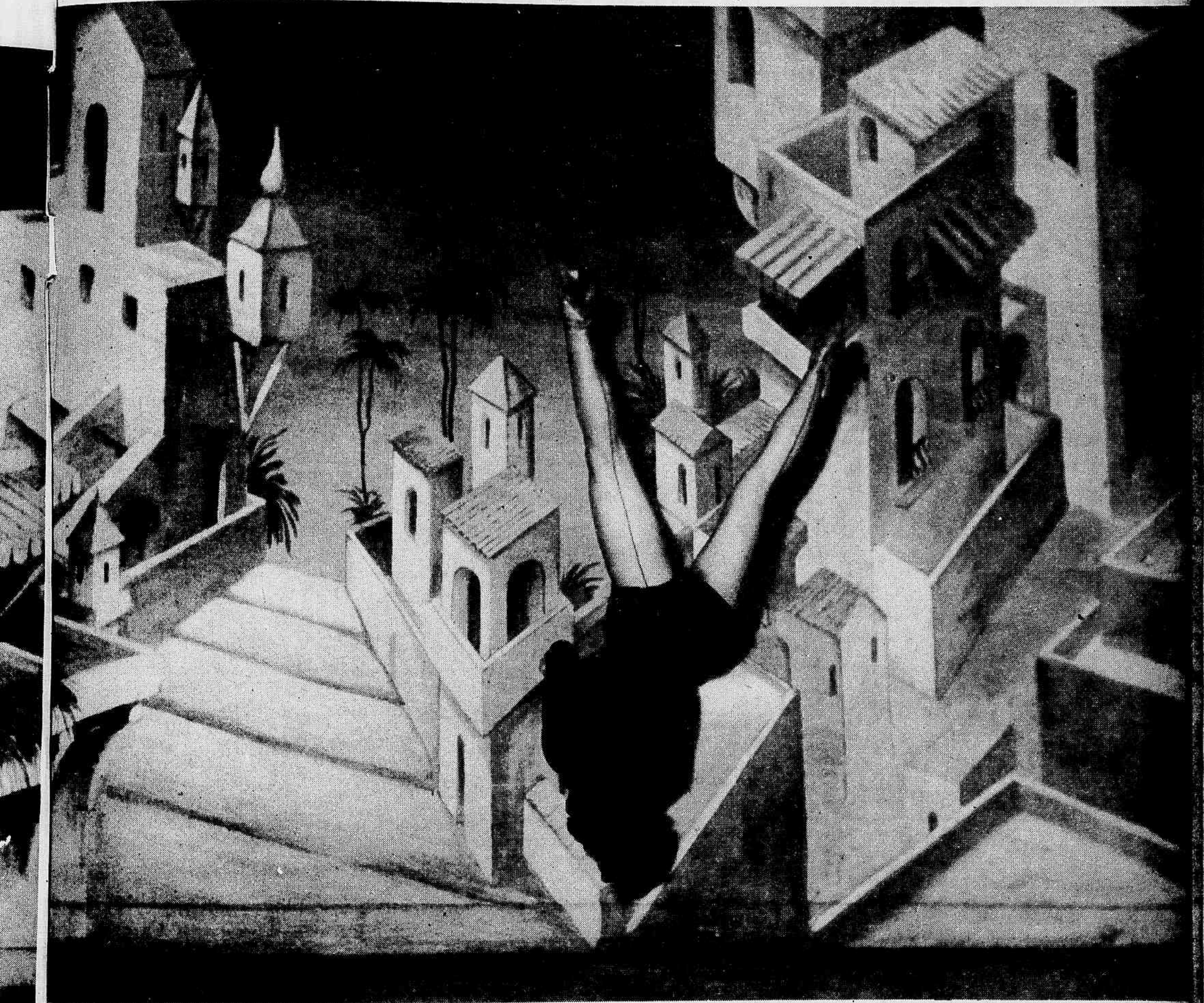
A CENA DO BALCÃO DE "ROMÉU E JULIETA" tem lugar numa escada de incêndio de um "cortiço". Na foto, Jerome Robbins, diretor da peça "West Side Story" dirige a famosa cena sob as vistas do autor, Arthur Laurents. "West Side Story" é a versão modernizada da peça de Shakespeare.

A COMÉDIA HUMANA

A PROPÓSITO DE... TEATRO, POR EXEMPLO...

Carlos A. Nascimento





NÃO, A FOTO NÃO ESTÁ DE CABEÇA PARA BAIXO — A cena nos mostra uma dançarina acrobática do "Folies Bergères", de Paris, quando apresentava um de seus números.

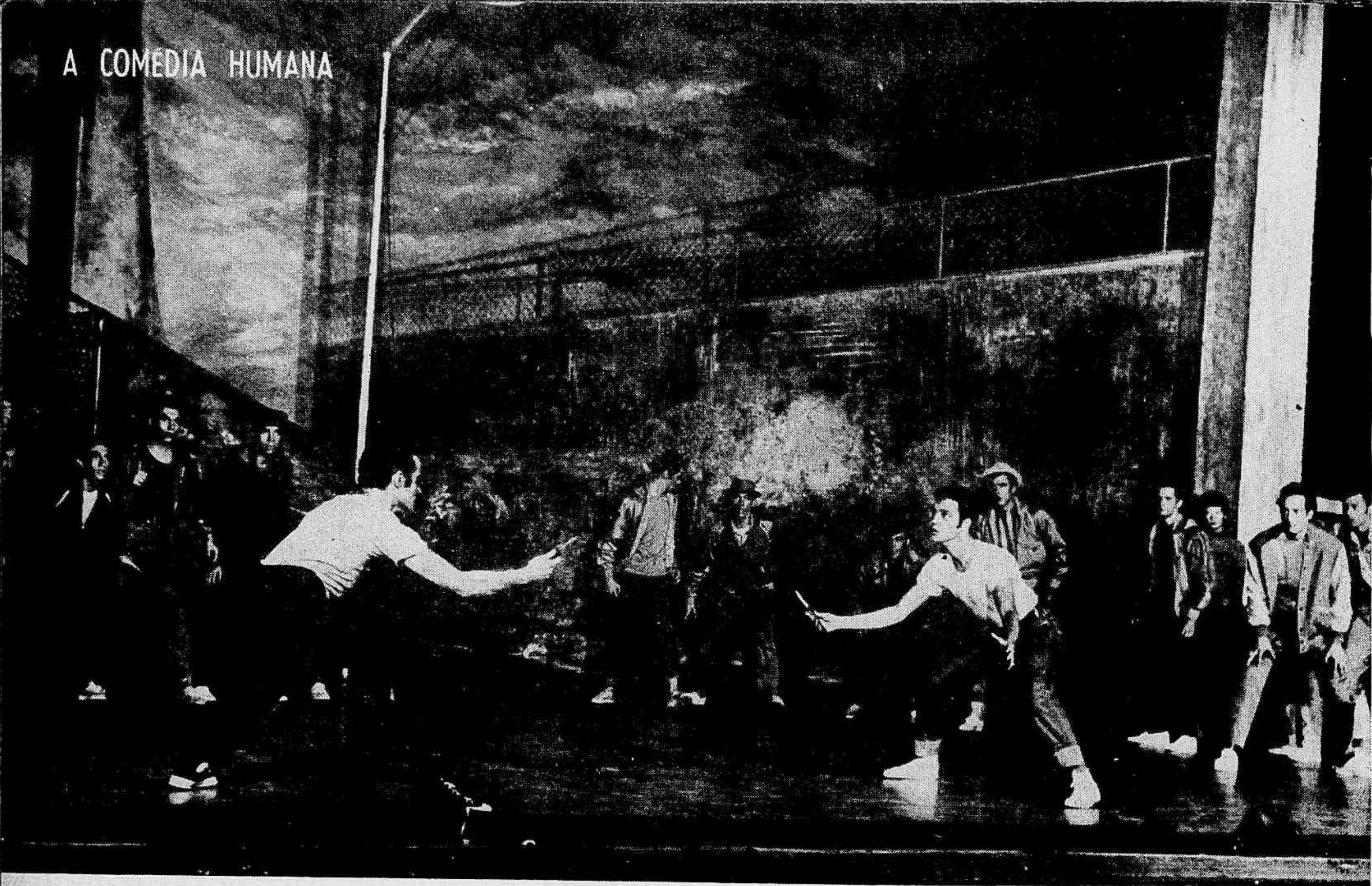
PALCO NÃO É LUGAR PARA PUGILISTA — Era uma luta de "box" que ocorria no enredo de uma peça. Um "ring" foi armado em pleno palco; um pugilista (de verdade) entrou em cena; a seguir outro pugilista ("de mentira") pisou na lona do "ring"; uma sensacional luta de "box" começou a empolgar a platéia até que um dos pugilistas caiu ao solo e ali ficou imóvel; o público prorrompeu em entusiásticos aplausos com o realismo da cena; o pano fechou e voltou a abrir, mas o pugilista continuava imóvel. Para encurtar a história: o "boxeur" que ali estava imóvel, derrotado, liquidado pelo seu adversário era o *de verdade*. Tratava-se de Desmond Jeans, campeão peso-pesado da Nova Gales do Sul. O inditoso desportista-ator fraturara a espinha dorsal. Desmond, hoje liquidado para o "box", continua atuando no palco do Teatro Cambridge, de Londres, onde o fato se deu. O ex-pugilista luta, agora, com um colête de aço.

O DRAMA REAL DE UM ATOR

Depois de proferir a conhecida "fala": "até tu, Brutus?!", diretamente do palco, foi transportado para o hospital com fraturas e escoriações por todo o corpo.

O fato se deu em Barcelona, quando da encenação de "Júlio César", de Shakespeare. Ocorre que um drama real se passara minutos antes com o ator hospitalizado: Um grupo de rapazes da "juventude transviada" de Barcelona estava perturbando o espetáculo, fazendo algazarra num bosque próximo ao anfiteatro onde estava sendo encenado "Júlio César"; o ator, Federico Vals, disponível no momento, deixou os bastidores e, caracterizado com suas vestes romanas, foi chamar a atenção dos desordeiros; estes, revoltados com a justa reclamação do ator, resolveram dar-lhe uma surra; socorrido a tempo, Federico voltou ao anfi-

A COMEDIA HUMANA



JUVENTUDE TRASVIADA — A cena se passa num dos palcos da Broadway e representa os dois membros das famílias Montecchios e Capuletos em luta de "vida ou morte" na versão de Arthur Laurents, "West Side Story".



Não foi um fantasma que êle viu; é apenas um ator cômico norte-americano interpretando seu papel.

teatro e insistiu em continuar o espetáculo, a despeito de seu estado precário; entrou em cena momentos antes de ser "apulhalado pelos políticos romanos". Deu-se a cena do crime. Federico tombou ao solo banhado em sangue. Era seu sangue, de verdade. O público, ignorando o drama real do ator, prorrompeu em delirantes aplausos pela autenticidade sem precedentes com que o ator desempenhara seu papel.

AU AU AU

Qualquer cachorro de boa aparência que não tenha o mau costume de "usar o poste" constantemente pode ser admitido no teatro e no cinema norte-americanos. Esta excepcional oportunidade é oferecida pela Academia dos Animais Teatrais dos EE.UU. aos cachorros, gatos e outros bichos. A curiosa escola dramática — diz um anúncio — dá aulas coletivas e individuais (eu diria cachorrals), durante o dia e à noite. E, para os candidatos brasileiros (desde que saibam latir em inglês, naturalmente), aqui está o endereço: 608 W. 48 New York City, U.S.A.

TIRE A CAMISA PARA APLAUDIR

O violinista norte-americano Irving Lwinslow, de regresso de uma viagem pelo sul da Europa, contou, entre outras coisas, que nos anfiteatros gregos os homens tiram as camisas e as acenam para os artistas quando querem demonstrar que o espetáculo lhes agradou. Irving conta que foi alvo dessa pitoresca manifestação.

450 ASSASSINATOS NUM SÓ TEATRO

O ator ("sanguinário") Vince Barbi cometeu seu 450.º assassinato quando estrangulou a "noiva" no último ato de "O Médico e o Monstro", peça que está em cartaz no Teatro Macabro, de

Nova Iorque. Vale recordar que esse teatro tem uma decoração de acôrdo com seu nome e com as peças que apresenta: as mesinhas de café do saguão têm forma de ataúdes, as cortinas são roxas, amarelas e pretas; a iluminação é feita com velas e enormes morcegos pousados no teto, completam a sinistra decoração. O gerente da casa disse que tal decoração tem por finalidade tornar o ambiente "mais agradável". E, não satisfeito com essas "melhorias", o mórbido gerente adquiriu um carro fúnebre para transportar os críticos nas noites de estréia.

FOSTER DULLES — "VILÃO" DE TEATRO

O Secretário de Estado Norte-Americano é muito conhecido na União Soviética. Isto porque o famoso político é apresentado ao público como o "vilão" mais em evidência nas peças satíricas. Esta foi uma das muitas observações que o produtor da Broadway, J. S. Seidman, fez durante sua longa estada na U.R.S.S. Entretanto, informa ainda o produtor, o presidente Eisenhower é tratado com deferência. Nas suas curiosas observações, diz ainda o homem de teatro norte-americano: "o público russo é muito puritano; uma peça picante como "Gigi", por exemplo, os deixaria, por força do pudor, mais vermelhos do que já o são por força do regime. Os críticos são sempre muito "bonzinhos"; nunca "marretando" as obras de fundo político. Por outro lado, informa (muito honestamente) o teatrólogo ianque, as colunas de crítica teatral são assinadas por jornalistas altamente intelectuais. Os críticos russos geralmente escrevem num estilo muito elegante". Mais adiante, continua o nosso informante "o povo adora o teatro, havendo só em Moscou (uma cidade cuja população é 4 vezes inferior à de Nova Iorque) mais teatros do que na Broadway". Terminando, diz J. S. Seidman: "na Rússia somente se compra ingresso nas bilheterias do teatro; os "cambistas" e até os fregueses desses estão sujeitos a penas que variam de 5 a 10 anos de prisão!"

VAMOS JANTAR NO TEATRO?

O London Hippodrome é um teatro que prima pela originalidade, pois não só apresenta um espetáculo teatral, como também serve jantar aos seus freqüentadores. Após o jantar, os cenários são retirados do palco e este se transforma em pista de dança.

A propósito de teatro-restaurantes, uma peça escrita por um casal de cozinheiros foi encenada recentemente em Londres. A peça, como não podia deixar de ser, passa-se numa cozinha, onde os dois profissionais do fogão (que são também os atores) preparam saborosos quitutes e os oferecem aos freqüentadores.

E, POR FALAR EM QUITUTES TEATRAIS...

... O teatrólogo Jacques Deval encenou no Teatro Am Central, de Zurique, uma peça intitulada "Simone, Lagosta e Sardinha no Azeite".

LESBIANISMO EM ALTO MAR

O drama de uma lésbica é o cartaz teatral do transatlântico inglês "Queen Elizabeth". Sim, a peça "The Catalyst", está sendo encenada em alto mar. O curioso fato se deu por ter o governo inglês vetado sua encenação em terras britânicas. Como a portaria se refere apenas a terras, seus produtores, num golpe espetacular para fugir à censura, resolveram encená-la em... águas.

TIRANDO O PÓ DE SHAKESPEARE

Ao fazer uma adaptação teatral de uma obra de Shakespeare, o teatrólogo norte-americano Arthur Laurents descobriu que há 300 anos passados já existia a "juventude transviada". A peça, "West Side Story", é uma versão modernizada de "Romeu e Julieta". Nessa curiosa versão, as diferenças que separam os Montecchios e os Capuletos são de ordem racial e não de clãs como na velha obra do bardo inglês. O Romeu do século XX é um norte-americano e Julieta, uma pôrto-riquenha. Laurents descobriu ainda que as arruaças provocadas pelos jovens das duas famílias de Verona eram as mesms lutas de rua das "gangs" da "juventude transviada" de nossos dias. Em vista disso, o "espírito" do bardo de Stafford-on-Avon deve estar dizendo a estas horas: *nunca em Nova Iorque um caso tão triste ocorreu como este de Julieta e de Romeu*."



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

NARIZ PERFEITO FÁCIL DE CONSEGUIR



O retificador francês (invenção patenteada) transforma em pouco tempo e de modo definitivo sem dor qualquer nariz defeituoso; emprega-se somente durante a noite. Informações gratuitas. Pedí-las por via aérea a DIFFUSION SCIENTIFIQUE N.º 12, ANNE-MASSE (Haute-Savoie), FRANÇA.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON n.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON n.º 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BEL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de BEL-HORMON n.º
NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150,00

APRENDA

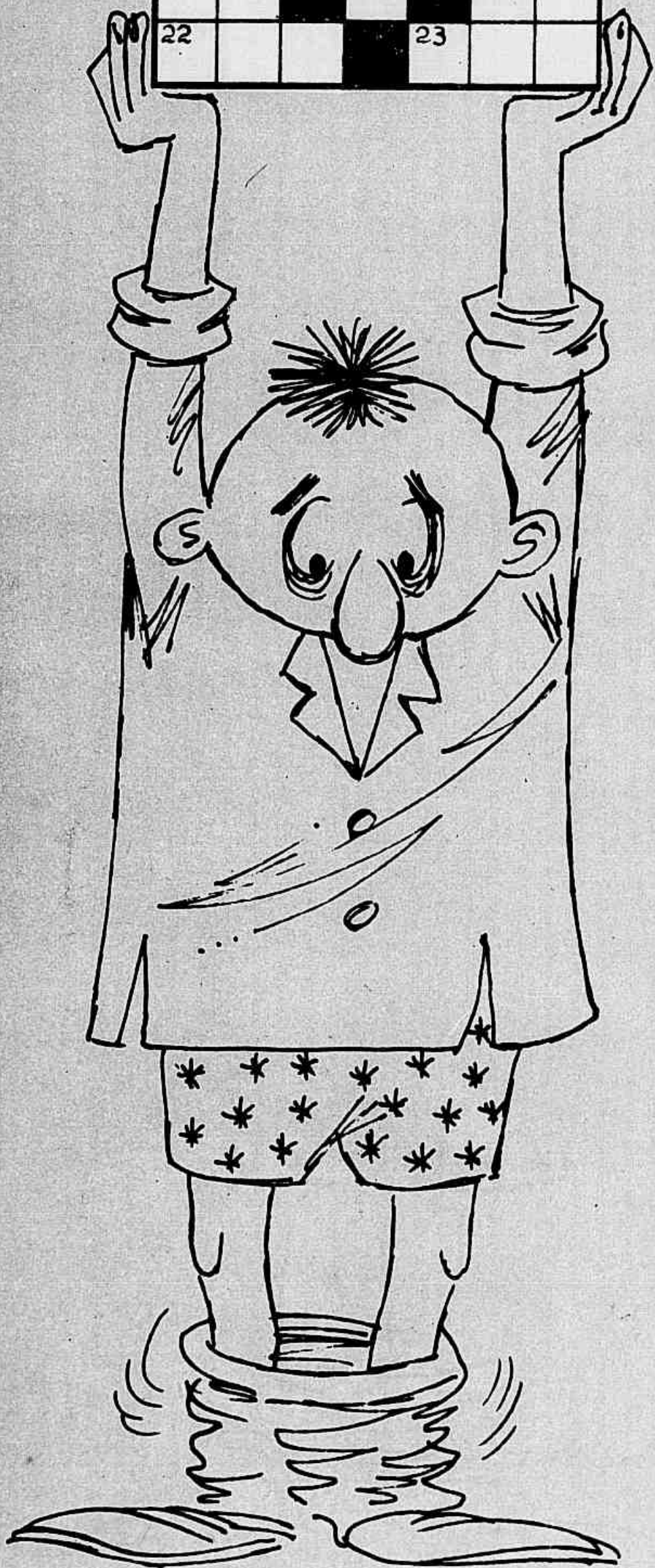
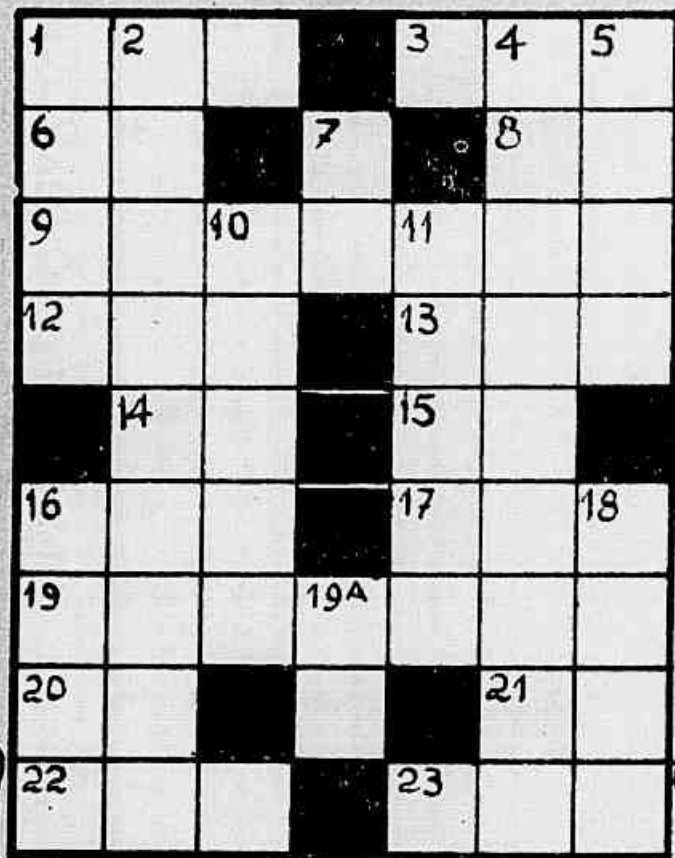
A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro "Como Aprender a Dançar", já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.



PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 42 — PARA VETERANOS

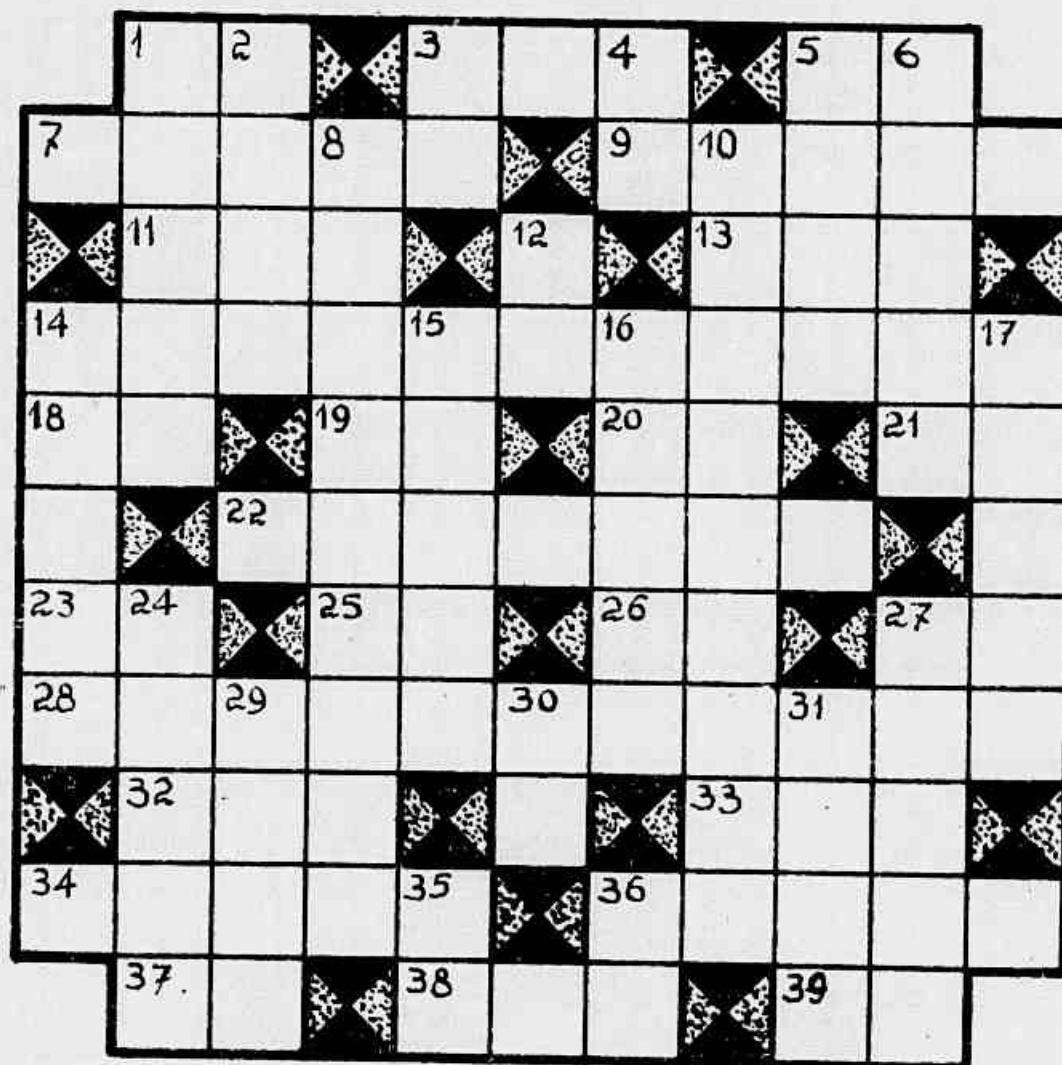
HORIZONTAIS: 1. Ducentésimo — 3. Negro velho — 5. Símbolo do metal de peso atômico 137,36 — 7. Templo do Profeta em Meca — 9. Nome de mulher — 11. Borracho — 13. Grande imundície — 14. Comida mal feita (pl.) — 18. Nome da divindade entre os antigos semitas — 19. Idioma africano — 20. A primeira risca no jogo do arco — 21. Variação pronominal — 22. Açaimo — 23. Cabilda de mouros — 25. Suspiro — 26. Interjeição que exprime grande admiração — 27. Assisti — 28. Magreza — 32. Ave trepadora de côres várias — 33. A banda do Nascente — 34. Ardor — 36. Fazer em pedaços — 37. Indício — 38. Masca — 39. Pessoa muito importante.

VERTICAIS: 1. Intermediário — 2. Labirinto — 3. Sapa — 4. Sufixo que denota diminuição — 5. Tocador parisiense de oboé — 6. Ficam resfriados — 8. Pessoa muito estúpida (pl.) — 10. Impertinente — 12. Novecentos — 14. Caminho — 15. Solidão — 16. Elemento grego que exprime a idéia de desejo, apetite — 17. Poltrona de luxo — 24. Grande leque ou ventarola — 27. Burgos — 29. Irritar — 30. Cisco — 31. Sarilho — 35. Ambiente — 36. Raiz-de-chá.

PROBLEMA N.º 42 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Quer bem — 3. Acredita — 6. Criminosa — 8. Forma arcaica do artigo "o" — 9. Alegação — 12. Espécie de águia muito grande — 13. Escarneces — 14. Primeira nota musical — 15. Sigla automobilística do Amazonas — 16. Camareira — 17. Um milhar — 19. Voltava ao lugar de onde saíra — 20. Artigo plural — 21. Preposição — 22. Chefe etíope — 23. Fileira.

VERTICAIS: 1. Lavar — 2. Em que há melodia (feminino) — 4. Que pode ser redimido — 5. Gavinhas — 7. Símbolo químico da prata — 10. Fazer eco — 11. Gradeia com arame — 16. Ligar — 18. Lôdo — 19A. Laçada apertada.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 41

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: ar — ata — ra — marga — mural — orai — nani — macrologias — eletriz — om — eu — imprimir — recadaduras — alor — rosa — nosso — casar — os — icó — Sa.

VERTICAIS: amomo — rara — aa — A.M. — rana — alisa — racêmicos — girl — ungi — raizeiros — alterar — oé — or — Urano — Mars — P.M. — id — mura — usara — elos — asas — oi — có.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: aro — rol — vai — mansa — Ra — Fé — imperar — rã — Ga — odora — asa — ais — sol.

VERTICAIS: ar — ova — ris — lá — anseios — mamão — afaga — rir — era — dás — ras — má — ML.



O dr. Mário de Azevedo Ribeiro entrega ao dr. Paulo de Carvalho um cheque de 500 mil cruzeiros, prêmio destinado pelo Jockey Club Brasileiro aos nossos foot-ballers campeões do mundo.



Flagrante apanhado no Salão das Rosas do Hipódromo, vendo-se Miss Brasil e Miss Pernambuco em companhia do presidente do Jockey Club e senhora Mário de Azevedo Ribeiro, ministros Luiz Gallotti e Armando Trompowsky, dr. Reynaldo Reis, secretário do Prefeito, e outras pessoas.



No Salão das Rosas, Pelé concede o autógrafa a uma senhorita. Os campeões foram gentlíssimos com todos os presentes.



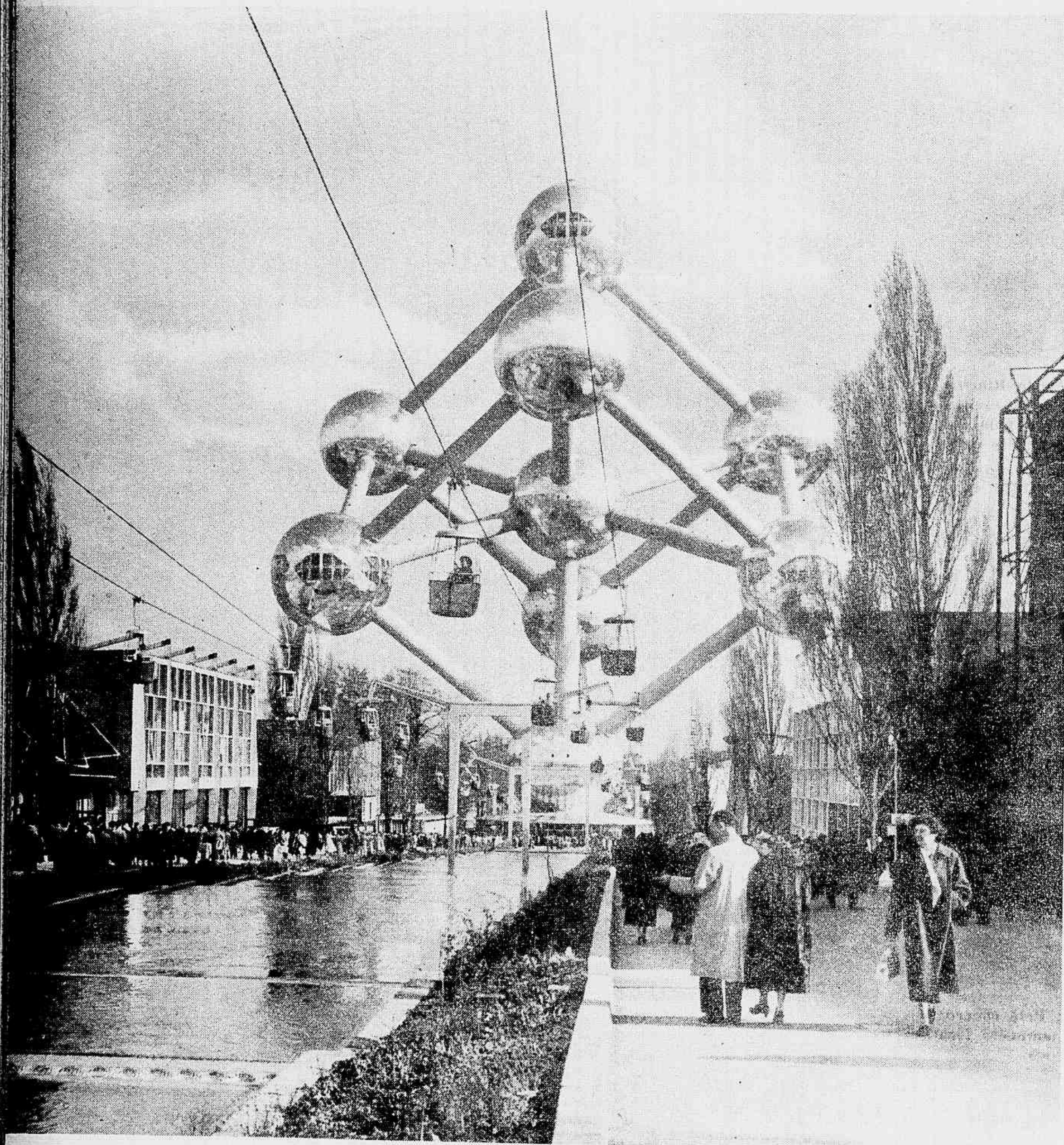
O dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, saúda os campeões, diante do chefe e membros da delegação, dr. Paulo de Carvalho; Carlos Nascimento, Hilderaldo Bellini e Nilton Santos, presentes os diretores da sociedade, drs. F. E. de Paula Machado e Ibsen de Rossi, o encarregado de negócios da Suécia, dr. Knut Bernström, e jornalista Mário Filho.

BELEZA E CIVISMO NO PRADO DA GÁVEA

A TEMPORAD. oficial de corridas, nas vizinhanças do Grande Prêmio Brasil, proporciona, de ordinário, grandes tardes sociais ao deslumbrante Hipódromo da Gávea. Mas na última semana de junho e na primeira do mês corrente, o prado famoso viveu momentos de intensa emoção, quando recepcionou a beleza brasileira na pessoa de Adalgisa Colombo, Miss Brasil 1958 e das misses estaduais que ali compareceram com tóda a sua graça e encanto, e na consagração aos nossos campeões mundiais de futebol, que acabaram de conquistar para o Brasil a Taça do Mundo em me-

morável jornada nos campos suecos. O Jockey Club Brasileiro ofereceu ao seu quadro social e ao público turfista duas tardes inesquecíveis, principalmente aquela em que acolheu, sob a maior vibração e entusiasmo jamais vistos no prado da Gávea, os valerosos campeões do mundo. Duas reuniões brilhantes, muita alegria, beleza e exaltação patriótica, com as quais o Jockey Club lavrou mais um tento e reafirmou a sua presença gentil e oportuna nos fatos culminantes da vida brasileira.

BRUXELAS - 1958 **UMA BRASILEIRA**



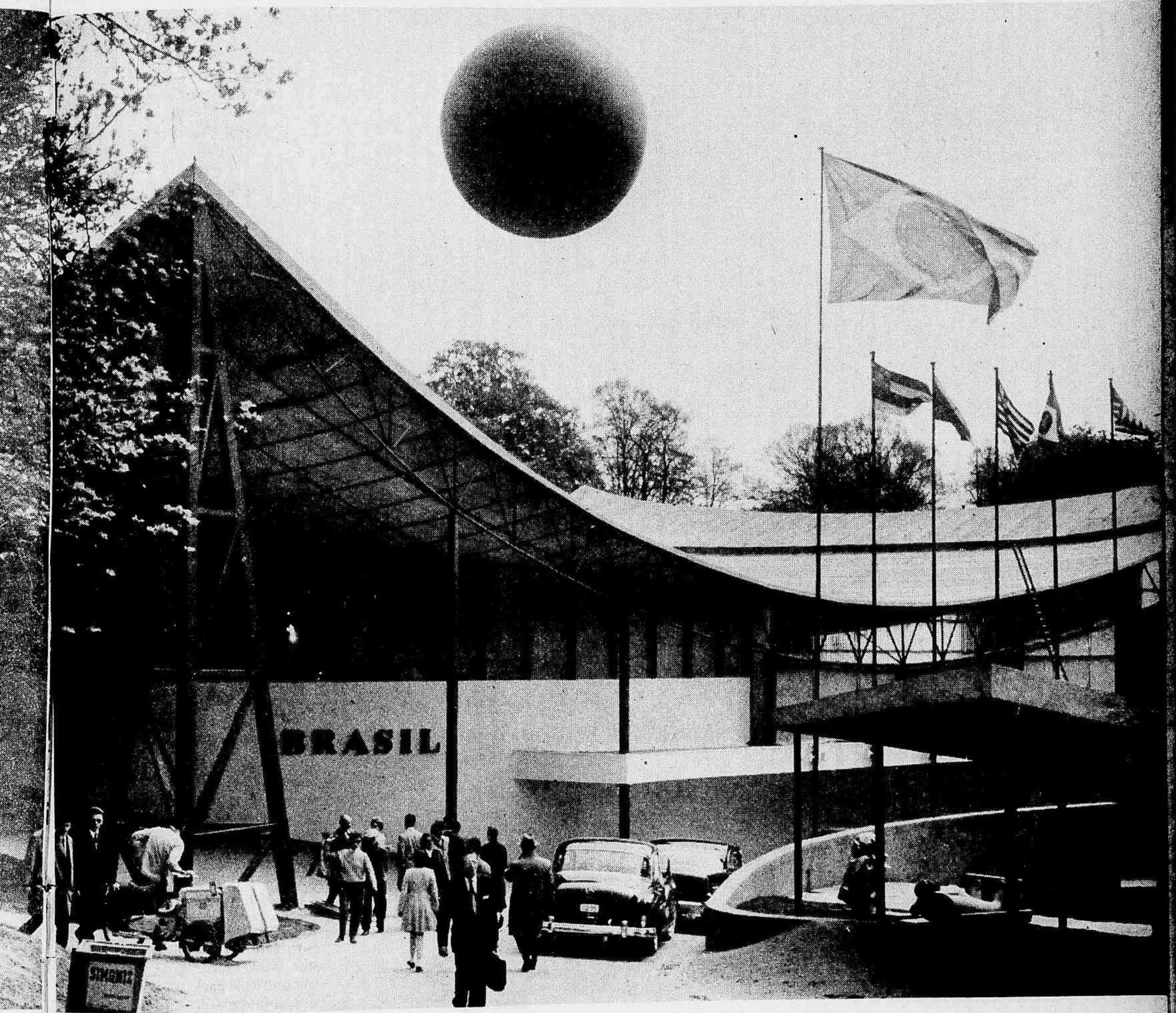
Símbolo da "Expô." 58 — o Atomium ficará como um marco — tal qual a Torre Eiffel.

A boa arquitetura

LEILA MARISE

NÃO É FÁCIL A TAREFA a que me propus — de relatar, aos leitores desta revista tradicional, o mundo que é a Exposição Internacional de Bruxelas. Muitos já terão visto, no cinema, documentários sobre ela, ou lido reportagens em jornais e revistas. Entretanto, há sempre algo de novo sob os aspectos científico, cultural, comercial e popular, que somente alguém que a tenha visitado pormenorizadamente poderá relatar. Este trabalho pretende, também, desfazer equívocos surgidos em nossa imprensa a respeito da participação do Brasil naquela grande Feira Internacional.

A CONTA A VERDADE SÔBRE A "EXPÔ"



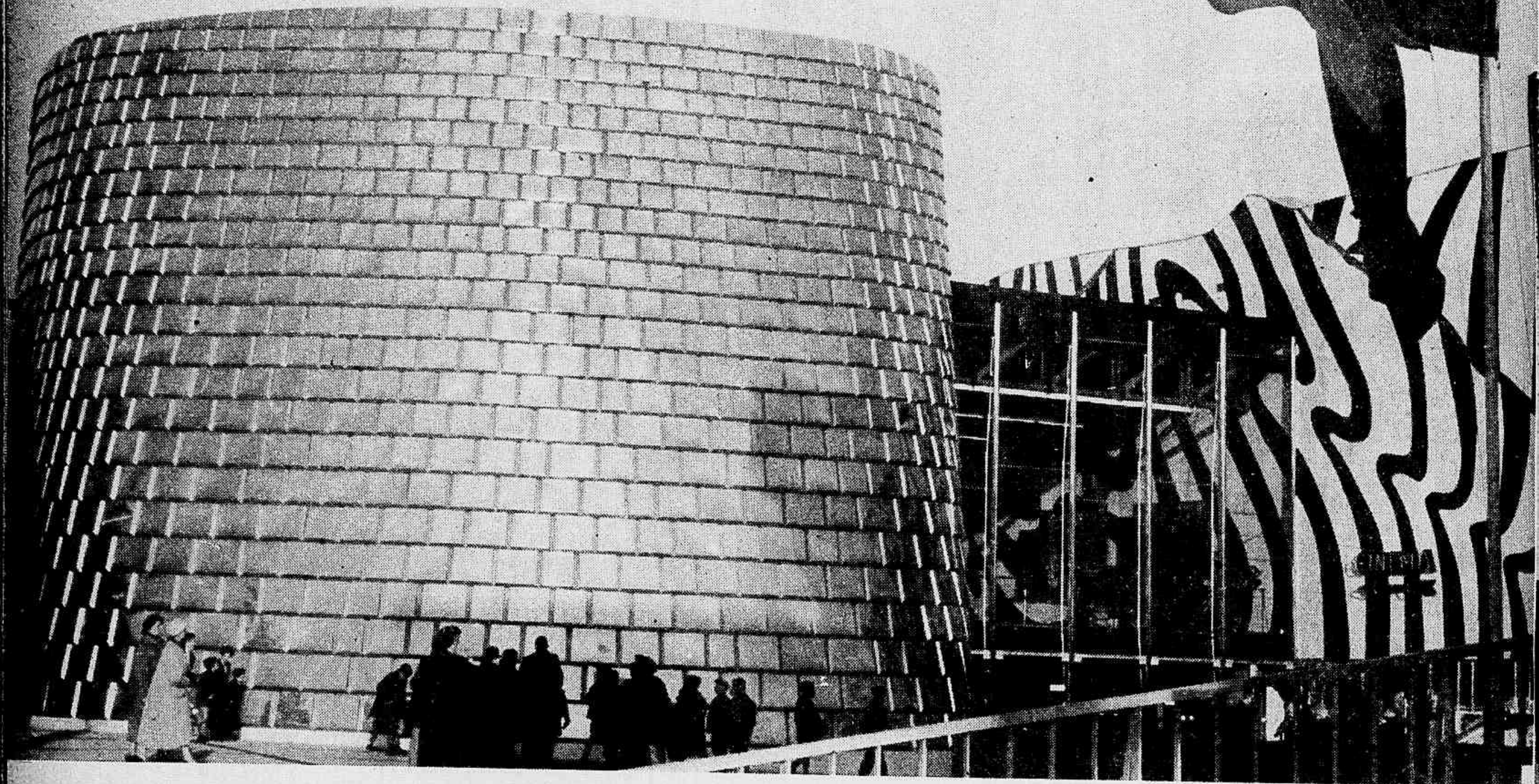
tura de Sérgio Bernardes foi prejudicada pela exiguidade do terreno. Ainda mais: o pavilhão do México nos tira metade da vista.

PERFEITA ORGANIZAÇÃO DA EXPÔ

Antes de mais nada, quero registrar meu louvor à perfeita organização dessa magnífica "Expô" (assim a chamam os belgas), o que vale dizer ao Barão Moens de Fernig, ex-ministro, pelo excelente resultado obtido, embora precisasse ele gastar tôdas as suas reservas de paciência e tato, considerando-se que teve que argumentar até com seu rei, convencendo-o a permitir que se

derrubassem algumas árvores queridas de sua infância. Isto, porque o palácio residencial fica próximo ao Bosque de Laaken, onde se armou a Feira (os americanos resolveram a questão inteligentemente, conservando algumas árvores do Pavilhão). Com grande diplomacia, logrou também contornar situações embaraçosas como a surgida quando se verificou que o Pavilhão de Israel ficaria ao lado de um dos países árabes... Com muito, muito tato também obteve dos húngaros mais "espaço vital" para os americanos...

Sempre bairristas, alguns paulistas às vêzes me perguntam: "Mas



O originalíssimo cinema do Congo Belga, onde se exibem documentários que bem demonstram o progresso e civilização desta Colônia-Feliz.



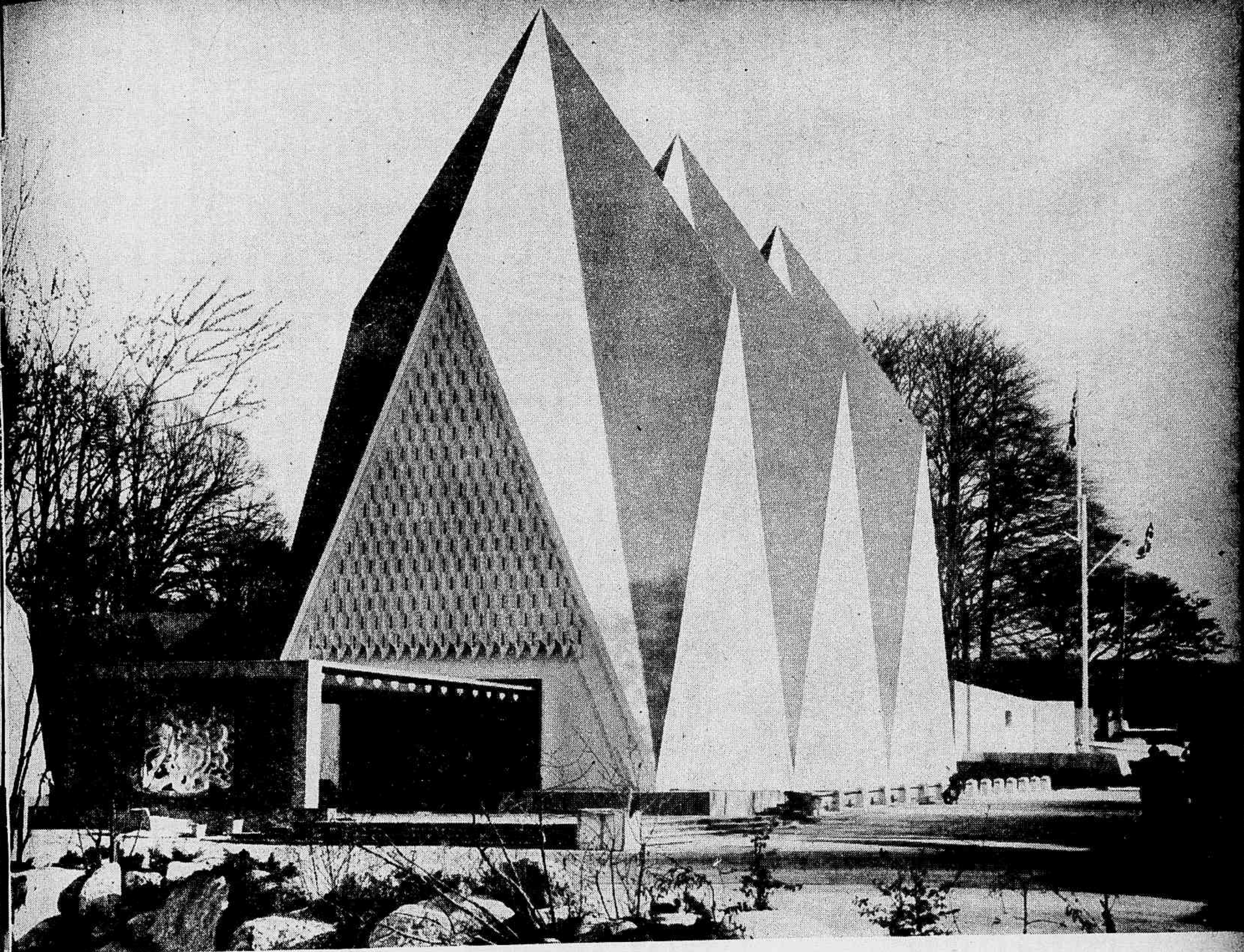
O Pavilhão Americano, apelidado pelas más línguas de "bombonière".

a Feira é grande assim como o Ibirapuera?" E me olham incrédulos quando lhes digo que seriam necessários vários Ibirapueras para conter os cem pavilhões, e tudo o mais. E que, em 45 dias, já haviam passado por suas inúmeras portas de acesso mais de oito milhões de visitantes...

Os gastos foram fabulosos. Fala-se em 200 milhões de dólares na Feira e 300 em melhorias dos meios de comunicações em toda a Bélgica. Bruxelas, então, encontra-se retocada, engalanada. Durante quatro anos o país se preparou para este "rendez-vous" internacional — isto sem aumentar impostos, sem sacrificar ninguém; ao contrário, surgiram oportunidades magníficas para muita gente — pois é a Bélgica um país de grande estabilidade econômica, que usufrui, mesmo, situação invejável, pela verdadeira mina de ouro que possui: o Congo.

Aquela Bélgica que já significava tanto para mim por seu precioso legado artístico-literário — Rubens, Maeterlinck, Ensor, Paulo Delvaux, Permeki — eu a encontrei pela primeira vez na primavera. Nós, brasileiros, habituados a este verde perene, não podemos avaliar com que alegria é saudado o reflorir da natureza na velha Europa. E tive um impacto emocional ao deparar com a Grand'Place de Bruxelas, mais esplêndida ainda sob a luz primaveril. E o povo — que cortesia, que "joie de vivre"!

Ainda não se inaugurara a Expô, mas já ali estava acompanhada de minha filha — uma das nove moças contratadas pela livraria Hachette, de Paris, através de seu Departamento Estrangeiro, para ser intérprete no Pavilhão que ela manteria na Feira.



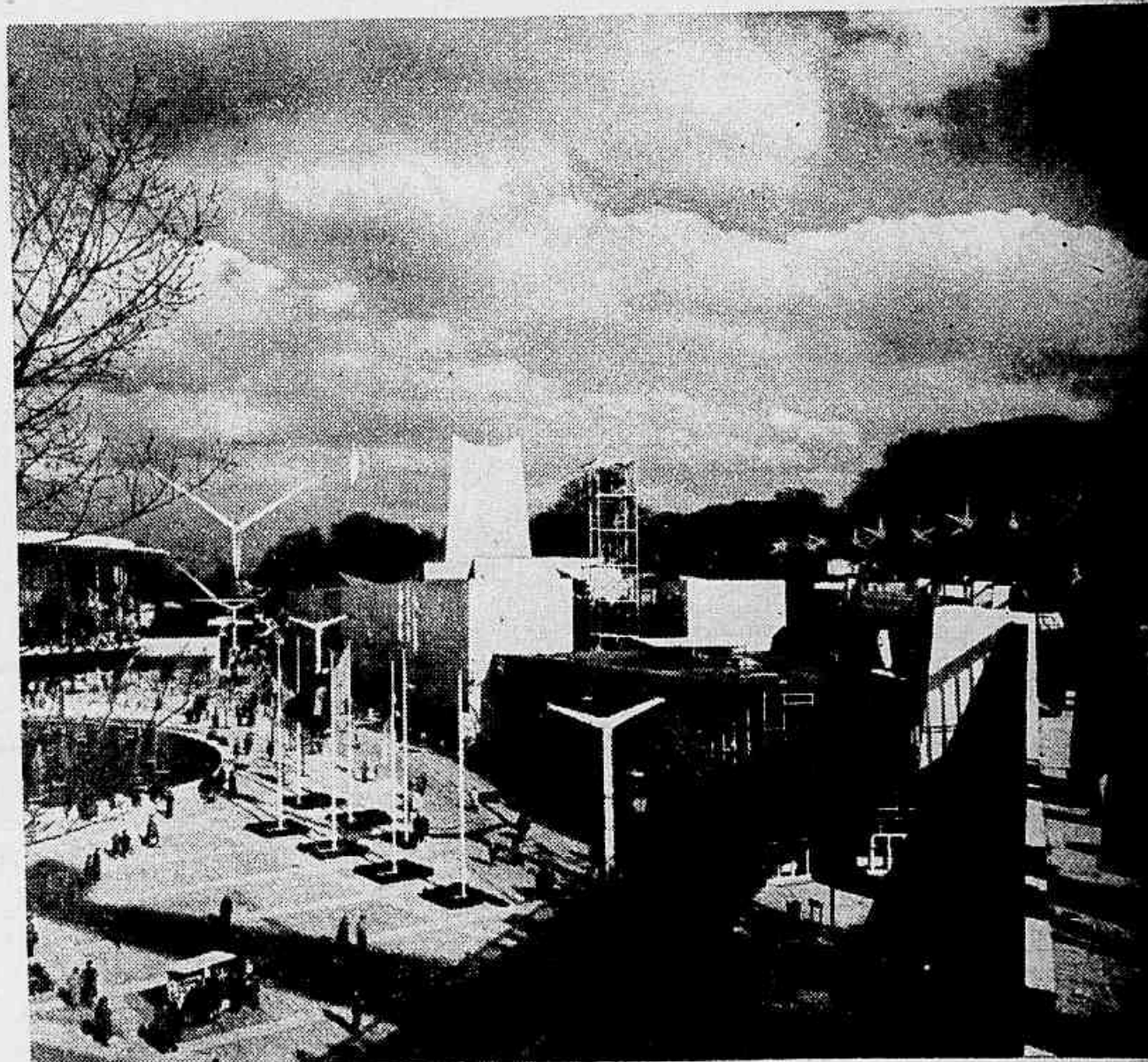
A Inglaterra, tão conservadora, contagiou-se com o "moderno". A arquitetura de seu Pavilhão é uma prova bem eloqüente.

SOB O SIGNO DA CIÊNCIA

Agradeço de coração aos céus a oportunidade de presenciar por dias e dias aquêlo espetáculo grandioso de uma geração que se projeta no futuro. Cada dia que passava, ia eu me sentindo menor diante das manifestações científicas, com receio de não saber transmitir tôda a sua importância.

Numa exposição onde uma firma comercial — a Philips — apresenta um pavilhão que é verdadeiro poema arquitetônico (não fôsse êle concebido por Le Corbusier) pode-se bem calcular o seu nível... Mesmo habituada à nossa avançada arquitetura, não deixava de admirar as ousadas formas concebidas em aço, plástico, vidro, alumínio.

Se no pavilhão da Philips — envolto numa orgia de luzes, côres, imagens e sons, perdi a própria noção de tempo e de espaço, no Americano (a "bombonière", como o batizaram as más línguas) eu me sentia em casa. Como em nenhum outro, ali eu via a ciência ao serviço do homem e do seu bem estar. Dos mais aperfeiçoados aparelhos cirúrgicos à televisão em côres, passando por uma eficientíssima máquina de votar, pelo poliglota cérebro eletrônico "Ramac" — que responde a qualquer pergunta sôbre História, na língua que o interlocutor desejar — pelos teleguiados, por uma cozinha eletrônica, tudo é demonstrado, explicado, trocado em miúdos para um público ávido. Tanto no Palácio das Ciências, como em vários pavilhões, a ciência do átomo, como era de se esperar, toma o lugar mais importante. Aliás, o símbolo da Expô é o "Atomium" — reprodução de uma molécula aumentada não sei quantas mil vêzes — no interior do qual os visitantes



"Civitas Dei": mostra a inteligente evolução da Igreja Católica.

transitam através de nove esferas de alumínio, plenas de museus, bares e restaurantes. Dizem que ele permanecerá, após a Exposição, tornando-se um marco como a Torre Eiffel. Da esfera mais alta, desfruta-se belíssima vista da Feira, feérica na sua visão noturna. Além de refletir as luzes multicores do ambiente, é o "Atomium" crivado de pequenos pontos luminosos, que representam — segundo ouvi dizer — o movimento dos elétrons em torno do núcleo do átomo.

Continuando a ronda científica, vi no Pavilhão da URSS, além do "sputnik" (não escondem os soviéticos a sua satisfação por estarem com a última palavra), um quebra-gelos atômico. O pavilhão Francês (dos últimos a ser inaugurados e dos mais completos) apresenta não só a maquete do primeiro petroleiro atômico como a de uma central elétrica igualmente atômica.

Não me causou surpresa que o pavilhão da Grã-Bretanha apresentasse uma grande conquista atômica como a pilha "Zeta", a dominadora de energia nuclear, permitindo, assim, a produção da temperatura de mais de cinco milhões de graus — e a última novidade de técnica em televisão: uma tela colocada à parede tal qual um quadro. Não me causou surpresa, pois são amplamente divulgados os progressos científicos do Reino Unido. O que eu, no entanto, não imaginava (havia-me esquecido da "cortina de ferro") era ver no Pavilhão Tcheco o grandioso "betatron". Possuindo desenvolvida indústria metalúrgica, tem nele os tchecos poderoso auxiliar, que controla, por meio da radioatividade, a modelagem das máquinas. Nesse pavilhão, um contraste curioso: ao lado da metalurgia, o frágil e maravilhoso cristal da Boêmia!

ARTES, LETRAS, E UMA "CAFETERIA" BRASILEIRA

Após a aventura proporcionada pelas novas descobertas da ciência, é repousante visitar "50 anos de Pintura Moderna" — preciosa contribuição de todos os países participantes da Feira que para lá transplantaram telas de seus museus. Muitos dos quadros expostos são meus velhos conhecidos das Bienais do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Mas se é sempre com emoção que revejo um Cezanne, um Klee, um Kandisky, mais uma vez me senti enojada ao entrar em contato com a arte dirigida — a da URSS e seus satélites. Aliás, nos painéis do Pavilhão Russo vêem-se mais pombas do que na praça de São Marcos...

Pois foi lá nos fundos dessa mostra que se instalou uma "cafeteria" brasileira. Muito bem montada, figurando até numa das paredes um painel de Bandeira alusivo ao café — não poderia, no entanto, estar mais deslocada, pois mesmo na Europa a arte moderna ainda encontra restrições. E considerando-se que o acesso à "cafeteria" só é permitido através da mostra de arte,

mesmo que o visitante aprecie muito o nosso café, não irá ele pagar a entrada de 20 francos belgas (cêrca de cinquenta cruzeiros), e mais 5 francos pelo cafêzinho, tôdas as vêzes que de-sejar tomá-lo. Azar nosso!

A mostra de arte moderna, do Pavilhão Francês, é quase tão importante quanto essa (quem poderia oferecer tanto e tão alto?) e, no que concerne à literatura, a apresentação é magnífica. Ouvi, emocionada, a voz da grande Colette dizendo trechos de seus livros.

Tem a Bélgica sôbre o Pequeno Auditorium uma síntese admirável do seu pensamento literário e artístico. E conhecer pessoalmente o pintor Paul Delvaux — uma das minhas maiores admirações — foi grande alegria. Ofertarei ao Museu de Arte Moderna de São Paulo a entrevista que ele me concedeu, e na qual se constata como as Bienais projetam o nome do Brasil.

No "Museu da Palavra", originalíssima criação do poeta Paul Hellyn, pode-se assistir a documentários interessantíssimos sôbre os escritores e ouvir-lhes a voz, recitando. E já que se interessam tanto pela nossa cultura, e o nosso Pavilhão é lamentavelmente falho neste ponto, levarei para o Museu da Palavra gravações dos nossos maiores poetas e também pequenos trabalhos de nossos artistas (contô, para isso, com a boa vontade de todos) de pintura, gravura e desenho. Quem sabe se, com este material, não farão um daqueles belos documentários artísticos que lá vi.

Tanto no Grande como no Pequeno Auditorium, realizam-se conferências (são incontáveis os congressos científicos e culturais no decorrer dos seis meses), concertos, festivais. Tive a sorte de assistir ao Festival de Filme Experimental, como também ao de Curta e Longa Metragem.

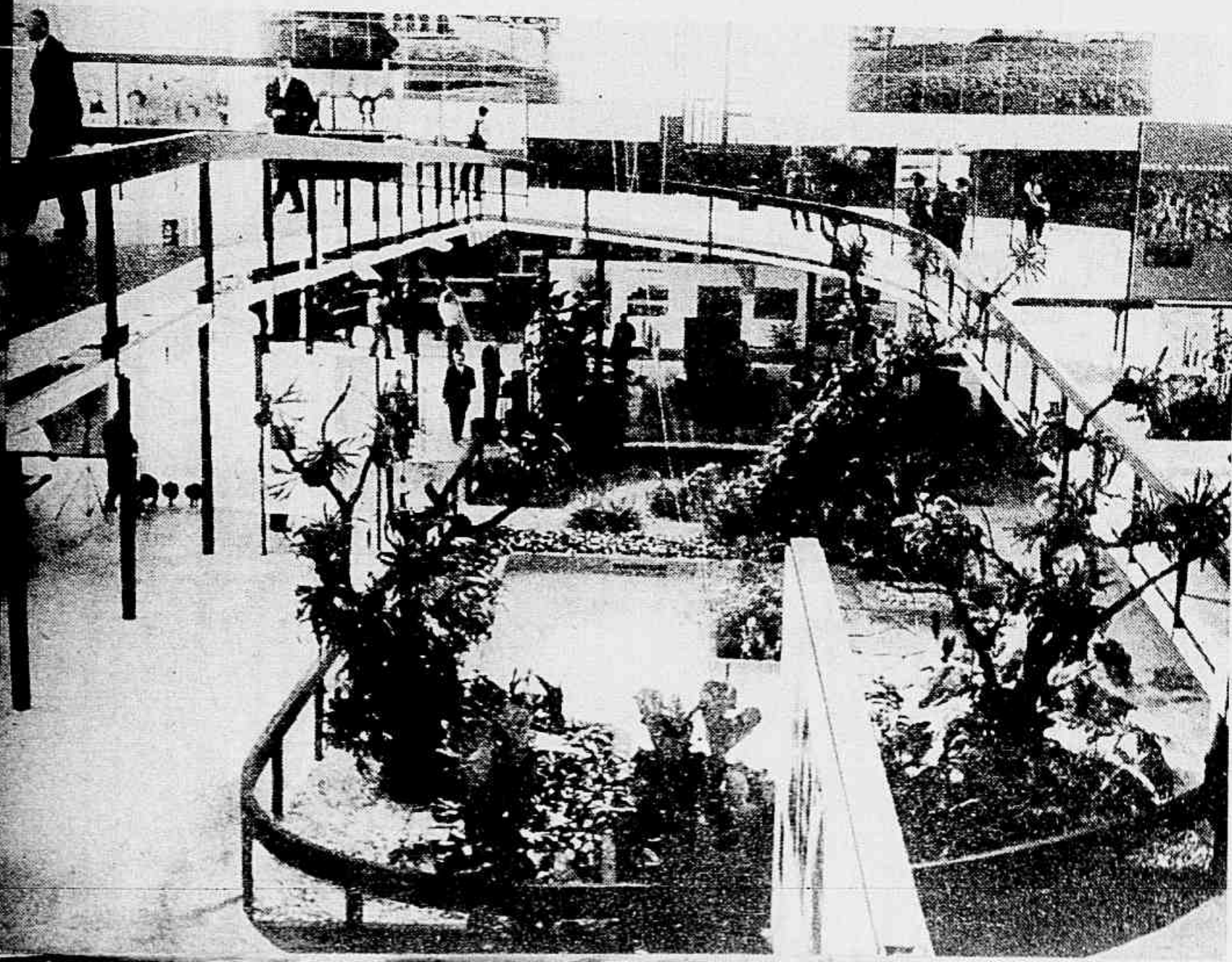
Quase todos os Pavilhões possuem seu próprio cinema. O americano, além do "cinerama" — uma de suas últimas novidades, fêz construir, anexo ao Pavilhão, um moderníssimo teatro que é a última palavra em técnica, e onde se exibirão as maiores atrações teatrais americanas. Quando vim, já lá havia começado a cavalgada artística!

Extra-muros, nos grandes teatros, realizam-se óperas, ballets, concertos, recitais, coros e danças populares. O difícil, às vêzes, é saber qual escolher. Na Grand'Place realizam-se, por sua vez, espetáculos gratuitos.

"BELGIQUE JOYEUSE"

Contrastando com o moderníssimo da Expô, tiveram os belgas a idéia feliz de fazer uma reconstituição perfeita de vários trechos de cidades belgas da "belle époque", constituindo um todo homogêneo, encantador, denominada "Belgique Joyeuse". É o ponto pre-

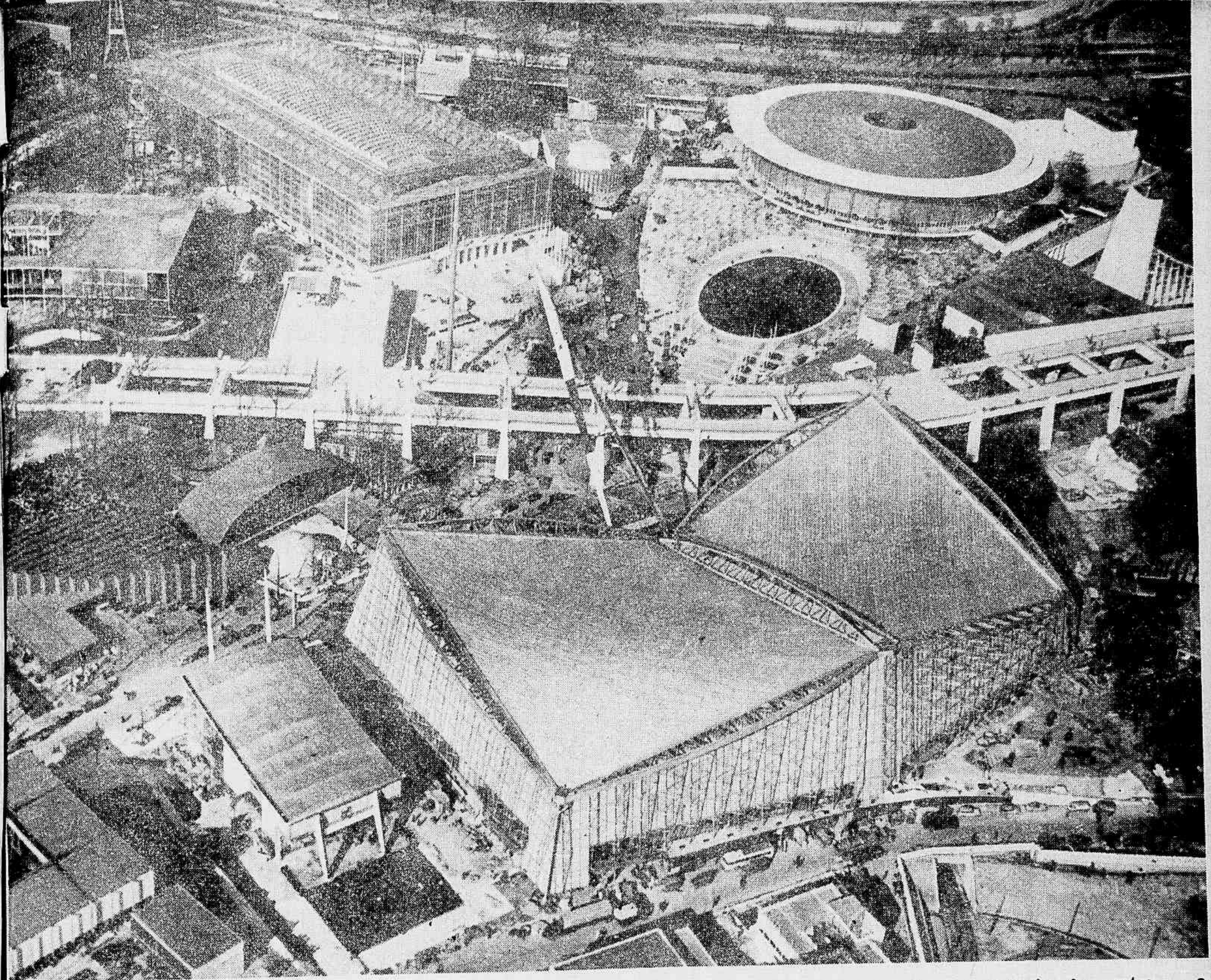
Interior do Pavilhão do Brasil: jardim de Burle Max, fotografias... e nada mais. Uma decepção para os turistas, e, principalmente, para nós.



O conjunto "Os Brasileiros", com Lúcia Corvilhão, e a artista Linda Christian, em



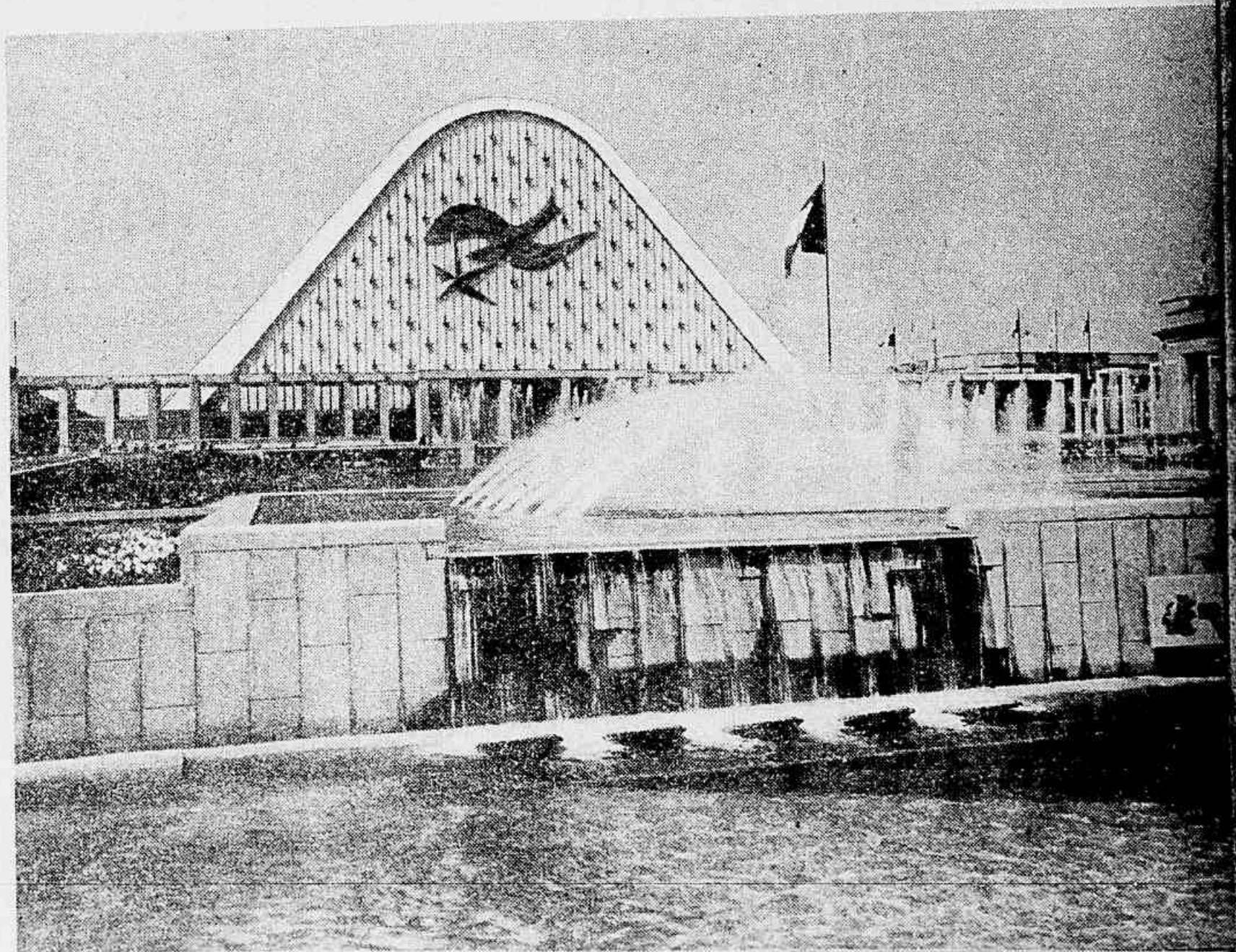
êle
ru-
de-
tão
?)
vi,
eus
mi-
es-
res
rte
na
aul
pre
am
ate
es
os
ra,
ão
se
is
de
de
e-
s,
é
a-
a
s,
s,
z,
a
s
-
-
r
n

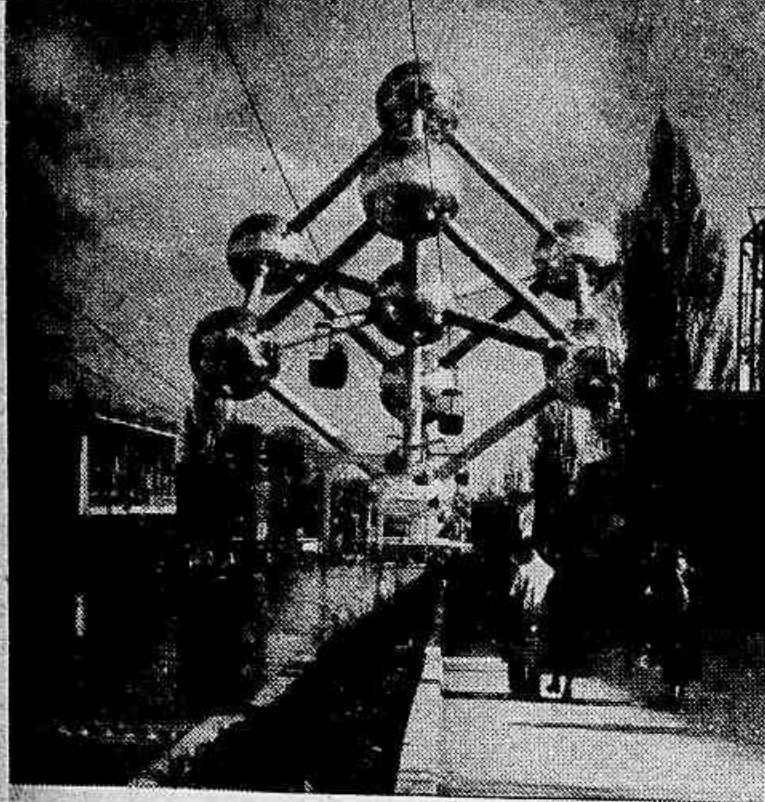


Vista aérea da "Expô" — 58, vendo-se os três maiores e muito bem situados pavilhões: russo, americano e francês. Ao centro — a "Passarela das Estrelas".

tez (uma das public-relations do nosso Pa-
pleno ritmo do samba.

O "HALL" DO ACOLHIMENTO — Reúnem-se aqui, para o conforto do visitante —
telégrafos, bancos, agências de viagens, e de locação para teatros e restaurantes.





Dois meses na Exposição de Bruxelas dão, a uma paulista, oportunidade para inéditas revelações.

ferido por todos — nacionais e turistas — para agradáveis encontros. Os bares e restaurantes, servidos por “garçons” e “garçonettes” vestidos a caráter, estão sempre cheios de multidão, que consome tonéis de cerveja, canta e dança. Quase sempre realizam-se bailes públicos e é um gosto ver jovens e velhos pulando com grande animação. Para os “refinés”, existe o clássico cabaré, onde se bebe uísque, champanha e ainda se pode presenciar o desenfreado “can-can”.

Uma noite, houve espetáculo inteiramente novo: os “Brasileiros” — aquele conjunto que excursionou pela Europa e que tocou na inauguração do nosso Pavilhão, tornando-se uma das maiores atrações, pois ali atuou por vários dias — tocou também num dos bares. Imediatamente “baixou” o espírito carnavalesco sobre os brasileiros presentes, contagiando os europeus o ritmo de nossa música. E se formou logo um “cordão”, que saiu para a Praça... Foi divertidíssimo — e comovente — ver os europeus imitarem o nosso “rebolado”...

PARQUE DE DIVERSÕES

Oitenta mil metros quadrados foram reservados para este alucinante parque — que apresenta, entre outras loucuras, o “fogueto interplanetário”, o “éclair”, o “rato louco” — a última palavra em “suspense”. Há ainda o “Palladium” — um “music-hall” com cinco mil lugares, em forma de estádio, e onde se exhibe o mais atraente “show” aquático que se possa imaginar. O “cinema” — meu conhecido de Paris — atraiu-me novamente.

Há, também, outro parque especial para crianças, onde, entre outras atrações, contam elas com um autódromo, com carros que são a última palavra no gênero. Há verdadeiras revelações entre a gurizada: quantos campeões, ali, em perspectiva...

O PAVILHÃO DA SANTA SÉ, UMA GRANDE SURPRÊSA

A mais importante das surpresas me foi proporcionada pelo Pavilhão da Santa Sé, onde se pode constatar a inteligente evolução da Igreja. Quando no Brasil se condenou — e se deixa à ação do tempo — uma igreja como a de Pampulha, “Civitas Dei” é moderníssima, não só no aspecto como no espírito que a anima. Certa tarde ensolarada, do alto da Passarela de Estrélas, apreciando o intenso movimento, principalmente entre os pavilhões russo e americano, cheguei à conclusão de que aquela Cidade de Deus, ali perto, construída com a cooperação de vários países — é uma cidadela espiritual inexpugnável — pois o poderio dos dois colossos parece anular-se diante dessa força secular e sobrenatural.

Outra surpresa foi o Pavilhão do Congo-Belga, que batizei de “Colônia Feliz” — tal é a assistência prestada aos naturais pelos colonizadores. Se souberam eles tão bem explorar o subsolo riquíssimo e o solo generoso, não o fizeram, entretanto, como o elemento humano, fazendo com que ele acompanhe o desenvolver de sua pátria. Tive oportunidade de conversar com jornalistas de côr, que ficaram encantados quando souberam não haver no Brasil discriminação racial. Aliás, a “Expô” é um mundo de surpresas; cada dia descobria uma coisa nova: ora um curioso

pavilhão de caça e pesca: ora uma autêntica mina de carvão; ora o pavilhão dedicado ao urbanismo, onde se projetam filmes e levam peças teatrais sobre o assunto, e nos mostra uma miniatura de cidade ideal.

Mesmo na parte comercial, há surpresas deliciosas. Nunca vi propaganda feita com tamanha inteligência e bom gosto, principalmente a da margarina “Planta” e do café “Chat Noir”, que têm seu estande no Palácio da Alimentação. Surpresa desagradável, entretanto, foi a que me deu a máquina pensante da Larousse, pois faz ela contrapropaganda do café, dizendo que ele predispõe as pessoas a enxaquecas e dispepsia.

A VERDADE SOBRE O NOSSO PAVILHÃO

Sem dúvida, como disseram os jornais, é péssima a localização do Pavilhão Brasileiro. E isso resultou da incerteza da presença de nosso país e também pela demora em ser votada a verba. Assim, teve de contentar-se o Brasil com o último canto disponível no parque. Resultante: a boa concepção arquitetônica de Sérgio Bernardes não teve o realce que merecia, sendo parte da fachada ofuscada pelo do México. Internamente, há um daqueles célebres jardins de Burle Max, belas fotografias — de Pedro Álvares Cabral à Brasília — e... algumas amostras. E é só! A impressão de vazio é maior ainda quando deixamos um pavilhão como o russo, que mostra do “sputnik” ao pão, ou o francês, aliás, um tanto abarrotado. E a nossa indústria, que em alguns casos pode competir com a melhor estrangeira? E a nossa cultura?

Quando, conversando com estrangeiros, lhes falava de nosso desenvolvimento industrial, literário e artístico, não chegavam a compreender — e com razão — como não estava ali tudo representado. A Federação das Indústrias de São Paulo informou-me que auxiliou financeiramente o pavilhão, mas não foi incumbida de organizar nada, o que é lamentável. Perde, assim, o Brasil, mais uma vez a oportunidade de mostrar a “prata da casa”, o que seria ótimo, pois teria evitado aquela pergunta irônica do rapaz alemão: “Vocês gostam tanto do carro alemão assim, que expõem um no seu pavilhão?”

O cafézinho e o mate gelado são apreciadíssimos. Cada pavilhão tem seu dia na Expô, permanecendo, nessa ocasião, a bandeira do país hasteada bem no centro da Feira, apresentando ele, então, tudo o que tem de melhor, artisticamente, no Grande Auditorium. Esperemos que, chegada a nossa vez, apresente o nosso Pavilhão um espetáculo realmente digno de nosso desenvolvimento artístico. Principalmente agora que, sagrando-nos Campeões do Futebol, temos, voltadas para nós, as atenções do mundo.

Não quero terminar este relato sem um registro especial: como jornalista, entusiasmei-me a acolhida que os profissionais da imprensa têm nessa Feira. Tudo nos é facilitado pelo “Bureau de Presse”, e desfrutamos, mesmo, de várias regalias no recinto. Com a miséria de nosso cruzeiro, isto é um achado, evitando-me as aperturas pelas quais passou um estudante que, depois de um dia na Feira, onde despendeu um dinheirão, exausto, ao cair da noite, perguntou a uma das “hóteses”:

— “Mademoiselle, onde é a caixa para sair?”

MODA

DA ALTA COSTURA PARISIENSE



Da esquerda para a direita: Spencer muito curto em veludo cotelé; tailleur de casaquinho muito comprido, preto, dupla fileira de botões, bolsos abaixo da cintura; vestido-suéter, duas peças de jérsei cinza que muito adelgaça a silhueta.



DA ALTA COSTURA PARISIENSE

◆ De todo gênero

Nas grandes reuniões hípicas da "saison" parisiense foram exibidos os novos modelos da alta costura parisiense: da esquerda para a direita, as estrêlas da tela e do palco, respectivamente, Nicole Perrin, Nádia Magot, Rita Tulekian e Nathalie Ozenne, exibem vestidos de linha clássica, "saco" e trapézio.



◆ Lanvin
"Tailleur" de lã cinza escuro. Saia reta. Casaquinho folgado, gola virada fechada por laço.



Dior
Vestido em "tweed", pequeno decote em "V". Abotoado do lado. Mangas curtas.



◆ Lanvin
Original "tailleur" em lã azul.
Casaquinho sem gola com pano abaixo
do pescoço prêso por dois
botões. Bolsos verticais, mangas
montadas compridas. Saia reta.

A DA PERSONALIDADE DE SEU FILHO A MAIS APAIXONANTE DAS PESQUISAS



QUER SEJA o primeiro ou o quinto, a pergunta que a mamãe faz ao encontrar-se só com o seu recém-nascido é sempre a mesma: "Quem é este?" Quem é esse pequenino ser novo, a qual tipo pertence ele? Tão numerosas são as possibilidades! Coisa alguma ainda o determina. Será ele de temperamento alegre ou grave? Terá uma inteligência lenta ou rápida? Será preguiçoso ou ativo...

Ela mergulha então na mais apaixonante das pesquisas: a da personalidade de seu filho. Para não perder a partida dessa busca, é preciso começar desde o nascimento. Quando as razões do comportamento do bebê são apenas orgânicas, podemos compreendê-las mais facilmente. Depois lentamente a mamãe progredirá com ele, tomando pouco a pouco conhecimento de tudo quanto virá formar-lhe a personalidade.

Durante o primeiro mês, e durante uma semana, mamãe observará o seu bebê minuto por minuto: ela fará uma fôlha de observação. Disto há de tirar um mundo de informes, uma grande tranqüilidade, um excelente conhecimento do seu nenem, que lhe facilitarão infinitamente a vida durante o primeiro ano da criança.

Pêso — Durante os dois primeiros meses, pese Bebê todos os dias. Ele deve ganhar em média 25 ou 30 grs. por dia. Depois, comece a pesá-lo duas ou três vezes por semana. Quando fizer uma mudança de regime, faça muita atenção ao pêso da criança.

Hora de acordar — Será interessante anotar as variações da hora de acordar de Bebê em relação às suas horas de alimentação. Verá assim se ele se adapta facilmente ao horário estabelecido.

Motivo do despertar — Repare se o despertar é provocado — ou seja se você teve que acordar Bebê — ou se foi espontâneo. Isto lhe permitirá ver qual é a sua capacidade de sono entre duas mamadeiras. Note se Bebê chora, grita ou resmunga e a presumida causa de seu comportamento: roupa molhada, indisposição, fome, etc., etc.

Remédio aplicado — O que fez você? É interessante anotar sobretudo o remédio aplicado por ocasião desse despertar fora do costume, entre as mamadeiras. Segundo as reações de Bebê, verá então se interpretou bem os seus gritos.

Hora de refeição — Talvez você seja forçada por vezes a avançá-la se ele chora, ou a retardá-la, se ele dorme.

Anotando a hora da refeição, verá qual é o melhor horário para Bebê e como modificar o horário de base.

Quantidade de leite — As vezes, Bebê toma toda a sua mamadeira; outras vezes deixa um pouco; você saberá anotando a quantidade de leite bebido, a que hora do dia Bebê tem mais apetite. O total por dia mostrará como pode aumentar as rações.



ENCONTRO ENTRE NÓS MESMOS, ou conosco mesmo, como queiram. Pensemos um pouco sobre o assunto que foi *despachado* com o enderêço da Sociedade, pela maior parte dos jornais da cidade: rapazes encontrando um homem dormindo na rua, derramaram sobre êle inflamáveis, ateando em seguida fogo à sua roupa.

Não há dúvida de que chamar todo rapaz que ande em Copacabana de membro da Sociedade é uma injustiça ridícula. Até mesmo classificá-lo como *play-boy* do *Café-Society* seria querer chegar ao exagêro. Mas não é bem a injustiça da acusação que queremos comentar, e sim talvez a justiça da ignorância de quem a faz.

Não é difícil atribuir mais coisa alguma

à *gente bem*. Sabemos, e quem quiser poderá facilmente comprová-lo, que há salões no clube considerado como o mais social do Rio, em que a permanência de senhoras é uma temeridade, ou um ato de cinismo. Gestos e palavreado obscenos são *engraçados*, ou no mínimo recebidos com *savoir-faire civilizado*.

Misturas das mais heterogêneas até mesmo entre moças que se tivessem continuado a estudar, ainda não teriam terminado o curso clássico, são consideradas perfeitamente normais, e a disputa de namorados entre filhas de família e coristas é simplesmente mais um passo numa longa carreira de publicidade pessoal.

Pais contam histórias escabrosas de seus

filhos (contanto que não tenham dado complicações) como prova da "macheza do menino". Alguns saem com êles para aventuras, fazendo do filho um companheiro e testemunha de suas infidelidades maritais. E o respeito onde ficou?

O respeito deu lugar à irresponsabilidade, e casos sobre casos se repetem, são abafados (nunca completamente), e quando finalmente somos acusados de um ato bárbaro como o de queimar um pobre que dormia numa rua, ficamos chocados com tal acusação. Realmente, não acredito que tenhamos sido culpados deste crime, mas se pensarmos bem, bem mesmo, chegaremos à conclusão de que somos os culpados de termos sido acusados injustamente.

ma
du
cio
top
atr
ap
tes
un
top
mã
pr
já
Pe
nu
riu
"S
cel
po
me
bo
esp

era
zal
Ma
no
sac
nh
ca
ter
dis
qu
e
be
ch
tra
tar
dir
ca
ch
tã
ver
do
ver
est
ap
en
rio
e t

encontro



com chuck

ENCONTRO INESPERADO num set cinematográfico, não há dúvida. Em Viena, durante a filmagem de "A Viagem", um cidadão calvo armado de uma máquina fotográfica se aproximou pé-ante-pé de uma atriz que estava com as costas voltadas, e aplicou violento chute nas delicadas partes traseiras da moça. Esta, virou-se com um grito assustado, e vendo a máquina fotográfica, procurou tapar o rosto com as mãos. Mas era tarde. A fotografia, que provavelmente é a mais ridícula que a atriz já tirou, estava irremediavelmente batida. Pensam que ela se aborreceu ou explodiu numa torrente de impropérios? Não. Sorriu, embora não muito satisfeita, e disse: "Se esse Yul Brynner não fôsse tão excelente companheiro de trabalho, ninguém poderia aguentar suas *gracinhas* nos momentos de folga..." E, em seguida, Deborah Kerr foi sentar-se numa cadeira de espuma de borracha.

ENCONTRO DE BASES financeiras não era o problema como queriam teimar. Elizabeth Gasper saiu do elenco de Carlos Machado porque seu noivo — que não é noctívago e sim médico — já estava cansado de acordar de madrugada para apanhá-la após os espetáculos, levá-la para casa e, retornando à própria residência, tentar dormir novamente.

Enfim, cada um diz o que quer no Rio. E disseram que Elizabeth havia saído porque queria mais dinheiro. O tempo foi passando e eu, um dia, noticiei: "Olha aí! A Elizabeth mandou um recado ao Carlos Machado".

Pronto! Como a jovem não assinou contrato novamente naquele mesmo dia, voltaram ao assunto: "Não assinou porque o dinheiro não chegava". Na verdade, o recado havia sido o seguinte: "Peça ao Machado para mandar o *script* do novo espetáculo que quero estudá-lo antes de resolver se volto ou não ao elenco". A resposta do produtor: "Bobagem. Ela se quiser que venha ao estúdio de ensaios...".

Uma semana depois Elizabeth passou no estúdio. Ninguém falou em dinheiro, foi apresentada a Fred Kelly, mudou de roupa, ensaiou e muito mais tarde foi ao escritório do advogado assinar o contrato.

Dinheiro? Conversa! Uma moça bonita e talentosa que não pode faltar ao encon-

tro marcado com o desejo incontrolável de sentir o calor dos refletores e das palmas.

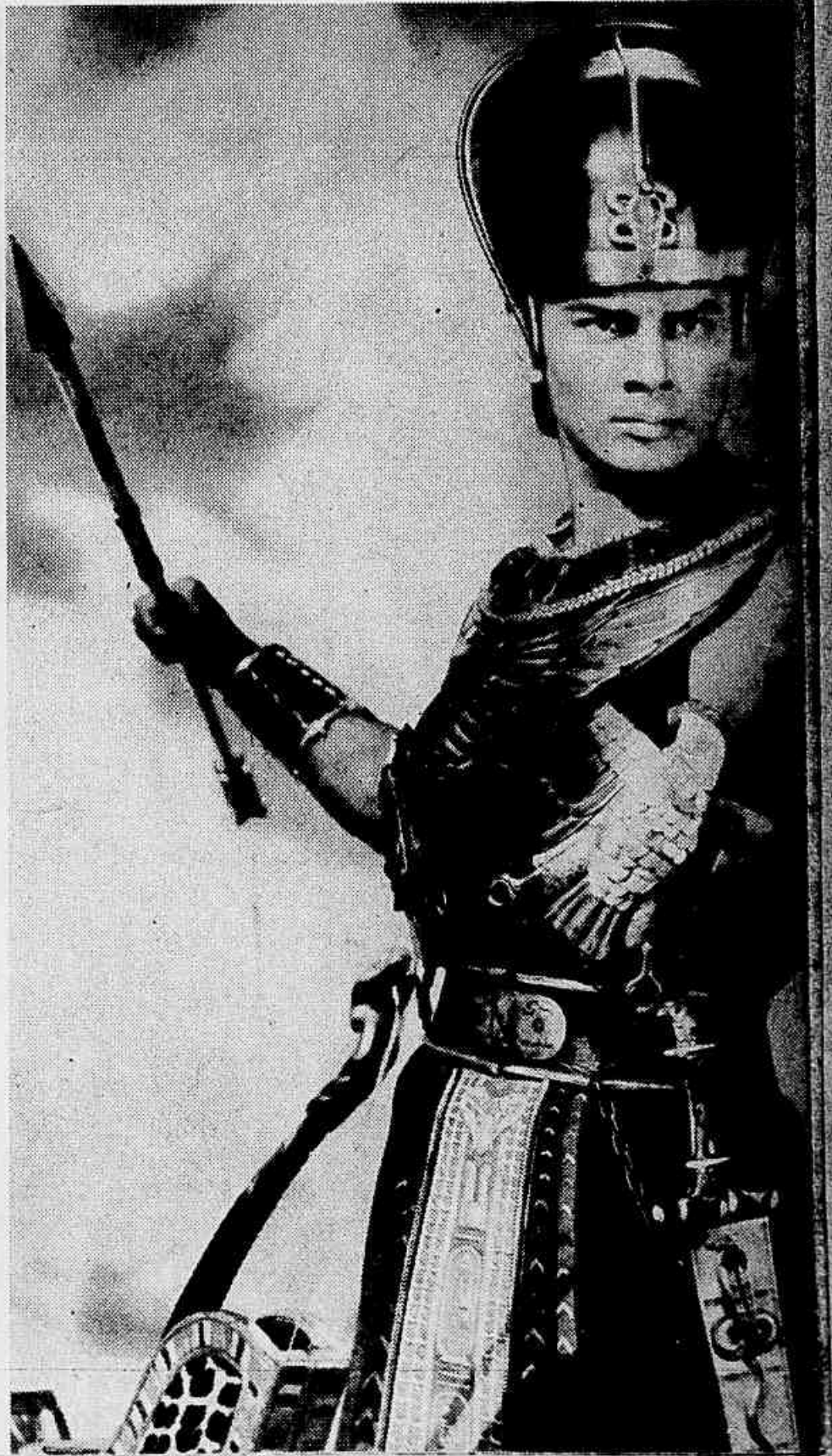
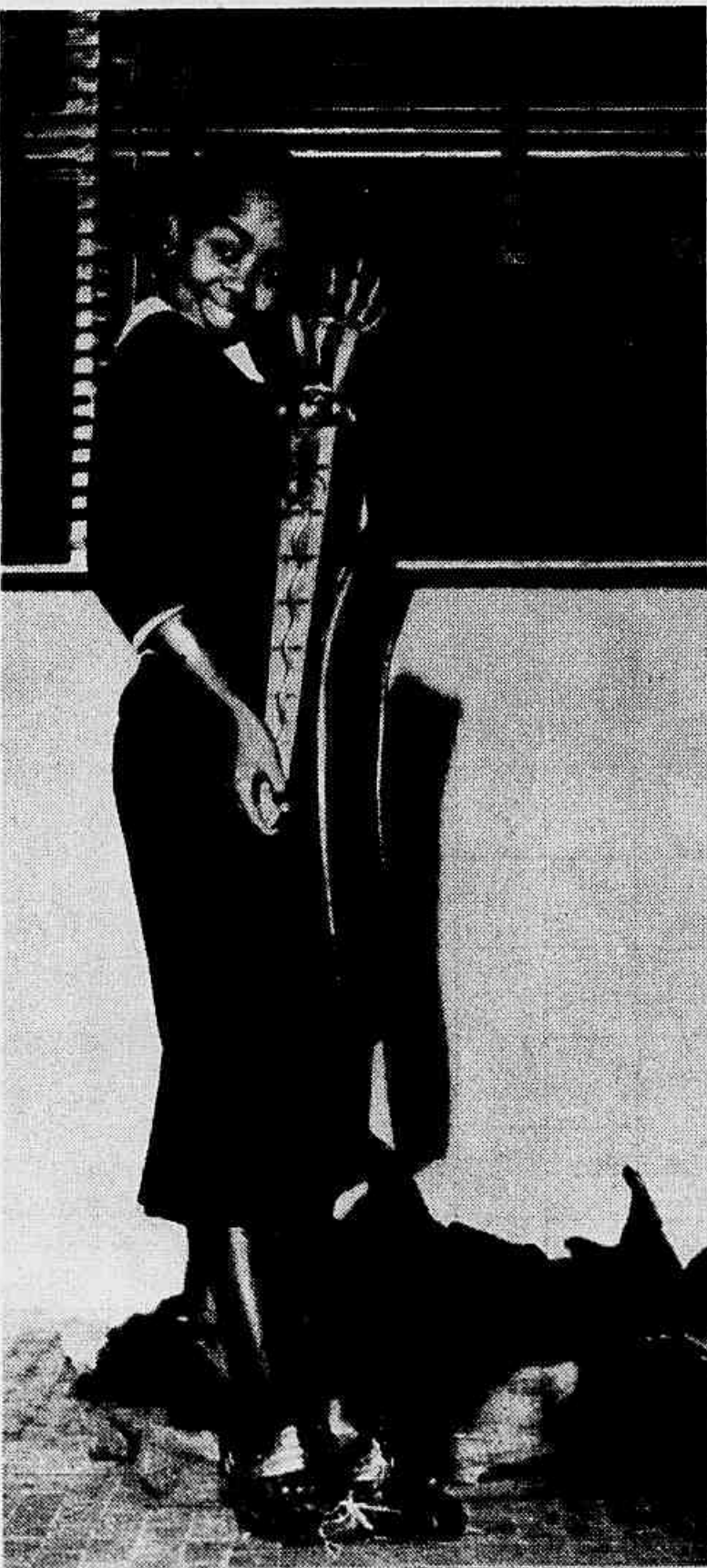
ENCONTRO DE ARTISTAS dos mais diversos no Museu de Arte Moderna. Gente do teatro da madrugada posando para fotógrafos de revistas sociais juntamente com bailarinas do Teatro Municipal. Gente que expõe seus trabalhos naquele museu, tomando um "penúltimo" em companhia de artistas que normalmente andam à cata de um contrato cinematográfico (nativo), mas que aceitam uma pontinha na televisão mesmo.

E, durante isto tudo, um encontro foi muito sério mesmo. O de Vera Regina com os Dez Mandamentos. Sim senhor, ela largou Grande Othelo e foi direta à espada

de Yul Brynner, transportada do Egito para o Rio, especialmente para o Festival da História do Cinema Americano.

Portanto, nem tudo está perdido para o Brasil. Vencemos a Copa do Mundo, Maria Ester Bueno chocou tanto aos britânicos entrando nas quadras de Wimbledon vestida de verde e amarelo que nossas côres acabaram entrando também para a lista de vencedores. Adalgisa Colombo pode bem se colocar em Long Beach, mas deixou muita gente se divertir com os trocadilhos entre o nome dela e a descoberta da América. E agora, finalmente, temos Vera Regina unindo ao mesmo tempo: 1) As raças. 2) O Brasil à Lei de Deus. 3) A madrugada carioca ao talento de Hollywood.

Diante disto tudo, até pode acontecer que Juscelino seja reeleito, constitucional ou não!



O AÇÚCAR NA ECONOMIA HUMANA

1 O uso do café com açúcar é indicado pela ação cardíaca estimulante do primeiro dada a pequena quantidade de cafeína que contém, e pela rápida assimilação e fonte de energia concentrada do segundo.

2 O açúcar, além das suas qualidades de alimento energético e tonificante para o coração e sistema circulatório, atua no corpo humano como medicamento de passagem, como medicamento de fixação, como medicamento de combustão e, finalmente, como medicamento de eliminação.

3 O uso do açúcar aumenta a capacidade de trabalho, aviva o espírito e transmite agilidade ao corpo ao mesmo tempo que faz desaparecer o cansaço.

4 O açúcar constitui uma das melhores fontes de energia fisiológica de efeitos quase imediatos. A sua utilização se faz desde a primeira idade e a criança exige e pede substâncias açucaradas, pois que o açúcar tem grande importância na formação do tecido muscular, dos ossos e no metabolismo basal.

5 O açúcar é uma importantíssima fonte de energia fisiológica reconhecida especialmente para os atletas (boxeadores, jogadores de golf, de tênis, de foot-ball, remo, natação, etc.); para os exércitos em tempo de guerra, mantendo-se a resistência dos soldados com açúcar ou alimentos doces; para os dirigentes das grandes empresas, firmas e casas comerciais que devem tomar bebidas dulcificadas ou açucaradas à tarde, a hora de maior pressão dos negócios, evitando o cansaço mental e garantindo a eficácia do trabalho mecânico e da agilidade cerebral.

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00 — NAS BANCAS DE JORNAIS

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

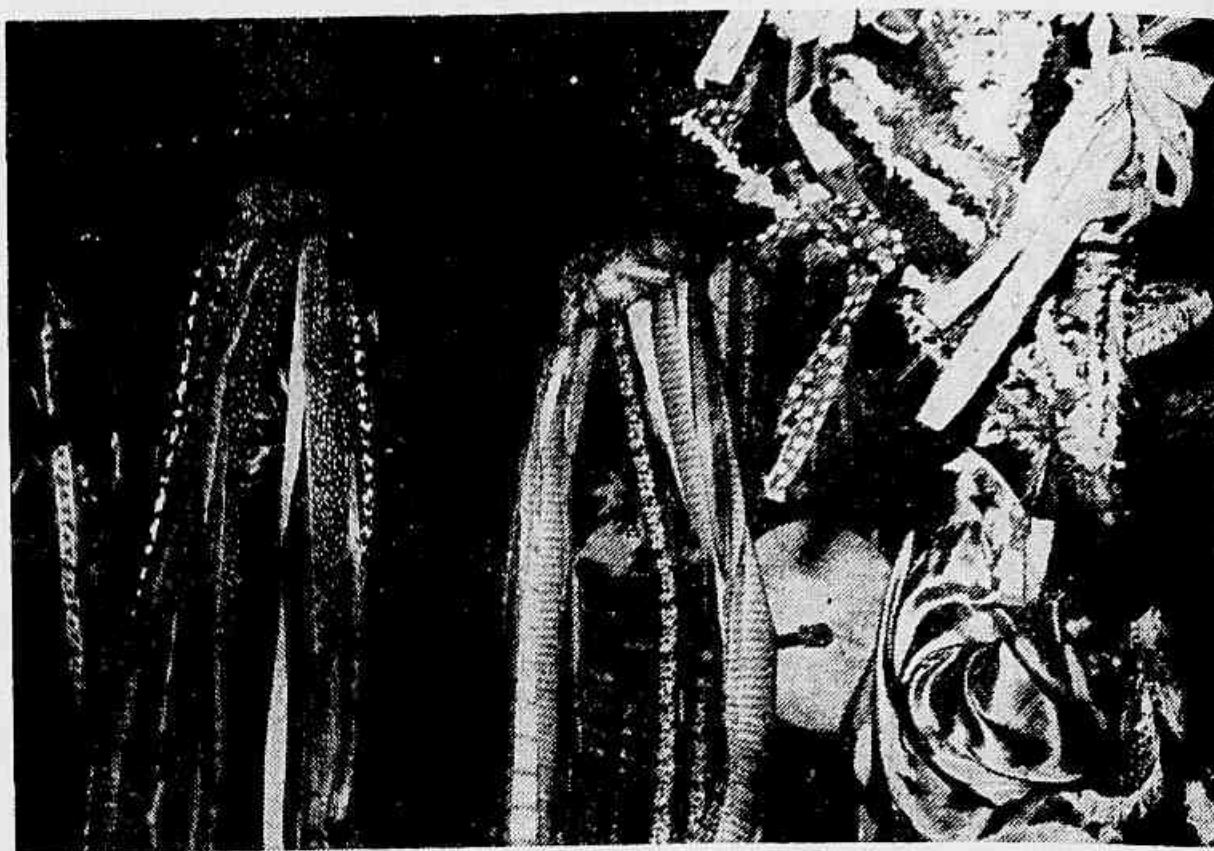
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. -PRINCIPEHOTEL-



FESTA NA FLORESTA

QUEM PASSASSE pelo Hotel Floresta do Alto da Tijuca, na véspera de São Pedro, poderia ver a pequena clareira, envolta por grandes árvores, alegremente povoada. Os que não se cansam de admirar e gabar a beleza do local talvez tivessem, naquele dia, mais um motivo para fazê-lo. Os preparativos haviam começado cedo, e, desde o cair da tarde, os amigos da revista «Leitura» — que celebrava com tôdas as honras o primeiro aniversário de sua nova fase — inundavam o bonito lugar festivamente, espalhando-se pelas mesas do Hotel ou pelos bosques das redondezas. Lá estavam, entre outros, Eneida, Jorge Amado, José Condé, a «divina» Elizette Cardoso, Lúcio Rangel — um dos «donos» de nossa música popular.

O frio limpo e gostoso da montanha era bem recebido pelos convidados, aumentando-lhes a sensação de conforto no uso, quase geral, dos agasalhos. Estava-se bem. Era uma festa brasileira típica a ser vivida, destas que nós ouvimos contadas por nossos avós, que os moços se esforçam por preservar com zelo e que não desaparecem porque somos capazes de imaginá-la espontaneamente.

Acendia-se a indispensável fogueira junina, inaugurada com a fuzilante palavra de Agripino Grieco, ladeado pelos promotores dos festejos. A cada momento surgia algo a sugerir nossos costumes expressivos. Os que conhecem pouco o folclore nacional tiveram oportunidade de formar uma boa idéia de sua riqueza e variedade, provando um (ótimo) quentão tradicional, ouvindo os improvisos bem humorados de um desafio nordestino, assistindo a um excelente «bumba-meu-boi» a caráter, com músicos e dançarinos maranhenses. Nada mais deslumbrante do que aquele reboiço humano ondulando com seus tamborins, seus cantos, suas vestes coloridas. Era um pouco do Brasil transportado para uma festa.

O entusiasmo cresceu quando um grupo de bolsistas sul-americanos da Faculdade de Agronomia decidiu retribuir as exibições que presenciara, interpretando páginas do cancionero popular de suas terras.

E, noite a dentro, a bela e silenciosa floresta prosseguiu assistindo, embevecida, ao alegre baile de seus invasores humanos.

PEGOU FOGO ANTES DE ABRIR O PANO

TER UM TEATRO era o velho sonho de Salvador. Ninguém compreendia que aquela cidade, considerada o berço da cultura nacional, não tivesse uma casa de espetáculos. As companhias haviam riscado a Bahia do mapa de suas "tournées". Depois de dez anos de completa paralisação, reiniciaram-se as obras do gigantesco Teatro Castro Alves, projetado no governo de Otávio Mangabeira. Este queria construir uma pirâmide. Não conseguiu. O governo atual, reduzindo o projeto inicial à sua terça parte, contentou-se em erguer um dos melhores teatros do mundo. Já estava pronto. Inaugurado no dia 2 de julho, data da independência da Bahia, para ser aberto no dia 14.

NOVO PROJETO

Trabalhadores, em certo dia do mês de julho do ano passado, entraram no terreno destinado ao Teatro Castro Alves, ao Largo 2 de Julho (Campo Grande), e puseram a cortar o mato e substituir as fundações, levantadas no governo Mangabeira. E, em setembro, recomeçaram-se as obras, há dez anos paralisadas, mas, desta feita, de acordo com um novo projeto, três vezes menor que o primeiro. Durante dez meses, dia e noite, mais de 1 200 homens lançaram-se a construir o velho sonho da Bahia.

O novo projeto era de autoria dos engenheiros José Bina Fonyat Filho e Humberto Lemos Lopes, assistidos pelo técnico teatral Aldo Calvo. A casa de espetáculos, com poltronas para 1 700 espectadores, sendo dividida em três lances, com a possibilidade de reduzir a área, para as apresentações de comédia, cerca de 600 lugares. O

palco, de dimensões de 16 metros de largura por 20 de profundidade e 9 de altura.

LINHAS FUNCIONAIS

Projetado em arrojadadas linhas funcionais, o Teatro Castro Alves podia funcionar como teatro lírico, centro comunal, teatro de comédias e salão de concertos. Uma tela ciclorama, erguida no palco, para os efeitos cênicos de chuva, trovão, raios e de outros elementos, de 20 metros de altura por 17 de profundidade e 25 de abertura.

Visibilidade, refrigeração, acústica, hidráulica, iluminação, foram tantos outros problemas solucionados, sem exceção, conforme as normas mais rígidas da direção cênica. O vestibulo funciona em bloco independente, havendo ainda um jardim interno, bares, chapearia, cabines telefônicas.

Ao lado do prédio, entre dois precipícios, previsto um anfiteatro para 4 000 pessoas.

DETALHES

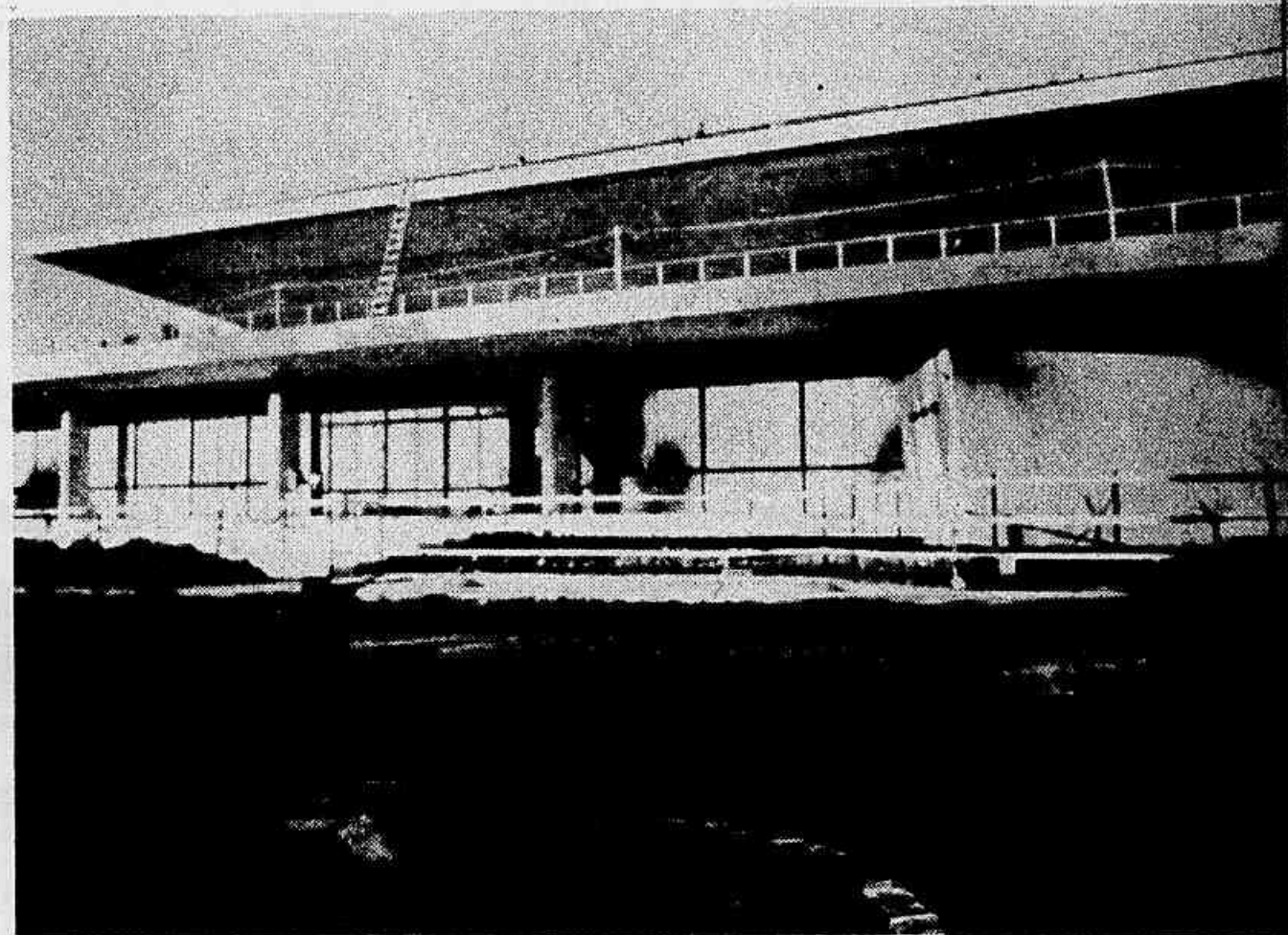
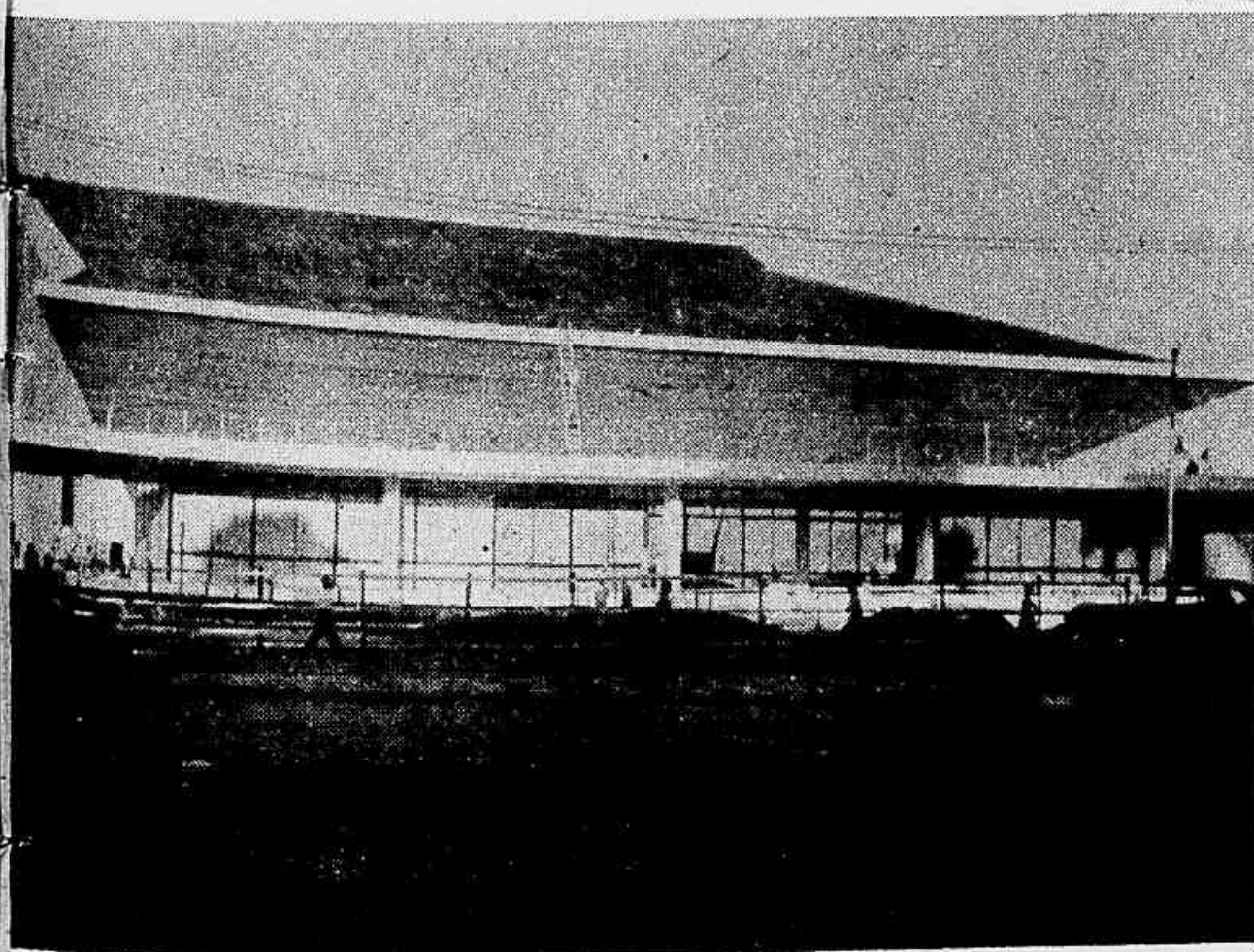
Não havia separação marcante entre as classes sociais, através de galerias, frisas e camarotes e as poltronas da platéia foram criadas de maneira a reduzir ao máximo a absorção sonora. Para efeitos sonoros no palco, o Teatro dispunha de completa instalação eletro-acústica, com aparelhos de gravação de fita magnética, além de sistema de reprodução em disco Hi-Fi; obedecendo a sinalização a um sistema especial, ora elétrico, eletro-acústico (com rede interna de telefones) ora luminoso, nas áreas em que é necessário silêncio completo, contando com um alto-falante, para que se possa acompanhar o espetáculo nos camarins e na administração.

No bloco do palco, dispunha o teatro de sete pisos e, no terceiro abaixo dele, uma entrada para os figurantes, uma para material cênico e outras instalações. A platéia seria dotada de ar condicionado e o palco e os camarins de ar renovado, sendo três os níveis de iluminação decorativa da sala: de gala, normal e de emergência, bastando esta última para três horas.

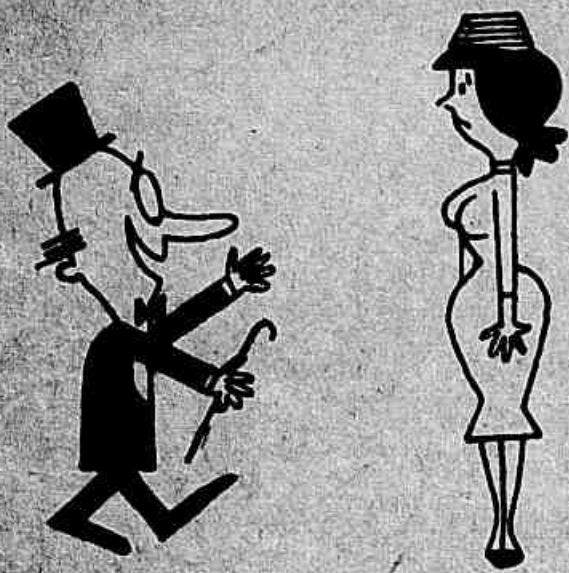
* * *

Na data em que a Bahia comemorou mais um aniversário da sua independência, o teatro Castro Alves foi aberto ao público e, no dia 14, iria começar a primeira temporada, que Salvador aguardava com o maior interesse. Entretanto, na madrugada da quinta-feira, 9, o prédio transformou-se em enorme fogueira: incendiou-se, por motivos ainda ignorados.

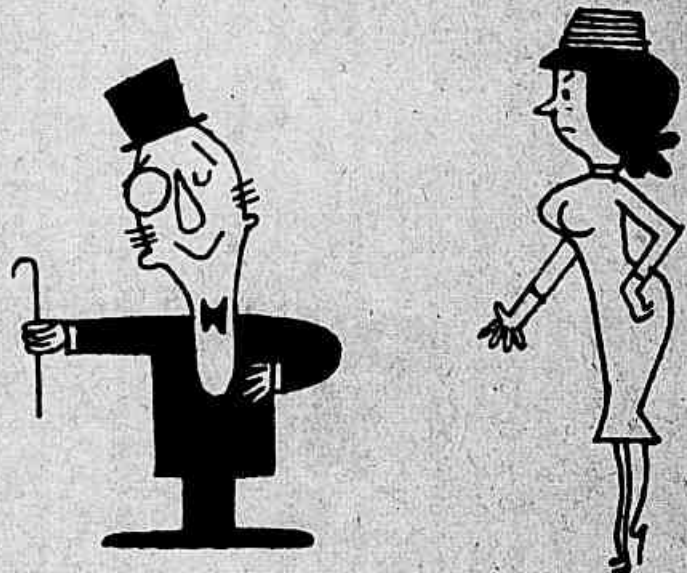
Mas Balbino prometeu retomar as obras, imediatamente: a Bahia não irá ficar outros dez anos, à espera do seu teatro.



A eloquência baiana reveste-se de concreto. Depois do monumental Forum Rui Barbosa, construído e inaugurado pelo governador Mangabeira, a Bahia teria, dez anos depois, o gigantesco Teatro Castro Alves. Agora, porém, irá esperar mais um pouco...

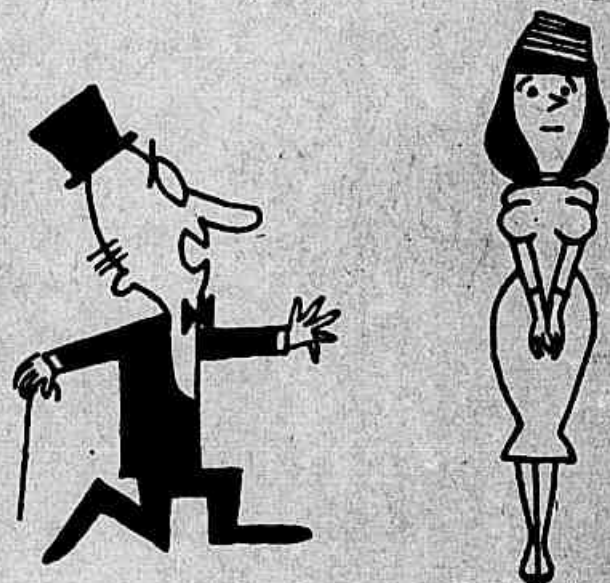
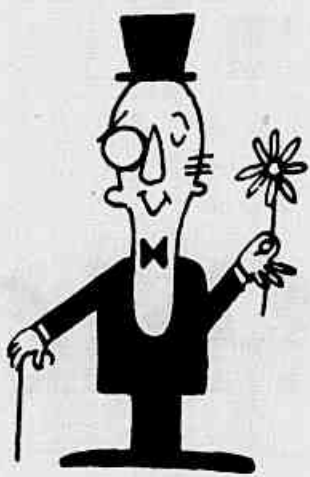


Se você quer meter conversa com aquela adorável criatura que não lhe foi apresentada, recomendo: avance confiante e diga: "Hô, Lili, que prazer em vê-la!"

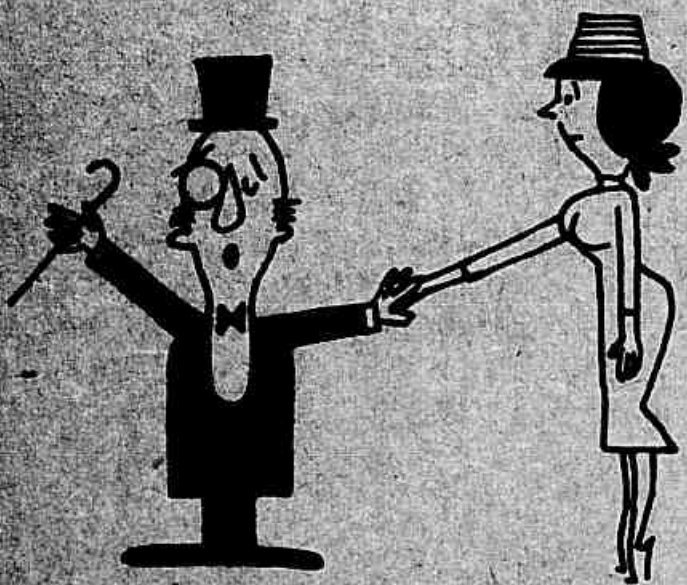


"Você está bela como nunca... fascinante!"

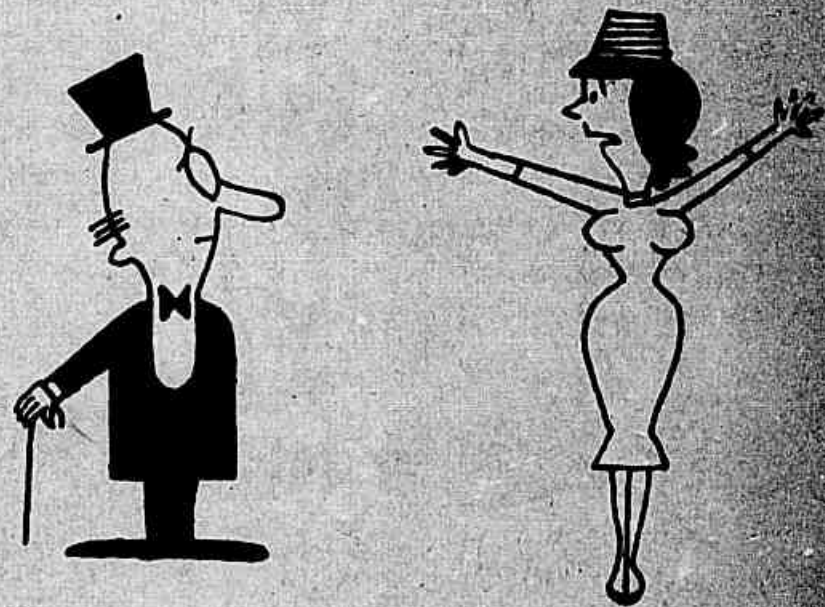
DON ANTONIO



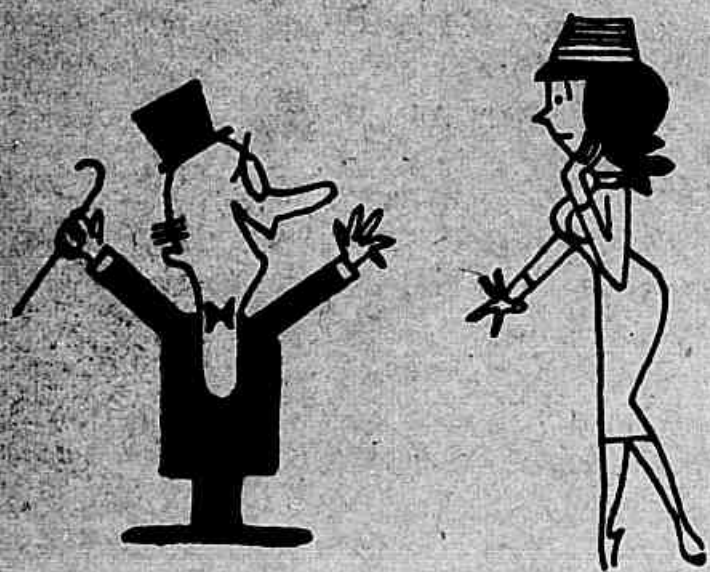
"Certamente já esqueceu o velho amigo Jorge..."



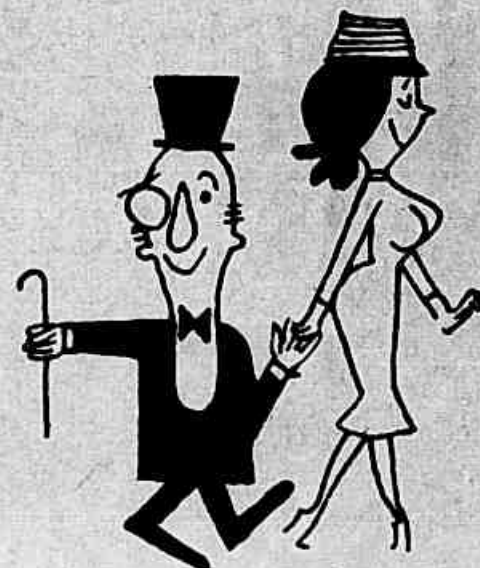
"Mas o velho Jorge não a esqueceu..."



Aí, ela diz: "Mas eu não sou a Lili, cavalheiro!"



"Ora, deixe pra lá! Eu também não sou o Jorge!"



"Sejamos amigos, que a vida é bela, etc., etc..."

AMBRÓZIO



TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

PANORAMA

O JOGO DOS AMADORES NO CATETE FOI SUSPENSO pela "performance" dos profissionais de futebol na Suécia.

Raramente se terá visto tamanha empáfia nas palavras e tanta hesitação nos lances, como o que revelou a equipe de diletantes mediante cujas chaves o sr. Juscelino Kubitschek pretendeu livrar-se do velho grupo que o levou às urnas e à posse na Presidência. O time de favoritos do Presidente surpreendeu-lhe a vontade de "libertar-se". Repetiu a expressão do sr. Danton Coelho, em certo momento, diante da "prisão" em que os amigos mantinham o sr. Getúlio Vargas. Viram os íntimos do sr. Juscelino que também o momento internacional era propício e a situação nacional favorável. Prepararam-lhe a "Operação Pan-Americana" como pano de fundo e saíram pela praça a desancar ministros, a substituir pessoas quase insubstituíveis no momento, a fazer uma dança de São Guido no Governo.

QUANDO O SR. JUSCELINO ABRIU OS OLHOS, estava enleado em dificuldades piores do que o pseudo envolvimento em que vivia. Seu experimentado chanceler, o veterano José Carlos de Macedo Soares, sagrado por uma série de excursões vitoriosas aos países vizinhos, estava deixando o Itamaraty na hora mesma em que deveria chegar o presidente eleito da Colômbia e quando vinha ao Rio a cortante figura de John Foster Dulles, homem sêco e direto, o negociador do acôrdo de paz com o Japão, uma personalidade que exige interlocutores experientes, ao nível de suas grandes jogadas internacionais. Sua base política no PSD e nos partidos da Maioria, ameaçada pelo "changez de place" de ministros e dirigentes sem nenhuma consulta aos fiadores partidários.

EM SUA PASARGADA PARTICULAR, (Brasília, segundo o "Correio da Manhã"), o sr. Juscelino Kubitschek recebeu até missão de vereadores do Distrito Federal, que lhe foram apresentar imposições para a reforma, reforma sem lógica, sem propósito. O Governo ficou em "suspense", gente correndo para se salvar, burocratas fazendo promessas a Deus e ao Diabo para manter as posições e, no meio de tudo, a implacável circular-advertência da Chefia da Casa Civil determinando o afastamento de todos os candidatos a cargos eletivos porventura em exercício de funções executivas. Se o sr. Juscelino Kubitschek é possuidor do mesmo espírito do sr. Francisco Campos e, de vez em quando, é visitado pela

tentação sardônica de usar o Poder como instrumento de gozo infernal das penas alheias — grande oportunidade teve de rir malignamente. Se, entretanto, possui alma de anjinho barroco de igreja mineira, — como tanto procura parecer — deve ter sofrido muito. Por si — pelas afeições que teve — e pelos outros — pelas afobações que tiveram. Tudo p'ra quê? P'ra nada...

O SETE DE SETEMBRO ESPORTIVO que foi a conquista da Copa do Mundo pelos futebolistas brasileiros acabou de vez com a reforma. O sr. Juscelino chegara a vestir-se de torcedor (calça de uma côr, camisa esporte, sem gravata, de outra, fechada no último botão) para acompanhar a irradiação do jôgo com a França, no Palácio das Laranjeiras. A reforma ministerial ia no meio, mas o sr. Juscelino Kubitschek considerava (como disse depois) a conquista do Campeonato Mundial a "sua" meta esportiva — e largou-se para o deserto ocidental, rumo a Brasília, a fim de "torcer" melhor e sem zoeira de candidatos a ministros. Quando JK voltou de seu entretenimento predileto, a reforma sumiu, ficando, mesmo, pela Prefeitura, Exército, Saúde, Justiça e, para depois, Trabalho.

A PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO corrigiu, assim, em parte, o desacôrto da política do Governo federal. Nenhuma força é capaz de galvanizar, ao mesmo tempo, tôdas as classes do povo brasileiro mais do que o futebol. É uma realidade sociológica. Mesmo o Carnaval, que se lhe segue em ordem de recrutamento das massas, encontra restrição, desprezo e desinterêsse por parte de grande número. O futebol, não; é nivelador, arrasador, põe toda gente no mesmo saco. Numa jornada como a que foi vencida, é o mais profundo instrumento de percussão dentro da alma nacional.

O FUTEBOL VITORIOSO ACABOU COM A JOGADA INDECISA dos amadores do Catete, arrastando a tudo na voragem da maior alegria coletiva que já se viu neste país. Haverá algo que una e emocione os brasileiros mais do que o futebol? Belini, carregando a taça, ao desfilar pela Avenida, parecia um herói romano, e triunfadores na Via Apia pareciam os seus companheiros. Por isso mesmo, JK aproveitou o ensejo para logo pedir a união de todos os brasileiros, como a dizer que se não se uniram anteriormente em tórno de sua pessoa, unam-se ao menos em tórno da Taça "Jules Rimet"...

FIGURAS ENSAIOS E FUNÇÕES



Maurício de Medeiros.



Lutero Vargas.



João Goulart.

◆ Na disputa da publicidade (comercial, pessoal e política) que se organizou para explorar o êxito dos jogadores brasileiros na Europa, quem levou a melhor foi o sr. João Goulart. Enquanto o presidente estava na "sua" Brasília, o vice-presidente veio para a Cinelândia acompanhar junto aos populares a partida com a Suécia. No Galeão, ao retôrno dos campeões, apareceu "representando o govêrno", segundo disse e "satisfeito como cidadão brasileiro".

◆ Os jogadores suaram frio (por dentro e por fora, temperatura sueca de 16 graus), molharam a camisa de suor, chuva e neblina gelada — e o sr. JK apareceu, na recepção triunfal, como se fôsse o próprio Belini. Só não foi ao aeroporto porque o Itamarati não deixou. (Esse "Ita", protocolo, o diabo!)

◆ O professor Maurício de Medeiros pediu renúncia numa tarde e no mesmo momento foi marcada a posse do seu substituto (sanitarista Mário Pinotti) para o dia seguinte. Receio de que o velho médico se arrependesse do gesto e quisesse continuar mais um pouco no Ministério da Saúde...

◆ A missão do Export and Import Bank retornou a Washington depois de assistir a queda do sr. José Maria Alkmin e a ascensão do sr. Lucas Lopes ao Ministério da Fazenda. O que os peritos do Eximbank disserem em Washington deverá ter repercussão no êxito da vinda do Secretário de Estado ao Brasil, marcada para os primeiros dias de agosto. Os nossos funcionários que se preparem. Sejam precisos e sem muitos enleios em suas informações. O sr. John Foster Dulles não pode e não gosta de perder tempo.

◆ Também o sr. Cirilo Júnior chegou a recusar pastas na recauchutagem do govêrno federal. Não quis, mas acabou aceitando, o Ministério da Justiça — afinal de contas hoje mera curatela de menores mais ou menos abandonados. O problema do sr. Cirilo Júnior é com adultos, políticos mais ou menos velhos, como êle. Não pode estar perdendo tempo com infâncias.

◆ Na hora em que repontou o nome do sr. Lúcio Meira para a Prefeitura, o deputado Lutero Vargas indicou-lhe para a Secretaria de Administração o sr. Afonso César (moralizadora gestão no IAPI, assessor do último govêrno Vargas, autor de "Política, Cifrão e Sangue" — bom paulista de Guaratinguetá, "homem de caráter e vergonha").

◆ Pergunta (inocente) de um leitor: Por que os governadores Paulo Sarazate, Miguel Couto Filho, Gaioso e Almendra e Francisco Aguiar deixaram os seus postos, no Ceará, Estado do Rio, Piauí e Espírito Santo, para candidatar-se ao Congresso Nacional, e o governador Jânio Quadros permanece nos Campos Elísios?

◆ O PSD entrou em estado de caquexia aguda. A desidratação do "majoritário" é algo consternador. Está praticamente expulso de São Paulo, vacilante na Bahia, "udenificado" no Rio Grande do Sul, abalado no Estado do Rio, agonizantezinho no Distrito Federal, arteriosclerosado em Minas Gerais, etelvinizado em Pernambuco, sumido no Ceará, dado como ausente em Alagoas, ufa! Felizmente, o presidente da República é pessedista, encoraja um da velha guarda do Partido. Vão-se os Alkmims e Macedos, ficam-se os dedos.

◆ A esperança é a última que morre. A esperança e o PSD, diz um "crente", dos raros que aparecem no "majoritário".

◆ Numa roda no Jockey, à hora do almoço dizia-se que o sr. Oswaldo Orico seria o candidato "in petto" de JK para a Prefeitura do Distrito Federal. Depois de ser o biógrafo de Brasília, o sr. Oswaldo Orico, com os notáveis conhecimentos urbanísticos que conquistou em suas andanças pelo mundo, aporia o sêlo de ouro da administração federal no Rio de Janeiro.

◆ Por falar em Brasília, a cidade já tem até igreja, para purgar os pecados dos numerosos herejes e pagãos que chegam até àquelas terras sem Deus.

◆ A UDN está muito sensível aos apelos para um govêrno "de concentração nacional". O momento é udenista.

◆ Quando o sr. Sá Freire Alvim assumiu o lugar deixado pelo sr. Negrão de Lima na Prefeitura do Distrito Federal, pessoas que o conhecem disseram: "Alvim chegou, ficou. Sentou, não levanta mais". O novo prefeito começou sua carreira como chefe do gabinete do sr. João Carlos Vital, quando esta "eminence grise" assumiu o Ministério do Trabalho, no govêrno (ditatorial) de Vargas. É tido como homem de grande habilidade para conduzir os cordéis da situação. Está provando.

◆ Até para a semana. Com as notícias dos borracheiros oficiais sôbre as últimas recauchutagens nos pneus de banda branca.

QUEM CAIU DO TRAPÉZIO

... foi o sr. Maurício de Medeiros — que desde que assumiu a pasta da Saúde vinha sendo demitido pelos boatos e foi exonerado quando muita gente pensava que já não estivesse mais no Ministério.

: Por Miguel Fran- os, no Santo, cional, manece

quexia rio" é e ex- Bahia, aba- ho no Minas umido agoas, ública guarda cedos,

e. A , dos

môço ria o refei- ser o Drico, sticos pelo istra-

tem dos egam

pelos acio-

umiu Lima soas egou, novo chefe ando isté-) de ha- tua-

ícias imas nca.



DEBAIXO DOS REFLETORES

FIGURA ESQUIVA ao proscênio, o sr. Lúcio Meira viu-se, de repente, debaixo dos intensos refletores que iluminam a Prefeitura do Distrito Federal.

Do ponto de vista de sua importância no governo, o sr. Lúcio Meira é o responsável pela maior pasta civil (Ministério da Viação), diante do qual a Prefeitura da capital do país fica a perder de vista, só igualando nas dificuldades dos problemas burocráticos e de planejamento a enfrentar. A participação do M.V.O.P. no orçamento da República é de 38 bilhões de cruzeiros no presente ano. Além disso, o sr. Lúcio Meira tem sob o seu controle direto a Rêde Ferroviária Federal (capital: 60 bilhões e meio de cruzeiros, abrangendo a Central do Brasil e 21 outras estradas de ferro nacionais), a navegação do Estado (Lóide, Costeira, Navegação do Prata e do Amazonas), o DCT e todo o sistema de comunicações elétricas, postais e telegráficas, o Departamento Nacional de Estradas de Ferro, a rede rodoviária nacional, as obras contra as secas, o Fundo de Pavimentação e, agora, o Fundo de Marinha Mercante e o Fundo Portuário Nacional, além do programa da indústria automobilística e o programa da construção naval, através do GEICON. Como se vê, um poderoso. Mas um homem simples, que gosta dêsse trabalho todo e não pertence à galeria de perus de banquete que tanto glorifica certos medalhões oficiais, vazios de trabalho e rotundos de almoços à custa do Tesouro.

Com tanto poder na mão, o sr. Lúcio Meira é um frugal comedor de sanduíches. Almoça sanduíches para não sair do Ministério — aquele horrendo casarão ao melhor estilo DCT que às vezes se confunde com uma estação ferroviária e muita gente pensa que se trata de uma dependência da Câmara dos Deputados, por estar nos fundos do Palácio Tiradentes e pelo número de parlamentares que o freqüentam.

Os que seguem para Niterói, ao aproximar-se das barcas, tarde da noite, podem olhar para o segundo andar, lado sudoeste da Praça Quinze. A luz está acesa. No pequeno gabinete, franciscano, onde, há dias, quebrou-se de velho o "abat-jour" que mal iluminava o ministro, o sr. Lúcio Meira trabalha e discute com entusiasmo o seu trabalho.

De uma hora para outra, o sr. Lúcio Meira, despreocupado de fotógrafos e cinegrafistas (nunca aparece de frente numa foto) se viu requestado pela multidão de interesses que circulam em torno da Prefeitura. A mensagem presidencial, apontando o seu nome à aprovação prévia do Senado ficou pronta, ao mesmo tempo que o sr. Afonso Arinos o cientificava de que seria êle o nome ideal para uma composição entre a UDN e o PSD do Estado do Rio, com vistas à sucessão do sr. Miguel Couto Filho. O sr. Lúcio Meira — que tem lutado bravamente para não "regionalizar-se" (evitando manobras anteriores que levavam à sua candidatura ao Palácio do Ingá) ficou deveras empenhado em não trocar o casarão da Praça Quinze pelo Palácio Guanabara. Enquanto fuzilavam os refletores em torno de seu nome, o almirante Meira preparava calmamente e pessoalmente a longa exposição, de mais de cento e cinquenta páginas datilografadas, para comparecer à Câmara dos Deputados, atendendo à convocação a fim de explicar as medidas adotadas no combate às secas.

Saiu o sr. Negrão de Lima para o Exterior, mas o sr. Lúcio Meira (surpreendido em sua modéstia com as manifestações de toda parte para não deixar o M.V.O.P.) continuará às voltas com os seus problemas habituais, com a fabricação dos seus automóveis e navios, com os seus trens e linhas telegráficas, açudes e rodovias. Desencalhou o velho patacho na mesma hora em que a "Angostura" deixava a prisão de areia e, com mudanças na tripulação (Ottolmy Strauch na chefia do gabinete), vai por aí, de velas enfunadas, até encontrar uma nova reforma ministerial.



POR OCASIÃO da passagem de mais um aniversário de casamento, o sr. Daniel de Carvalho e sua senhora — D. Alice M. de Carvalho — receberam muitas homenagens da nossa sociedade, entre as quais se destacou a missa celebrada na Capela da Universidade do Brasil, com o comparecimento de figuras do nosso alto mundo político, comercial e social. O flagrante foi tomado quando o ilustre homem público era abraçado pelo ex-Presidente Eurico Dutra.

antes da decisão.



...consulte a nossa Seção Especializada em

estofamentos e cortinas

Veja as mais belas coleções de tecidos por preços ao seu alcance, no 3.º pavimento.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Tel: 22-7720 R: 422

MAGAZINE *Mesbla*

Onde o bom-gosto
e a qualidade
não custam mais...

BRASIL EM FOCO

A industrialização do trigo

OLIVEIRA CARVALHO.

SABE-SE QUE o trigo é substância fundamental na alimentação do povo. Não há independência econômica completa, sem que se inclua, entre os produtos nacionais, em larga escala, o alimento milenar dos povos. Os Estados Unidos plantam trigo, para uso interno e exportação. A Rússia produz trigo para uso próprio e de seus satélites.

O Brasil não deve abandonar esse ramo de atividade agrícola, onde quer que o clima permita o seu desenvolvimento: plantar trigo é provar as necessidades elementares do povo e, sobretudo, resguardar os interesses nacionais, no que tange à segurança.

Não basta, porém, produzir trigo em grão. Assim como o petróleo deve ser refinado, o cereal deve ser moído. E a moagem é operação delicada, em que os métodos dia a dia evoluem, de acordo com as conquistas da ciência e imposições da higiene alimentar.

No barateamento do custo, inclui-se a técnica da produção, desde a plantação à colheita, até à moagem.

O estudioso de assuntos econômicos, aliás, o próprio povo, que é principal interessado, deve examinar o problema, em seus vários aspectos. Os comentários acima, são-nos sugeridos após visita feita ao Moinho Atlântico S/A, que representa mais uma iniciativa do espírito empreendedor de Antônio Sanches Galdeano. O capitão da indústria brasileira vem de dedicar-se, como vemos, a outro ramo de atividade, com o que ainda mais intimamente concorre para a solução de problemas básicos da segurança nacional.

Na verdade, é-nos grato registrar, o Moinho Atlântico, com sede em Niterói, é um dos mais modernos do mundo. Funciona vinte e quatro horas por dia. O brasileiro sente-se entusiasmado, diante da obra-prima de técnica e administração. Conectada com os diversos meios de transporte, está, nos seus onze andares e silos que integram o conjunto, dotado de aperfeiçoamentos até agora inexistentes no Brasil, onde tudo é mecanizado, com o mínimo de intervenção humana.

Não há dúvida, o Brasil caminha.

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

19 — JULHO, 1908 — Domingo — A REVISTA DA SEMANA oferecia o seu número 427. A 300 réis, o exemplar.

F. Mendes Júnior, no seu registro habitual, lembrava a recente visita de um grupo de rapazes argentinos, que "havião dado verdadeiras aulas de futebol" à turma do Rio e de São Paulo. E, a propósito, estranhava a atitude pouco simpática de alguns cariocas que, "na verdade, não se tinham portado cavalheirescamente por ocasião do bota-fora dos representantes dos nossos vizinhos do Prata".

Na "croniqueta", Raulino também fala nos encontros de brasileiros e argentinos: "A rua de Guanabara, tão chela de mistérios e flauteações, crivada de aventuras escabrosas, teve agora os seus dias joviais, atraindo para o campo do futebol imensa concorrência". E, adiante, cita o possível motivo da vantagem dos visitantes: "essa troupe era disciplinada e principalmente unida, parecendo haver ensaio prévio e manejo bem combinado entre todos eles. Os nossos, porém, tão denodados como os argentinos, procuraram primar pelos efeitos pessoais, pouco procurando, em sua maioria, a união dos efeitos. Alguns queriam

mostrar os seus recursos esplêndidos, chegando muitas vezes a lutar sòzinhos contra três ou mais adversários, sem que os companheiros intervissem. O resultado, fácil de prever, dessa desunião e desse egoísmo, foi a derrota, que, assim mesmo, foi custosa e depois de tenaz resistência".

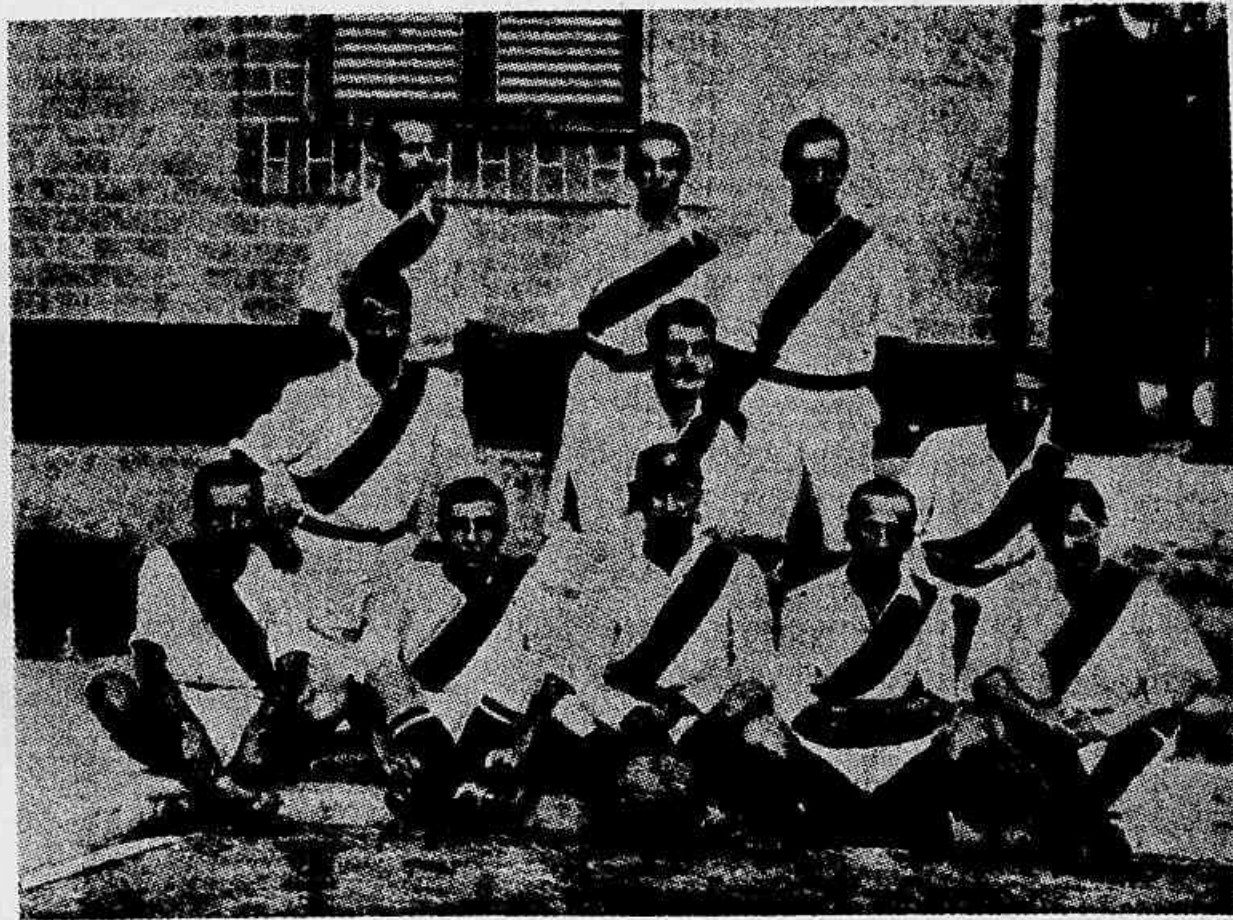
Tôres do Camarote fazia a resenha teatral, sem maior interesse. De especial, dava curso a "boatos da dissolução da companhia Francisco Souza no norte, depois da fuga de uma atriz". E observava: "o teatro tem desses bons bocados, de vez em quando, uma sensaborona aventura faz com que uma estrêla bata a linda plumagem, dismantelando os trabalhos e deixando os empresários de mãos atadas por não encontrarem no momento substituição. Isso é simples consequência da falta de contrato escrito entre as emprêsas e os atores, com cláusulas obrigatórias para ambas as partes. Façam como as emprêsas estrangeiras, notadamente italianas e francesas, onde há escrituração completa até para simples coristas e comparsas".

A próxima Exposição Nacional, "cuja inauguração estava fixada, definitivamente, para 11 de agosto", constituía assunto importante. E, a propósito, a "Revista" comentava os trabalhos de preparação, que remodelavam o local, dando nova fisionomia à cidade, a partir da enseada de Botafogo: "A antiga praia da Saudade está hoje transformada em uma formosa avenida Beira Mar, sendo que foi possível, devido à fraqueza com que as ondas ali chegam, a colocação de uma bonita balaustrada, em vez dos blocos de pedra trabalhada que formam o parapeito de tóda a Avenida Beira Mar"! E adiante: "Transposta a porta da Exposição, a qual é um arco de 25 metros de altura semelhante à Porta Triunfal da Exposição de Paris, em 1889, chama logo a atenção do visitante o soberbo edifício que se ergue à direita e que se destinava, outrora, à Escola Superior de Guerra. Está atualmente transformado por completo, nada fazendo antever que se trata do aproveitamento de um edifício que bem perto de 20 anos se achava abandonado".

Em reportagens ilustradas, fazia-se referências às exéquias por alma de Dom Domingos da Transfiguração Machado O.S.B., realizadas na igreja do Mosteiro de São Bento; às entregas de credenciais dos novos ministros de Portugal e da Espanha, o Sr. Conde de Selir e o Sr. Manuel Multedo, respectivamente; à inauguração da primeira creche do Patronato de Menores; à presença de Nicolas Revello, esgrimista do Exército Oriental; e a acontecimentos da semana.

E o toque final: "Mas a máxima elegância, a beleza das belezas, está nos jaquetões de piquê branco, ornados com um fichu. Isso é o que é o supra-sumo do jantismo".

Era assim, há cinqüenta anos...



"Scratch team" argentino que disputou contra o "team" representativo do Rio de Janeiro e que triunfou brilhantemente por três "goals" a zero. À direita: "Team" representativo do Rio de Janeiro que, denodada e heróicamente, enfrentou o "scratch" argentino.



Com a presença do ministro da Fazenda, do chefe da Casa Civil da Presidência e outras autoridades, tomou posse, no dia 8, no Palácio do Catete, o novo ministro da Justiça — senhor Cirillo Júnior, que recebeu o cargo das mãos do senhor Eurico Sales.



Substituindo o ministro Macedo Soares, é nomeado ministro das Relações Exteriores, o sr. Francisco Negrão de Lima, último prefeito do Distrito Federal. A cerimônia de posse teve lugar no Catete.

A SEMANA TAMBÉM DEIXOU ESTAS

NA FRANÇA, De Gaulle completa seu gabinete, formado a 1.º de junho quando foi levado ao poder. Para Ministro da Informação (em substituição ao romancista André Malreaux, agora Diretor das Relações Públicas) nomeia o jurista Jacques Soustelle, um dos dirigentes da rebelião de Argel. Com tal nomeação, aparenta De Gaulle dar a sua aprovação ao golpe de 13. de maio, quando uma junta de oficiais do exército e argelinos direitistas se constituíram em governo, naquele Território africano.

Os dois outros ministros nomeados são o General Bertrand Ichenvt (Saúde) e André Bouloche (Ministro Delegado).

O prestígio de De Gaulle, principalmente depois de seus entendimentos com Dulles, cresce novamente, à medida que se enfraquece a resistência dos partidos esquerdistas.

PROVOCA estardalhaço, a demonstração feita, em Washington, com uma máquina eletrônica de grandes dimensões — a "704" — construída pelo dr. Frank Roseblat, do Laboratório Aero-náutico de Cornell, Búfalo. Tal máquina, além de suas faculdades extraordinárias de cálculo, tem muito de humana, conseguindo estabelecer, entre outras coisas, a diferença entre as mãos direita e esquerda, sem a menor indicação exterior. Há ainda prognósticos impressionantes para o cérebro eletrônico, num futuro próximo: aperfeiçoado, estará ele apto a aprender o alfabeto, ler, escrever, falar, traduzir, diferenciar fisionomias e, até mesmo, peças musicais e marcas de automóvel...

ADALGISA COLOMBO, Miss Brasil de 1958, parte, na quarta-feira, para Long Beach, a fim de representar a beleza brasileira no Concurso de Miss Universo. A bela Adalgisa foi acompanhada de sua mãe e da sra. Rute Pacheco. Bagagem de Adalgisa: dez vestidos novos e duas fantasias de baiana.

Apenas chegada a Nova Iorque, onde foi recebida oficialmente por D. Dora de Vasconcelos, cônsul do Brasil naquela cidade,

declara Adalgisa que, se lhe fôr oferecido contrato para o cinema, aceitará imediatamente.

ENQUANTO as bombas continuam a explodir nas ruas centrais e mais movimentadas de Beirute, causando grande número de vítimas; e enquanto o líder rebelde, o ex-primeiro ministro Salam (há mais de oito semanas entrincheirado no seu quartel em destroços da capital libanesa) afirma continuar recebendo munições e armas diariamente, noticia a imprensa novaiorquina a decisão tomada pelo secretário geral das Nações Unidas — Dag Hammarskjöld — de renunciar ao cargo caso se pronuncie uma intervenção armada no Líbano. Isso foi dito durante uma conversa privada daquele secretário geral com um delegado árabe.

A crise libanesa — segundo opinião de numerosos funcionários americanos — deve ser solucionada pelo seu próprio país. Entretanto, estão os Estados Unidos dispostos a tudo fazer para que a independência do Líbano seja assegurada — por intermédio da ONU ou do Exército Nacional Libanês.

Há, nos Estados Unidos, um certo descontentamento no que se refere ao primeiro relatório da Comissão de Observação da ONU. Embora seja dado crédito à existência de infiltrações provenientes da Síria, não foram elas constatadas pela comissão — o que pode ser explicado pelo motivo da própria chegada ao Líbano da Comissão Observadora. Deseja-se, portanto, em Washington, que a Comissão resolva meios de intensificar os trabalhos de observação.

E enquanto, no alto do carro de bombeiros, ladeado pelos seus companheiros, ia Bellini exibindo pelas ruas da cidade o troféu arrebatado aos suecos, o mesmo cavalheiro era transportado de avião do Galeão para o Santos Dumont, e daí rumava para o Catete. Aberto o estôjo no Palácio Presidencial, foi exibido ao Sr. Kubitschek o misterioso conteúdo: outra taça "Jules Rimet"...



Empossado na pasta da Saúde, traça o ministro Mário Pinotti o urgente programa a ser realizado nesse fim de governo. E nos promete a extinção total no Brasil, de cinco endemias: — doença de Chagas, tracoma, malária, leishmaniose e, finalmente, a Boubá.

Continuando a série de nomeações ultimamente efetuadas pelo presidente Kubitschek, tomou posse, dia 11, no Palácio do Catete, no cargo de prefeito da Cidade, o dr. Sá Freire Alvim, que ocupava, anteriormente, as funções de Secretário de Administração da PDF.

LEMBRANÇAS

Contam que o presidente beijou o troféu, comovidamente. Mas, como os rádios continuassem anunciando as seqüências emocionantes do desfile, na Avenida, Kubitschek indagou, surpreso:

— Mas o rádio não está dizendo que a taça está sendo exibida ao povo por Bellini?

E João Havelange:

— Está, presidente. Mas é apenas uma cópia da verdadeira. Não podemos arriscar-nos a quebrá-la ou extraviá-la numa confusão provocada pela alegria do povo...

E assim, não viu o Rio a verdadeira taça, por nós arrebatada nos campos suecos...

Mas a história continua, com laivos dramáticos: o guardião do tesouro não conseguiu reencontrar, no tumulto do Catete, o superintendente da CBD. E aquele estôjo nas suas mãos, com a responsabilidade que lhe acarretava, enchiam-no de pavor. Não podia dá-lo a ninguém, nem ao próprio presidente — tinha bem em mente as ordens terminantes recebidas do sr. Di Giorgio. E teve de levá-la para casa, e pageá-la toda a noite, ao lado da mulher também apavorada. Palavras de Magalhães Pinto, mais tarde, a um repórter:

— Posso garantir que foi a pior noite de minha vida!

NA NOITE do dia 10, lançam os Estados Unidos, em Cabo Canaveral, Flórida, um foguete balístico intercontinental — o Thor Vanguard Able, contendo, em sua ogiva, um rato vivo. O vôo inicial desenvolveu-se de modo satisfatório.

Posteriormente, recusou-se a Força Aérea Americana a prestar declarações sobre o resultado da empresa, embora transpirem notícias de que o "nariz" do projétil, em cujo interior se encontra o roedor, tenha caído em águas do Atlântico Sul. Entretanto, nada foi avistado, apesar das embarcações, situadas na zona, terem recebido sinais da ogiva, dotada de aparelhos destinados a guiar os encarregados à sua recuperação.

Embora não se saibam notícias do camondongo, extra-oficialmente, o chefe do Estado Maior Adjunto da Aviação Ianque considera a experiência coroada de êxito, pois resultou positiva a questão fundamental: a volta à atmosfera do foguete, após uma trajetória de 9.600 kms. através do espaço.

A POPULAÇÃO do Rio tem uma semana sem leite. Enquanto isso, milhares de litros são doados a hospitais e escolas, quando não jogados aos porcos da cidade de Rezende, no Estado do Rio, pelos produtores que insistem em só enviá-lo ao carioca após a concessão do aumento pleiteado.

Finalmente, depois de "estudos complexos", a Cofap resolve a situação. Os patrões têm, como sempre, as suas ambições satisfeitas: o litro de leite, que custava Cr\$ 8,70, passa a ser vendido a Cr\$ 11,00 ao consumidor. O leite, naturalmente, reaparece — aguado e impuro como sempre.

CHEGA A GUANABARA, no dia 11, em visita de cortesia, o maior porta-aviões do mundo — o USS-Ranger. A cidade, de repente, toma um aspecto novo, com a invasão de alguns dos 3.500 tripulantes do gigantesco vaso de guerra — principalmente nas imediações da praça Mauá e na Avenida Rio Branco, onde o comércio adquire um movimento intenso. Também as calçadas e bares de Copacabana adquirem uma atmosfera nova e pitoresca, com a invasão das fardas azuis. O carioca, por sua vez, acorreu a visitar o majestoso aeródromo flutuante, esgotando em apenas quatro horas, os seus mil convites distribuídos pela Embaixada Americana.

NA GLORIOSA noite de 2 de julho, no Rio, enquanto desciam no Galeão os heróis da Copa "Jules Rimet", sob os aplausos da multidão, um cavalheiro de nome Magalhães Pinto recebia, naquele mesmo local, das mãos do superintendente da CBD, um estôjo fechado, ao mesmo tempo que ouvia esta recomendação:

— Guarde isso como se fôsse a própria vida.

AS MARIAS



ENEIDA

NÃO FORAM MUITAS, as Marias que até hoje passaram na minha vida.

Vieram um dia, entraram em minha casa, plantaram suas raízes, fizeram-se notadas pelo carinho com que trataram meus objetos ou deram-me de comer. Considero de importância fundamental para mim, a existência dessas Marias, funcionárias e colaboradoras, já que são elas as atormentadas com tôdas as coisas pequeninas de meu lar, inclusive o incessante bater na porta: muitos os vendedores ambulantes que procuram impingir-nos cordões, berloques, fazendas, perfumes, últimas descobertas de pós para isto, aquilo, e até mesmo Bíblias.

As mulheres em geral e particularmente as donas de casa, gostam muito de falar mal das Marias. Querem seres perfeitos em pobres domésticas que além de aturar-nos, muito mais aturam da vida: moradia em morros, filhos e mais filhos geralmente sem pai, miséria e analfabetismo.

Talvez porque eu tenha aprendido profundamente a viver, regra geral, as Marias e eu somos boas camaradas. Delas — que eu me lembre — só uma decepcionou-me. Era magra, alta, sem palavras, carregando uma eterna dor de dentes. Mandei-a a um dentista, tentei tirá-la daquele mutismo, até que um dia, percebi tudo. Aquela Maria bebia demasiado e, quando chegava, já trazia em si tanto álcool, que se falasse iria com certeza denunciar seu estado. Os dentes eram apenas um subterfúgio. Tive cuidado para não feri-la com a minha descoberta, mas creio que ela sentiu-a tanto que desapareceu. Não me disse sequer adeus.

Posso contar muitas histórias, as mais variadas, das Marias que conviveram comigo. Uma delas chegou-me, uma manhã, trazendo ao colo uma pequenina quase de seu tamanho. A meninazinha começou desde logo a fazer parte de minha família: creche, pediatria, jardim da infância, depois. Um dia essa Maria apareceu-me com o rosto cortado a navalha. Lanhos superficiais, mas muito visíveis. Espantei-me. Curativos feltos, mercúrio cromo aumentando a tatuagem da face, Maria contou em tom de profundo mistério:

— E' porque os jornais não dão; é porque ninguém conta para os senhores, mas se forem ver, direitinho, todo dia a Lagoa amanece coalhada de cadáveres de mulheres que se matam ou são mortas pelos seus homens do morro.

Não pedi licença à Maria; não pedirei licença aos leitores. Imaginei, imediatamente, este quadro que só o cinema poderá reproduzir em toda sua grandeza: a manhã nascendo vacilante, com um sol engatinhando e a Lagoa Rodrigo de Freitas coberta de cadáveres — pretos, brancos, mulatos, loiros — de mulheres mortas por amor. Na profusão das fazendas de côres — tôdas as côres — pedaços de pernas, seios descobertos, amostras de coxas, de rostos lívidos. Mulheres que não assistiram o dia nascer mas que estão ali, nas águas paradas da Lagoa, iluminadas de sol contando que até hoje ainda há quem morra de amor.

Com essa Maria mocinha — vinte e três anos — balana de nascimento, alegre, vibrante, grande quituteira, aprendi muito. Gostava de ouvi-la usar e abusar de suas qualidades imagistas.

Não sabia ler nem escrever, mas não confessava de nenhum modo sua ignorância: jogava tudo no meu "excesso" de conhecimentos. Aconselhei-a a molhar, dia-sim dia-não, as plantinhas que cultivo com amor, num apartamento pequeníssimo. Disse-lhe que as plantas são como nós: precisam de água para beber, ar para respirar. Creio mesmo que, sem querer, dei-lhe uma rápida lição de botânica. Maria ouviu tudo, riu muito e alto (magníficos os seus dentes) e concluiu:

— A senhora sabe de cada uma!

Maria era tremendamente desgraçada em amor. Aliás, parece que ser mal amada, infeliz, é destino de tôdas as Marias. Contou:

— A polícia sabe, foi feita para atacar as mulheres e defender os homens. O "pai da menina" (jamais pronunciava seu nome) vendeu tudo o que era meu, até o barraco que comprei por setecentos cruzeiros. Vendeu para beber porque ele nunca trabalhou. Tudo que estava lá era só meu. Fui ao distrito. A senhora pensa que alguém ligou? Pois sim. Um homem sentado numa mesa, disse: — Vou mandar ver isso. E até hoje.

Não procurei defender a polícia, coisa que jamais farei, mas tentei mostrar a Maria que estava sendo injusta. Talvez tenha mesmo dado uma pequena lição de sociologia. Inútil, porque Maria continuou afirmando.

— E' porque a senhora não sabe essas coisas: mulher do morro não tem vez na polícia. Só os homens.

Cansada de vê-la sofrer, tivemos, uma vez, este diálogo:

— Maria — perguntei — por que não te separas desse homem? Ele te bate, te explora, te faz desgraçada. Por que ficas com ele?

— Mas é o pai da menina...

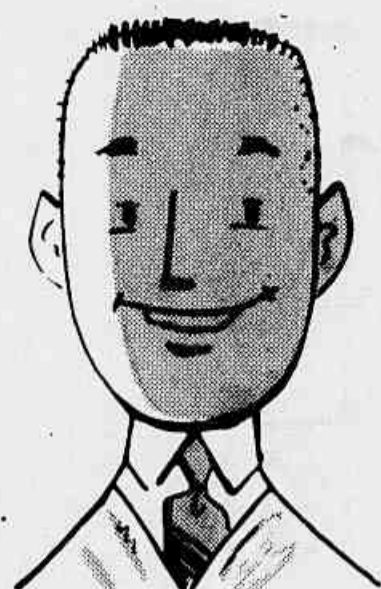
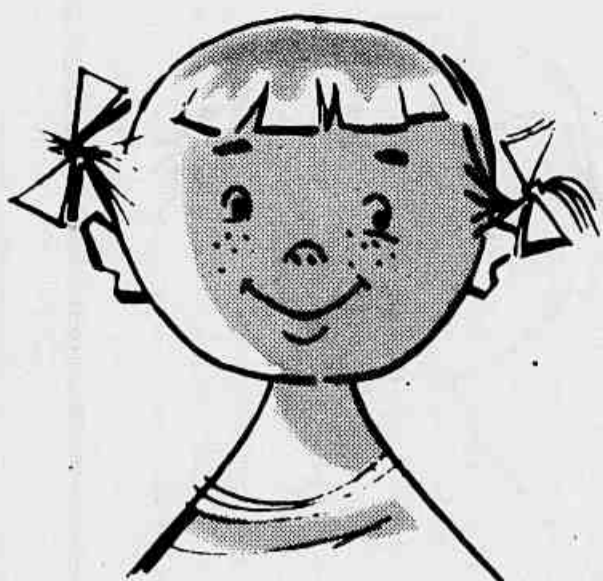
Minhas Marias ficam comigo o tempo que desejam. Quando partem, é porque precisam ganhar muito mais ou porque seus problemas íntimos exigem nossa separação. Geralmente não nos dizem adeus. Sabemos que a vida é um incessante recomeçar. Recomeçamos.

Ouçõ-lhes confidências, principalmente nos casos de amor ou de maternidade. Sei de seus gostos, de suas reações diante dos problemas. O que não consegui saber até hoje é como as Marias vêem ou sentem a minha vida.

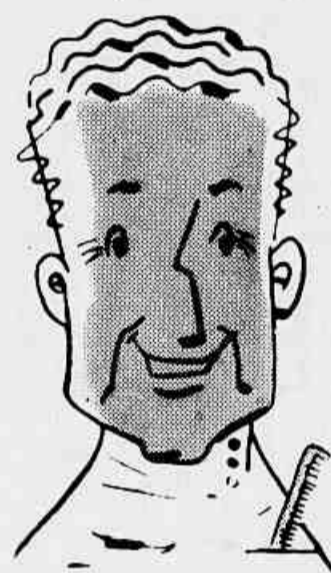
Não exijo muito. Não sei dar ordens nem brigar. Pô-las na rua, despedi-las, também não sei. Julguei uma delas ruim, tão ruim que — como sabia ler — escrevi-lhe uma carta pedindo que partisse: nossos sentimentos não afinavam. Foi aí que vi que ela não era tão ruim assim, porque, depois de ler a carta, pôs-se a chorar baixinho, baixinho, enquanto mexia panelas.

Por tudo isso, pelas lágrimas que muitas vezes enchem seus olhos, pela dureza da vida que levam, analfabetas, morando em morros, tendo filhos que jamais poderão criar, crivadas de deveres, nuas de direitos, por tudo isso tenho especial ternura pelas Marias. Ternura e paciência que eu gostaria por elas tivessem tôdas as donas de casa.

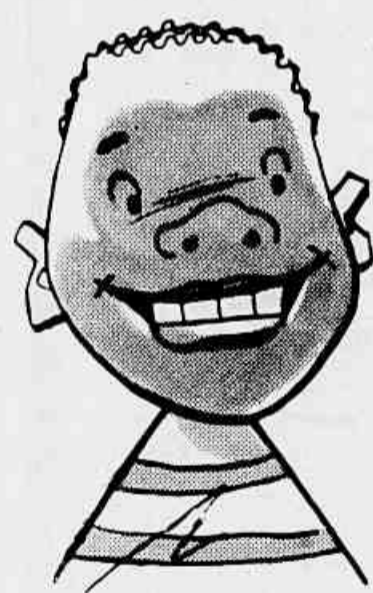
— Tens agora uma Maria? perguntarão os leitores. Naturalmente que sim, respondo. Uma Maria que conheço tão bem, está comigo há tanto tempo que não se assustem, se um dia destes, sobre ela eu escrever um romance



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**

na órbita da preferência...

Satélite

bomba flutuante



- eleva a água até 35 metros
- dispensa instalação
- garantida por 1 ano

à venda no revendedor  de sua cidade